



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado em Ensino 1º e 2º CEB
- Português e História e Geografia de Portugal

**As migrações – proposta pedagógica cruzando a Geografia
com a Educação para a Cidadania Global**

Bruna de Matos Dourado



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Bruna de Matos Dourado

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA**
Mestrado em Ensino 1º e 2º CEB
- Português e História e Geografia de Portugal

As migrações – proposta pedagógica cruzando a Geografia
com a Educação para a Cidadania Global

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Professor Doutor Gonçalo Marques

Novembro de 2020

Agradecimentos

Ao finalizar este percurso marcante e fantástico da minha vida académica, importa relembrar quem sempre contribuiu e me apoiou para que estes últimos cinco anos fossem melhor do que aquilo que eu alguma vez imaginei. Como este relatório trata-se do culminar de um ciclo, não poderia deixar então de agradecer às pessoas que o tornaram mais bonito e único.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha mãe, ao meu pai e aos meus avós, por me terem dado a oportunidade de concretizar este sonho e por todos os sacrifícios que fizeram em prol dele. Sem vocês, nada disto teria acontecido. Foram a minha maior inspiração e a vossa força foi a minha fé! Obrigada, obrigada, obrigada.

Um enorme agradecimento e reconhecimento a todos os docentes da Escola Superior de Educação, em especial, à coordenadora do curso, professora doutora Gabriela Barbosa e ao meu orientador, ao professor doutor Gonçalo Marques, por toda a dedicação, paciência e por me dar o privilégio de trabalhar ao seu lado. Levo comigo os ensinamentos que transmitiu e as palavras amigas e sábias nas horas certas. De certeza que é um exemplo a seguir por todos os alunos que passam por si e é uma das minhas maiores referências para aquilo que eu quero ser no futuro que se avizinha.

Às amizades fantásticas que fiz em Viana do Castelo, em especial à Salete Ferreira e à Andreia Machado, fica aqui registada a minha gratidão. Obrigada por despertarem o melhor de mim e por darem sentido à expressão: «Na universidade fazemos amigos para a vida!».

À minha madrinha de praxe, Marta Oliveira e aos meus companheiros de turma - Anita Domingues e João Brandão, - principalmente à Isabel Rocha, que foi o meu braço direito e a melhor parceira de estágio que alguma vez podia ter. Obrigada por todas as nossas viagens e aventuras, nunca me vou esquecer de tudo o que construímos e ultrapassámos juntas, sempre de mãos dadas e um sorriso no rosto. Espero que os nossos caminhos se cruzem muito brevemente, és uma pessoa muito especial.

Ao meu grupo de amigos da Póvoa de Varzim, particularmente à Bruna Vanessa e ao João Pedro Baptista, obrigada por todo o apoio e coragem que me deram, principalmente no início, quando a vontade de sair da zona de conforto era nula. Foram

um grande pilar durante estes cinco anos da minha vida académica e fizeram questão de estarem presentes nos momentos mais especiais, felicitando sempre as minhas vitórias e conquistas.

A todos os professores cooperantes e alunos, por todo o carinho e disponibilidade, pois sem eles, a passagem pelos vários ciclos de escolaridade não seria possível. Obrigada por fazerem parte do meu percurso profissional, levo um bocadinho de todos na minha memória.

A todas as pessoas que, de forma direta ou indireta contribuíram para que esta etapa se concluísse, o meu obrigada e um chi-coração bem apertadinho!

**«Sou um pouco de todos que conheci, um pouco dos
lugares que fui, um pouco das saudades que deixei
e sou muito das coisas que gostei.»**

Antoine de Saint-Exupéry

Resumo

Neste relatório de estágio descrevemos o percurso pedagógico efetuado no decorrer do ano letivo de 2019/2020, no âmbito da disciplina da Prática de Ensino Supervisionada, integrada no Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico.

Começámos por realizar o enquadramento das duas intervenções educativas: uma no primeiro e outra no segundo ciclos do ensino básico, abordando tópicos pertinentes como as sequências didáticas implementadas nas diferentes áreas, os recursos utilizados e as ferramentas planeadas e colocadas em prática, em formato de ensino à distância, devido à pandemia que enfrentámos nos dias de hoje.

Aqui também se encontra condensada a proposta pedagógica realizada sobre o tema das migrações, bem como a análise e interpretação rigorosa de cada atividade.

Optámos por centrar a nossa proposta numa temática particular da Educação para a Cidadania Global, uma vez que era nossa intenção dar a conhecer aos alunos a realidade vivida pelos emigrantes, imigrantes e refugiados, promovendo assim o sentimento de empatia, através de debates e atividades pensadas ao pormenor, para que, em conjunto, pudéssemos encontrar soluções para minimizar as desigualdades sociais e desconstruir mitos face a este assunto, que é tão atual e controverso.

Como técnicas de recolha de dados, recorreremos ao inquérito por questionário, respondido por treze alunos do sexto ano de escolaridade, que apenas foi possível devido à colaboração do professor cooperante da disciplina de História e Geografia de Portugal.

Situado no paradigma interpretativo, este estudo e as atividades pedagógicas seguem uma metodologia qualitativa, que visa compreender mais profundamente os problemas em torno da questão principal e investiga a razão daquilo que está por trás de certos comportamentos ou convicções.

O trabalho finda com uma reflexão global sobre o percurso realizado até aqui, dando a conhecer as perspetivas e opiniões, ao longo destes cinco anos, da investigadora.

Palavras-chave: História e Geografia de Portugal; Migrações; Educação para a Cidadania Global; Didática da Geografia;

Abstract

In this internship report we describe the pedagogical course carried out during the school year 2019/2020, within the scope of the discipline of Supervised Teaching Practice, present in the master's degree in Teaching of the First Cycle of Basic Education and Portuguese and History and Geography of Portugal in the Second Cycle of Basic Education.

We started by framing the two educational interventions: one in the first and the other in the second cycles of basic education, addressing relevant topics such as the didactic sequences implemented in the different areas, the resources used and the tools planned and put into practice, in distance learning format, due to the pandemic we face today.

Here is also condensed the pedagogical proposal made on the theme of migrations, as well as the rigorous analysis and interpretation of each activity.

We chose to focus our proposal on a particular theme of Education for Global Citizenship, since it was our intention to make known to students the reality experienced by emigrants, immigrants, and refugees, thereby promoting a sense of empathy, through debates and activities thought out in detail, so that together we could find solutions to minimize social inequalities and deconstruct myths on this subject, which is so current and controversial.

As data collection techniques, we used the questionnaire survey, answered by thirteen students, which was only possible due to the collaboration of the cooperating professor of the discipline of History and Geography of Portugal.

Situated in the interpretative paradigm, this study and pedagogical activities follow a qualitative methodology, which aims to understand more deeply the problems surrounding the main issue and investigates the reason for what is behind certain behaviors or convictions.

The work ends with a global reflection on the path made so far, making known the perspectives and opinions, over these five years, of the researcher.

Keywords: History and Geography of Portugal; Migrations; Education for Global Citizenship; Didactics of Geography;

Índice

Introdução.....	12
Parte I – Prática de Ensino Supervisionada.....	13
Capítulo I – A PES no contexto educativo do 1º CEB.....	14
1.1. Caracterização do contexto educativo do 1º CEB.....	14
1.1.1. O Meio Local.....	14
1.1.2. O Agrupamento e a Escola.....	14
1.1.3. A Turma.....	16
1.2. Percurso da Intervenção Educativa: o 1º ano de escolaridade.....	17
1.2.1. Áreas de Intervenção.....	18
Português.....	18
Matemática.....	19
Estudo do Meio Social e Físico.....	20
Expressões.....	21
1.3. Envolvimento em Projetos e Atividades da Escola.....	22
1.4. Atividade: O meio ambiente está nas nossas mãos	23
1.5. Síntese.....	26
Capítulo II – A PES no contexto educativo do 2º CEB.....	27
2.1. Caracterização do contexto educativo do 2º CEB.....	27
2.1.1. O Meio Local.....	27
2.1.2. O Agrupamento e a Escola.....	27
2.1.3. A Turma.....	29
2.2. Percurso da Intervenção educativa: o 6º ano de escolaridade e a situação nacional e mundial da pandemia.....	30

2.2.1. Observação de aulas.....	30
2.2.2. Planificação de Português.....	30
2.2.3. Planificação de História e Geografia de Portugal.....	31
2.3. Atividades de complemento à PES realizadas durante o período de ensino à distância.....	32
2.3.1. Vídeo-regência de Português.....	32
2.3.2. Vídeo-regência de História e Geografia de Portugal.....	33
2.4. Síntese.....	34
Parte II – Trabalho de investigação – Uma proposta de intervenção.....	36
Capítulo I – Introdução.....	37
1.1. Contextualização e pertinência do trabalho de investigação.....	37
1.2. Objetivos e questões de investigação.....	40
1.3. Motivação.....	40
Capítulo II – Fundamentação Teórica.....	42
2.1. A Educação Histórica: o conceito de «empatia histórica».....	42
2.2. A função da Educação Geográfica – Didática da Geografia.....	44
A Didática da Geografia.....	44
2.3. O papel da Geografia no currículo escolar do aluno.....	46
2.4. A importância das temáticas relacionadas com o mundo contemporâneo.....	49
2.5. Questão das migrações.....	50
O conceito de migração.....	52
Migrações Internacionais.....	54
Questão dos refugiados.....	55

Espaço Schengen – Europa sem fronteiras.....	57
Entidades reguladoras das migrações.....	59
Migrações em Portugal – o contexto do nosso país.....	60
Migrações e desenvolvimento.....	63
2.6. As migrações enquanto recurso pedagógico.....	63
Capítulo III – Metodologia.....	65
3.1. Opções metodológicas.....	65
3.2. Desenho da proposta pedagógica.....	66
3.3. Procedimento de descrição e análise da proposta.....	66
3.3.1. Caracterização dos participantes.....	67
3.3.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	67
3.3.3. Procedimento de análise de dados.....	67
3.3.4. Análise do questionário inicial.....	70
Capítulo IV – Descrição e análise da proposta pedagógica.....	77
4.1. Descrição da proposta pedagógica.....	77
4.1.1. Primeira sessão.....	78
Atividade 1.....	78
Atividade 2.....	78
4.1.2. Segunda sessão.....	79
Atividade 3.....	79
Atividade 4.....	84
Atividade 5.....	89
4.1.3. Terceira sessão.....	90

Atividade 6.....	90
Atividade 7.....	90
Atividade 8.....	91
Atividade 9.....	93
4.2. Análise e interpretação da proposta pedagógica.....	94
4.2.1. Atividade 1.....	94
4.2.2. Atividade 2.....	94
4.2.3. Atividade 3.....	95
4.2.4. Atividade 4.....	95
4.2.5. Atividade 5.....	96
4.2.6. Atividade 6.....	97
4.2.7. Atividade 7.....	98
4.2.8. Atividade 8.....	99
4.2.9. Atividade 9.....	100
Capítulo V – Conclusões, limitações e projetos futuros.....	100
Parte III – Reflexão Global da PES.....	105
Referências Bibliográficas.....	110
Anexos.....	116
Anexo 1.....	117
Anexo 2.....	130

Índice de tabelas

Tabela 1 – Sexo dos elementos inquiridos..... 67

Tabela 2 – Resposta dos alunos à questão nr. 5..... 74

Índice de gráficos e figuras

Figura 1 – Atividade com recurso a uma TV.....	19
Figura 2 – “O meu livro de Português”.....	19
Figura 3 – Cartaz dos peixes.....	20
Figura 4 – Dado lúdico com os números até 6.....	20
Figura 5 – Exemplos de slides com as tradições de Natal.....	21
Figura 6 – A turma do 1º ano juntamente com a lareira de Natal.....	22
Figura 7 – A turma do 1º ano juntamente com a professora titular, professoras estagiárias e representante da Resulima.....	25
Figura 8 – A turma do 1º ano juntamente com a professora titular, professoras estagiárias e professora do apoio na praia.....	25
Figura 9 – Algumas respostas dos alunos à questão nr. 1.....	70
Figura 10 – Algumas respostas dos alunos à questão nr. 5.....	75
Figura 11 – Algumas respostas dos alunos à questão nr. 6.....	76
Figura 12 – Aprendizagens em torno da temática das migrações.....	102
Gráfico 1 – Principais países de acolhimento e origem dos refugiados.....	56
Gráfico 2 – Refugiados acolhidos por Portugal e pela PAR.....	57
Gráfico 3 – O Espaço Schengen.....	58
Gráfico 4 – Saldo natural, migratório e total.....	61
Gráfico 5 – Comunidades estrangeiras em Portugal.....	62
Gráfico 6 – Respostas dos alunos à questão nr. 2.....	71
Gráfico 7 – Respostas dos alunos à questão nr. 3.....	72
Gráfico 8 – Respostas dos alunos à questão nr. 4.....	73

Siglas e Acrónimos

CEB – Ciclo do Ensino Básico

ECG – Educação para a Cidadania Global

ESE – Escola Superior de Educação

HGP – História e Geografia de Portugal

OIM – Organização Interna das Migrações

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PNL – Plano Nacional de Leitura

TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

Introdução

Este documento foi elaborado no âmbito da unidade curricular da Prática de Ensino Supervisionada, presente no plano de estudos do Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico, propinado pela Escola Superior de Educação de Viana do Castelo do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

A Prática de Ensino Supervisionada contou com duas vertentes: a do primeiro ciclo, onde fomos acolhidas por uma turma do primeiro ano de escolaridade e a do segundo ciclo, com uma turma do sexto ano de escolaridade.

Devido à rápida propagação da SARS-CoV-2 (Covid-19) e das medidas tomadas pelo Governo Português e pela Direção-Geral da Saúde, a segunda parte do estágio não foi concluída presencialmente na sua totalidade, sendo que os mestrandos tiveram de concluir as planificações das aulas, realizar duas vídeo-regências (uma para cada disciplina) e produzir as propostas pedagógicas em torno dos temas que iriam abordar com as crianças.

No que diz respeito à estrutura interna, o relatório está dividido em três partes: na primeira parte é apresentado o enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada, destinado à caracterização dos contextos educativos, às áreas de intervenção, envolvimento em projetos da escola e a uma síntese breve.

A segunda parte serve para apresentarmos a nossa proposta pedagógica de intervenção e dela fazem também parte a fundamentação teórica, as metodologias utilizadas, a conclusão e projetos futuros.

Já na terceira parte, contámos com a reflexão global da Prática de Ensino Supervisionada, que tem como objetivo fazer uma apreciação global de todo o percurso delineado e do seu contributo para o desenvolvimento pessoal e profissional de cada um dos elementos deste mestrado.

Parte I – Prática de Ensino Supervisionada

A primeira parte deste relatório é constituída por dois capítulos: o primeiro refere-se à intervenção educativa no contexto do primeiro ciclo do ensino básico, onde o estágio se realizou numa turma do primeiro ano de escolaridade.

Por sua vez, o segundo capítulo, tem uma estrutura semelhante, diferindo apenas no facto de estarem compiladas as atividades inerentes à situação de ensino à distância.

Capítulo I – A PES no contexto educativo do 1º Ciclo

Nesta parte do documento, serão abordados tópicos que permitem enquadrar a primeira fase da Prática de Ensino Supervisionada, como a descrição do meio local, do agrupamento, da escola, da turma e o percurso de intervenção educativa.

1.1. Caracterização do contexto educativo do 1º Ciclo do Ensino Básico

Segue-se a caracterização do contexto onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico, abordando e refletindo sobre o percurso efetuado ao longo de quatro meses, enquanto professora estagiária neste nível de ensino.

1.1.1. O Meio Local

A primeira passagem da Prática de Ensino Supervisionada realizou-se numa freguesia do concelho de Viana do Castelo.

O território concelhio ocupa uma área de cerca de setecentos metros quadrados e possui cerca de dois mil habitantes.

Sendo um núcleo tradicionalmente piscatório e agrícola, esta freguesia conta também com outras atividades económicas, tais como a construção civil, o pequeno comércio, indústria e artesanato (tapeçaria). Por ser uma região costeira, com fortes ligações ao mar, a apanha do sargaço é uma prática bastante comum.

Em relação a outras dinâmicas, a freguesia usufrui de um polivalente, que serve de encontro para, por exemplo, espetáculos escolares e culturais, um campo de jogos e um grupo de danças e cantares.

A freguesia possui um espaço arqueológico com uma unidade de interpretação.

1.1.2. O Agrupamento e a Escola

A escola onde se realizou a primeira fase do estágio, está inserida num agrupamento de escolas públicas de Viana do Castelo.

O agrupamento foi constituído na década de 2010 e situa-se no concelho de Viana do Castelo, abrangendo cerca de setenta e dois quilómetros quadrados.

O meio envolvente é maioritariamente rural e piscatório e, em menor área, urbano, com zonas de comércio e indústria.

É de salientar que o agrupamento dispõe de uma grande oferta formativa, pois é composto por quatorze unidades com tipologias diversas: nove Jardins de Infância, doze Escolas Básicas do 1º CEB, duas Escolas de Ensino Básico de 2º e 3º ciclo e a Escola-sede, que inclui o Ensino Secundário.

No âmbito da Educação Inclusiva, há uma unidade de atendimento especializado/multideficiência, destinada a alunos com défices de natureza motora, cognitiva, sensorial e de comunicação e três unidades de ensino estruturado/autismo.

Do agrupamento fazem parte professores de quadro do agrupamento, que agrega docentes do quadro de zona pedagógica, docentes contratados e outros colocados em mobilidade por doença.

No grupo de trabalhadores não docentes contabilizam-se mais de centena e meia de assistentes operacionais/técnicos, técnicas contratadas no âmbito do projeto TEIP (psicóloga, mediadora, animador sócio cultural), uma técnica de intervenção local, uma psicóloga escolar e técnicos das atividades de enriquecimento curricular.

No que concerne ao envolvimento escolar na vida dos alunos, o agrupamento dispõe de vários projetos, delineados no Plano Anual de Atividades, que promovem a participação dos discentes nas atividades, através de propostas dinâmicas e criativas. Estas propostas baseiam-se nos três eixos organizativos de intervenção do plano de ação do Programa de Territórios Educativos de Intervenção Prioritária: i) cultura de escolas e lideranças pedagógicas; ii) gestão curricular e iii) parcerias e comunidade.

Em relação ao local de estágio, este corresponde a um edifício em perfeitas condições, tanto para alunos, como para pessoal docente e não docente.

A edificação está dividida em duas secções: o piso de baixo, que engloba uma sala para o Jardim de Infância, cinco salas para as turmas do 1º ciclo do Ensino Básico, casas de banho/balneários, sala de arrumos, sala dos professores e salas de reuniões e no piso de cima, existem várias salas para o 2º ciclo do Ensino Básico, a Biblioteca Escolar, sala de

arrumos, sala de professores, laboratórios para as áreas de Ciências da Natureza e Ciências Físico-Químicas e salas de reuniões.

O centro escolar conta também com uma receção, cantina, reprografia, bar, sala de convívio com televisão, um pavilhão dividido em dois grandes espaços, uma sala com imenso material desportivo e um enorme recreio envolvente, com muito espaço verde e com direito a um pequeno parque infantil, cuja utilização é delineada pela direção da escola, para que todos possam ter um acesso de qualidade.

O espaço encontra-se bem equipado, uma vez que possui uma série de recursos tecnológicos: computadores, projetores, quadros interativos e colunas de som.

Todas as turmas do 1º ano que integram o agrupamento, iniciam as atividades letivas às 9h15 da manhã e terminam ao 12h45, havendo uma pausa para o lanche das 10h45 às 11h20. Depois, as aulas retomam às 14h30 e findam às 16h.

Os funcionamentos das Atividades de Enriquecimento Curricular decorrem das 16h30 às 17h30.

Quanto à carga horária, os alunos do 1º ano têm, semanalmente, seis horas de Português e Matemática, três horas de Estudo do Meio, cinco horas de Expressões Artísticas, uma hora e meia de Apoio ao Estudo e uma hora de Oferta Complementar.

1.1.3. A Turma

A primeira componente da PES foi realizada numa turma do 1º ano de escolaridade, composta por dezasseis alunos, dos quais cinco rapazes e onze raparigas, sendo que, para todas as crianças, era a primeira vez a frequentar o primeiro ano do Ensino Básico.

Todos os elementos da turma residem na freguesia em questão ou nos arredores e deslocam-se para a escola através de carro dos encarregados de educação ou a pé.

Quanto ao nível socioeconómico dos alunos, este pode ser considerado bom, uma vez que a maior parte dos encarregados de educação são todos empregados e têm a escolaridade mínima obrigatória.

Em relação às idades, todos os alunos nasceram em 2013, completando assim, em 2020, sete anos de idade.

Na turma, existe um aluno de nacionalidade espanhola, que necessita de imenso apoio, tanto a nível cognitivo, como a nível motor, uma vez que nunca frequentou a Educação Pré-Escolar e não fala português fluentemente. Apesar deste entrave, o aluno em questão nunca foi colocado de parte, tendo sido sempre acompanhado por professores do apoio, pela professora titular ou pelas professoras estagiárias durante as sessões.

Existe ainda outro caso de um aluno problemático na turma, cujo comportamento e temperamento não eram os mais adequados. Este mesmo aluno também mereceu especial atenção por parte do par pedagógico de estágio, a pedido da professora titular da turma.

Ao longo dos quatro meses de estágio, verificou-se que as crianças, tirando pequenas exceções, conhecem e respeitam as regras do bom funcionamento da escola, demonstrando assim atitudes favoráveis a um bom ambiente de sala de aula e recreio.

1.2. Percurso da Intervenção Educativa: o 1º ano de escolaridade

A primeira componente da PES teve a duração de quinze semanas, das quais três de observação e doze de implementação.

As primeiras três semanas foram extremamente fundamentais para o par pedagógico estudar e debater as estratégias a utilizar aquando da regência. Estas três semanas foram igualmente importantes, na medida em que nos ajudou a compreender os ritmos de trabalho e aprendizagem das crianças, facilidades e dificuldades, hábitos e rotinas diárias, dinâmicas e comportamentos.

Findas as três semanas de observação, estrearam-se as doze semanas de implementação, das quais duas foram intensivas, ou seja, todos os dias úteis da semana. Nas restantes, apenas lecionávamos às segundas, terças e quartas-feiras.

O estágio dividiu-se em seis semanas para cada elemento do par pedagógico, eram alternadas e cada um teve uma semana intensiva, que visava o funcionamento de uma semana completa de trabalho de um professor do 1º CEB.

A intervenção no contexto escolar foi realizada tendo por base o trabalho colaborativo, desde a fase inicial de discussão de ideias, à implementação das mesmas, sempre tendo em consideração os interesses e as aprendizagens das crianças.

Os conteúdos a lecionar eram propostos pela professora cooperante, que sempre se mostrou disponível em ajudar-nos e receber, de braços abertos, as nossas ideias e esclarecer as nossas dúvidas.

De uma forma bastante geral, a turma correspondia sempre aos objetivos que eram previamente pensados para cada sessão e, apesar dos diferentes níveis de trabalho existentes, foi, sem dúvida, uma motivação e um desafio constante ao longo da PES.

Durante a observação e implementação do grupo de estágio neste primeiro contexto, foram postas em prática estratégias de auxílio aos alunos com mais dificuldades, como o apoio individual, o feedback positivo e atividades adequadas às necessidades da turma.

Assim, este tópico servirá para abordar e refletir mais detalhadamente sobre as cinco valências do primeiro ano de escolaridade: o Português, a Matemática, o Estudo do Meio e as Expressões Físico-Motoras e Plásticas, bem como evidenciar algumas atividades didático-pedagógicas propostas pelo grupo de estágio.

1.2.1. Áreas de Intervenção

Português

Na área disciplinar de Português, todos os alunos mostravam-se empenhados a aprender os conteúdos lecionados, uma vez que estes eram quase todos novidade. Apesar do esforço e dedicação, o rendimento escolar da turma não era o melhor nesta área, pois a maior parte das crianças mostravam imensas dificuldades, nomeadamente na leitura e escrita de frases. Assim, o par pedagógico tentou criar atividades dinâmicas, enriquecedoras e que pudessem ajudar a turma nestas categorias, uma vez que foi a maior dificuldade sentida por parte dos alunos. Apesar desta mesma dificuldade, ao longo das semanas de implementação, a evolução das crianças foi bastante significativa.

Quanto aos domínios da oralidade e da gramática, por vezes era necessário corrigir alguns alunos na parte verbal de algumas palavras.

Nestas sessões, o aluno de nacionalidade espanhola fazia trabalho diferenciado, pois não tinha bases para acompanhar os restantes colegas.

Quanto aos materiais, destacam-se os cartões com os ditongos, jogo “Quem quer ser o rei dos ditongos?”, criação de uma televisão para uma atividade em que os alunos eram jornalistas e invenção de “O meu livro de Português”.

Todas estas atividades foram pensadas como estratégias complementares para a aprendizagem dos alunos, uma vez que se encontravam numa faixa etária bastante sensível.



Figura 1 – Atividade com recurso a uma TV feita de cartão e personalizada pelas professoras estagiárias



Figura 2 – “O meu livro de Português” (elaboração das professoras estagiárias)

Matemática

Na área disciplinar de Matemática, os alunos, no geral, tinham um bom aproveitamento, na medida em que o rendimento era positivo, logo o ritmo de trabalho era favorável. Apesar de haver um pequeno grupo com mais dificuldades, estas foram ultrapassadas.

Ao longo das sessões de Matemática, tentámos fomentar nas crianças o gosto pela disciplina, utilizando estratégias de descoberta e raciocínio.

O par pedagógico tentou dinamizar as sessões através da criação de diferentes recursos e o uso de material manipulável, como por exemplo, a criação de um cartaz, em forma de peixes, dos sinais de menor, maior e igual, dado lúdico com os números até seis,

criação de tarefas que envolveram o manuseamento de materiais didáticos – blocos lógicos, dominós, material multibase, ábacos, moldura do dez, figuras e sólidos geométricos e criação de um cartaz alusivo aos sólidos geométricos.

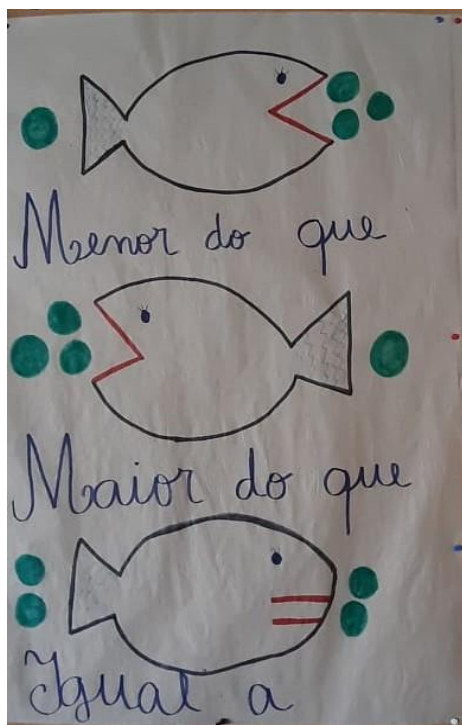


Figura 3 – Cartaz dos peixes, onde as professoras estagiárias cruzaram a componente natural e a cultural, devido à forte relação da comunidade desta região com o mar



Figura 4 – Dado lúdico com os números até 6 (elaboração das professoras estagiárias)

Estudo do Meio Social e Físico

No Estudo do Meio, tanto na componente social, como na física, o grupo mostrava-se sempre atento e revelava um aproveitamento bastante bom, pois a atitude foi sempre de curiosidade face aos assuntos tratados. Como os temas eram bastante próximos da realidade das crianças, estas facilmente correspondiam aos objetivos e eram autónomas na realização das tarefas.

Aqui, destacam-se a criação de histórias referentes a outros países do mundo, de forma a conhecer outras tradições, culturas e identidades natalícias, as experiências com

a água e os desenhos que os alunos fizeram quando as professoras estagiárias pediram que identificassem os seus itinerários escola-casa/casa-escola.



Figura 5 – Exemplos de slides de um power-point da autoria das professoras estagiárias com as tradições de Natal de alguns países

Expressões

Na parte da Educação Físico-Motora, os alunos mostraram-se sempre entusiasmados em participar nas atividades apresentadas e revelaram boas capacidades motoras, de *fairplay* e *entrajuda*.

É fundamental referir que tentámos sempre ir de encontro às preferências e gostos dos alunos, uma vez que escolhemos exercícios lúdicos e divertidos, proporcionando assim momentos de felicidade e ao mesmo tempo de aprendizagens.

Aqui, destaca-se novamente o aluno espanhol, pois ele não queria participar nas atividades físicas e notava-se que o exercício físico não era uma realidade na vida dele, sendo muito sedentário.

O que sobressaiu na Educação Físico-Motora foi o jogo que envolveu a Educação Ambiental e a aprendizagem de uma coreografia ao som de uma música do Panda e os Caricas.

Relativamente às Expressões Plásticas, a turma era empenhada na realização dos trabalhos pedidos, uma vez que eram criativos e exigentes quanto à estética dos mesmos. No entanto, existe um aluno cuja motricidade fina tem de ser ainda mais trabalhada, pois revelou pouca destreza. Mais uma vez, o aluno espanhol também demonstrava dificuldades nesta vertente.

Neste domínio, a lembrança e a exploração da lenda do dia de São Martinho, construção de uma lareira e a decoração da porta da entrada da sala de aula, são os elementos que merecem mais ênfase.



Figura 6 – A turma do 1º ano juntamente com a lareira de Natal (elaboração das professoras estagiárias)

1.3. Envolvimento em Projetos e Atividades da Escola

Ao longo das semanas de estágio neste contexto educativo, o par pedagógico teve a feliz oportunidade de presenciar diversas atividades na companhia da turma do primeiro ano, organizadas pela escola:

- **Mês da alimentação saudável:** durante um mês, os alunos foram desafiados a trazerem para o lanche da manhã e da tarde, comida saudável, como por exemplo, peças de fruta, pão com manteiga/queijo/fiambre, iogurtes, entre outros. Assim, todos os dias, a professora titular da turma apontava numa tabela o que cada criança trazia na lancheira, de forma a incentivar uma alimentação mais cuidada e variada.
- **Dia de São Martinho:** neste dia, a turma realizou atividades inerentes à festividade e foi convidada a comer castanhas no recreio da escola, juntamente com as outras turmas, corpo docente e não docente, vivenciando um momento muito importante da cultura local e das evidências etnográficas da região.
- **Peça de teatro "Plastikus":** a turma foi assistir a uma peça de teatro a Viana do Castelo, que nos conta a história, através de marionetas, de uma menina que vivia perto do mar e viu como o plástico e outros resíduos deixados na praia afetam negativamente os oceanos e as vidas, tanto humanas, como marítimas.
- **Festa de Natal:** no penúltimo dia de aulas do primeiro período, a turma apresentou à escola três canções natalícias ensaiadas ao longo do semestre com o professor de Educação Musical. Durante a manhã, também tivemos o prazer de ouvir as outras turmas do 1º ciclo a apresentarem as suas *performances*.
- **Peça de teatro "Feliz Natal, Lobo Mau":** a turma foi assistir a uma peça de teatro e realizar várias atividades à Meadela, (Viana do Castelo), mais propriamente à ACEP - Associação Cultural e de Educação Popular. A peça teatral conta a história do Lobo Mau que queria como prenda de Natal tornar-se mais meigo e simpático com os outros.

1.4. Atividade: "O meio ambiente está nas nossas mãos"

A realização desta atividade foi uma proposta pedagógica aplicada na turma do 1º ciclo da PES, sugerida pelos docentes da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, no âmbito da unidade curricular de Complementos de Temas de Ensino, com o propósito de envolver aprendizagens num contexto não-formal.

Assim, o grupo de estágio organizou uma palestra para os alunos do 1º ano de escolaridade, em parceria com uma representante da Resulima, uma saída à praia da freguesia e a realização de um cartaz alusivo ao tema da Educação Ambiental.

Todas as atividades tinham como objetivo alertar os mais pequenos para a sensibilização e consciencialização do quão importante é cuidarmos do meio ambiente, através de práticas como a separação do lixo e o tratamento do mesmo.

Uma vez que a escola constitui um fator importante de contribuição para a formação de pessoas responsáveis e solidárias, o grupo decidiu focar-se nesta temática transversal à sociedade, uma vez que integra um valor fulcral ao exercício de uma cidadania informada face às problemáticas ambientais.

Decidimos abraçar este tema, não só por ter sido uma constante ao longo das semanas de estágio no 1º CEB, mas também porque a prática da cidadania é um processo que apela à ponderação dos problemas sentidos pela sociedade, mais especificamente aos problemas ambientais, tema explorado pelo par pedagógico na turma da PES.

Assim, tentámos deixar o nosso contributo para a formação de pessoas mais conscientes e solidárias, no que diz respeito à Educação Ambiental, através de atividades simples e criativas, mas que tiveram um impacto grande e positivo nas aprendizagens da turma, sendo os objetivos principais o desenvolvimento do sentido crítico e da observação daquilo que está à nossa volta, interiorização de atitudes favoráveis face à problematização apresentada e promoção de uma cidadania ambiental ativa nas crianças, a partir da cooperação com os outros, nomeadamente professoras e colegas, através da autoconsciência, uma vez que é um tema que deve ser trabalhado logo no início do percurso escolar.



Figura 7 – A turma do 1º ano juntamente com a professora titular, professoras estagiárias e colaboradora da Resulima



Figura 8 – A turma do 1º ano juntamente com a professora titular, professoras estagiárias e professora do apoio na praia

1.5. Síntese

Ao longo de todo este percurso e com base no trabalho desenvolvido, foi possível ao par de estágio tirar conclusões boas e outras menos boas.

Desta forma, determinámos que o trabalho de um professor, apesar de todo o esforço e cansaço, é satisfatório e incrível, pois ser professor é muito mais do que exercer uma profissão e dar aulas, é também ser amigo, saber escutar e compreender, é saber conduzir os alunos na direção correta e acompanhar, é saber ajudar e respeitar.

Sabemos que nem todas as atividades correram como previstas e nem todos os momentos em que estivemos na linha da frente foram de êxito. Apesar de termos presenciado momentos de agonia e de frustração, conseguimos sempre ter a audácia de resolver os problemas na hora, criar soluções e outras estratégias de ensino e manter o foco principal: as aprendizagens dos alunos.

Olhando para trás e para todo o caminho percorrido, reconhecemos que os entraves que surgiram foram uma motivação para as próximas etapas e serviram para nos prepararmos melhor enquanto professoras, servindo de lição para intervenções futuras.

No que diz respeito às planificações e às implementações, tentámos sempre cumprir com os requisitos exigidos pelas duas partes - professora cooperante e professores supervisores - e chegar o mais próximo possível a todos os elementos da turma do primeiro ano.

Salienta-se o facto de termos diversificado o máximo possível os recursos e as atividades, pois é através destes elementos que conseguimos captar a atenção dos nossos alunos.

Efetuando um balanço final de toda esta experiência, podemos considerá-la como um desafio de crescimento pessoal e profissional que foi cumprido com sucesso.

Capítulo II – A PES no contexto educativo do 2º CEB

O capítulo apresentado debruça-se na intervenção educativa no contexto do 2º Ciclo do Ensino Básico, onde serão novamente enquadrados o contexto, o meio local, o agrupamento, a escola, a turma e o percurso de intervenção educativa.

2.1. Caracterização do contexto educativo do 2º Ciclo do Ensino Básico

Prosseguiremos então para a caracterização do contexto onde decorreu a segunda e última fase do estágio supervisionado no 2º CEB, detalhando o caminho percorrido enquanto professora estagiária neste nível de ensino.

2.1.1. O Meio Local

A segunda passagem da Prática de Ensino Supervisionada decorreu numa freguesia do concelho de Esposende.

A freguesia ocupa aproximadamente onze quilómetros quadrados e possui cerca de seis mil habitantes, segundo os censos de 2011.

Quanto às atividades económicas da freguesia, esta destaca-se pela agricultura, indústria têxtil e comércio. Por também ser uma região costeira, a freguesia está diretamente ligada a atividades marítimas, como a extração salineira e outras áreas como a produção de laticínios.

Em relação a outras valências, como, por exemplo, o património etnográfico, a freguesia conta com dois ranchos folclóricos.

Quanto ao património cultural, a freguesia dispõe de uma igreja matriz, seis capelas, moinhos e um forte.

2.1.2. O Agrupamento e a Escola

O contexto educativo onde se realizou a segunda parte da PES está inserido num agrupamento de escolas públicas de Esposende.

Este agrupamento foi constituído na década de 2010 e fazem parte dele dez estabelecimentos de ensino que abarcam o Pré-Escolar, 1º, 2º e 3º ciclos.

Quanto ao pessoal docente e não docente, o agrupamento conta com um quadro de mais de cem docentes e o serviço não docente é assegurado por uma coordenadora técnica, um coordenador dos assistentes operacionais, assistentes técnicos e assistentes operacionais.

No início do ano letivo de 2019/2020, de acordo com os dados facultados, frequentam o agrupamento cerca de mil trezentos e dezanove alunos. Do total mencionado, doze frequentam um centro desenvolvido para competências ao nível do espectro do autismo e seis frequentam um centro ao nível da multideficiência.

No que concerne à contextualização socioeconómica, cento e sessenta e cinco alunos usufruem de escalão A e de apoios da Ação Social Escolar e duzentos e trinta e um usufruem de escalão B.

Apesar do agrupamento ser relativamente pequeno, podemos verificar que no universo estudantil existem alunos oriundos de diferentes países estrangeiros, como por exemplo: Espanha, Bélgica, Reino Unido, Suíça, Rússia, Venezuela, Brasil e Estados Unidos da América.

O agrupamento aposta na oferta de um ambiente adequado ao desenvolvimento integral dos seus alunos, preocupando-se assim em proporcionar um ambiente seguro, acolhedor e estimulante em todas as escolas, promovendo espaços de diálogo com a comunidade educativa.

No que diz respeito ao edifício onde o estágio decorreu, este corresponde a uma estrutura em boas condições, com um vasto parque de estacionamento no seu exterior para carros/motas e também para os autocarros que, todos os dias, são o meio de transporte para imensas pessoas integradoras da comunidade escolar.

A escola conta com dois pisos, sendo que no primeiro está a receção, direção, casas de banho/balneários, sala de professores, cantina, reprografia, serviços administrativos, bar e uma sala de convívio para os alunos. No segundo piso temos imensas salas de aula, a biblioteca escolar, salas de arrumos e laboratórios.

O centro educativo encontra-se bem equipado, pois tem recursos tecnológicos como computadores nas salas, projetores e quadros interativos.

Em relação à matriz curricular do 2º ciclo, todos os alunos do sexto ano, têm, semanalmente, seis horas de Português e três horas de História e Geografia de Portugal, disciplinas transversais à Prática de Ensino Supervisionada.

2.1.3. A Turma

A segunda componente da PES foi realizada numa turma do 6º ano de escolaridade e era a mesma tanto para a valência de Português, como para a valência de História e Geografia de Portugal.

A turma é composta por vinte alunos, dos quais nove rapazes e onze raparigas.

Todos os alunos residem na freguesia em questão ou nos arredores e deslocam-se para a escola através de autocarro ou do carro dos encarregados de educação.

Quanto ao nível socioeconómico dos elementos da turma, este pode ser considerado bom, uma vez que apenas $\frac{1}{4}$ dos elementos usufrui de escalões A e B.

No que concerne às idades, estas estão compreendidas entre os onze e os treze anos, havendo alunos retidos.

Em relação às especificidades da turma, nela existem dois alunos de nacionalidade brasileira e um aluno que veio recentemente de França, uma aluna diagnosticada com mutismo seletivo e dois alunos medicados para o défice de atenção.

Ao longo das semanas de estágio, verificou-se que, tirando alguns casos, a turma é bem comportada e tem um rendimento suficiente.

Quanto ao aproveitamento escolar, verificou-se que muitos alunos não faziam o trabalho proposto para casa e havia falta de hábitos de estudo individual. A falta de material também era constante em alguns elementos da turma.

É de salientar a dedicação e participação ativa e constante de um pequeno conjunto de elementos.

2.2. Percurso da Intervenção Educativa: o 6º ano de escolaridade e a situação nacional e mundial da pandemia

Neste novo tópico será abordado o curto percurso interventivo em contexto de estágio e as atividades propostas e realizadas pela professora estagiária, aquando da realidade vivida em tempos de Covid-19.

2.2.1. Observação de aulas

Esta segunda intervenção em contexto educativo no 2º CEB deveria ter tido a duração de quinze semanas, das quais quatro serviriam para observação e as restantes para regência. Ao longo destas primeiras semanas, tal como no contexto do 1º CEB, conseguimos aferir algumas das dificuldades e facilidades dos alunos, os hábitos e rotinas diárias da turma e dos professores cooperantes e comportamentos e atitudes na sala de aula.

Como já referido anteriormente, a turma do sexto ano tinha um comportamento razoável, mas demonstrava poucos hábitos de estudo e de trabalho de casa, atitudes que se refletiam ao longo das sessões, principalmente na vertente de HGP, onde a falta de interesse era visível.

Ao longo destes dias de observação, os professores cooperantes sempre se demonstraram disponíveis para com o par de estágio, uma vez que nos deixavam intervir sempre que achássemos conveniente.

2.2.2. Planificação de Português

As planificações de Português focaram-se nos quatro domínios delineados pela Direção-Geral de Ensino para o segundo ciclo do ensino básico: Oralidade (O), Leitura e Escrita (LE), Educação Literária (EL) e Gramática (G) e colidiram com as Aprendizagens Essenciais de Português.

A primeira fase de planificações, que marcava o final do segundo período letivo, foi traçada pela professora cooperante, sendo que ela já tinha os objetivos e as atividades rigorosamente idealizadas.

Nas primeiras sessões, seria abordado um excerto narrativo da obra de *Robinson Crusoe* e o texto “*Um mergulho com cem anos*”, que teriam como complementos o treino de velocidade de leitura, respostas a questões do manual escolar, visionamento de vídeos, a função sintática do modificador e o teste rápido de gramática.

Ao iniciar o terceiro período, a finalidade proposta era a introdução ao texto dramático, sendo que a obra principal a ser estudada seria “*Os Piratas*”, de carácter obrigatório para este nível de ensino e reforço do Plano Nacional de Leitura (PNL) . Aqui, como complementos, teríamos o guião de leitura elaborado pela professora estagiária, visionamento e audição de partes da obra, bem como curiosidades sobre a mesma e sobre o autor, realização de exercícios, o discurso direto e o discurso indireto e um quizz final através do *Kahoot*.

Depois, seria abordado outro texto dramático: “*A constipação do Rei*”, onde se abordaria a frase simples e a frase complexa e se realizariam exercícios.

Nas últimas aulas antes do teste de avaliação, a professora estagiária tinha arquitetado uma atividade mais incomum: na biblioteca escolar, os alunos iriam reunir-se em grupos de quatro elementos de trabalho e teriam de criar um infográfico ou um poster através do *Piktochart*. Estes recursos teriam de ser relacionados com o texto dramático e conter, por exemplo, a origem do texto, características, exemplos de obras e outras informações que os alunos achassem relevantes. No final, todos os grupos de trabalho teriam de apresentar o seu conteúdo digital, justificando sempre as opções tomadas.

2.2.3. Planificação de História e Geografia de Portugal

As planificações de História e Geografia de Portugal focaram-se no tema «Portugal Hoje» e nos seus subdomínios, delineados pela Direção-Geral de Ensino para o segundo ciclo do ensino básico e abraçam as Aprendizagens Essenciais desta disciplina.

Ao meu encargo, ficaria a última unidade a ser estudada, a unidade F, que engloba os seguintes capítulos: «A população portuguesa», «Os lugares onde vivemos», «Atividades que desenvolvemos», «O mundo mais perto de nós» e «Lazer e Património».

Numa primeira abordagem, os alunos teriam de explorar as páginas introdutórias ao tema, para que os conteúdos a serem lecionados ficassem definidos, assim como pontos importantes a reter e a forma como a unidade iria ser trabalhada.

Durante estas aulas, o acesso a recursos como vídeos interativos, imagens, gráficos, mapas e fichas de trabalho seria uma constante, uma vez que são de carácter fundamental e traria uma nova dinâmica às sessões.

Seria nestas aulas que a professora estagiária implementaria as suas atividades face ao tema aqui explorado - as migrações - tendo sido selecionado pela sua atual importância.

Num primeiro momento, seria entregue a cada aluno um questionário inicial, que tinha como objetivo dar a conhecer à investigadora as conceções prévias de cada um.

Depois, a professora estagiária iria desenvolver várias atividades com a turma, de forma a trabalhar e explorar as questões das migrações.

Por último, seria entregue um questionário final, para que as ideias dos alunos fossem novamente testadas e percecionadas. O principal objetivo era entender as nuances existentes entre o conhecimento prévio, que poderia ser mais estereotipado, e o conhecimento adquirido após as sessões.

2.3. Atividades de complemento à PES realizadas durante o período de ensino à distância

Nesta parte da dissertação de mestrado, serão descritas as atividades referentes às duas vídeo-regências planeadas pela professora estagiária, bem como uma breve síntese sobre as mesmas e todos os sentimentos e aprendizagens que esta nova realidade causada pelo vírus nos trouxe.

2.3.1. Vídeo-regência de Português

Para apresentar a sua primeira vídeo-regência, a professora estagiária decidiu abordar o texto dramático com os alunos. A obra selecionada é de carácter obrigatório para o sexto ano de escolaridade, "*Os Piratas*", de Manuel António Pina e faz parte do PNL.

Para começar, a professora estagiária apresentou uma mensagem codificada, para que os alunos tentassem descobrir, de uma forma mais atrativa, o tema da sessão.

Após a descoberta do tema, a professora estagiária reforçou que o texto dramático tem como objetivo ser apresentado a um público e pode ser escrito em prosa ou verso, sendo predominantemente dialogal. Para complementar esta parte, a professora estagiária mostrou à turma um pequeno vídeo expositivo da Escola Virtual sobre a estrutura externa do texto dramático, fazendo um breve sumário no final, com a ajuda e participação dos alunos.

Para dar continuidade à vídeo-regência, a professora estagiária introduziu a obra a ser explorada e, para isso, apresentou um guião de leitura de elaboração própria sobre a cena número um da obra. Desta forma, os alunos tiveram de ler e interpretar o texto e preencher as atividades propostas do guião, que passavam por três fases: antes da leitura, durante a leitura e após a leitura.

Nos últimos minutos da aula, a professora estagiária pediu a um aluno para fazer uma breve síntese de tudo o que se tinha passado ao longo dos quarenta e cinco minutos de regência, para que, em conjunto, relembrássemos o que tinha sido abordado.

NOTA: Planificação nos Anexos (Anexo 1)

2.3.2. Vídeo-regência de História e Geografia de Portugal

Para dar início à vídeo-regência de História e Geografia de Portugal, a professora estagiária pediu aos presentes que entrassem na aplicação *Mentimeter*, a partir dos seus dispositivos móveis e cada aluno tinha de caracterizar a população de Portugal em quatro palavras. No fim de todos terem dado as suas respostas, estas foram apresentadas pela própria ferramenta *online*.

Depois, a professora estagiária apresentou um *power-point* de elaboração própria com informações e questões sobre a temática explorada – a população de Portugal. A leitura dos slides foi de inteira responsabilidade dos alunos, para que houvesse uma maior interação e participação.

O *power-point* apresentava várias fontes de informação, nomeadamente gráficos, mapas, notícias e cartazes e tinha sempre um texto informativo ao lado para complementar e auxiliar na interpretação.

Como última atividade da vídeo-regência, os alunos tiveram de entrar na aplicação *Kahoot* e responder a oito questões relacionadas com a temática. As respostas, no final do jogo, foram analisadas e discutidas, para que os alunos pudessem perceber onde responderam de forma incorreta.

Nos últimos minutos da sessão, a professora estagiária pediu a um aluno que realizasse oralmente um breve sumário daquilo de aconteceu ao longo dos quarenta e cinco minutos, de forma a desenvolver, mais uma vez, a capacidade de síntese.

NOTA: Planificação nos Anexos (Anexo 2)

2.4. Síntese

Apesar de os mestrandos não terem tido a oportunidade de estagiar no segundo ciclo do ensino básico, os professores da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo deram-nos os instrumentos e o apoio necessários para que pudéssemos experienciar da melhor forma o que é ser professor deste nível educacional, mesmo sendo um ensino à distância, completamente díspar da nossa experiência no primeiro ciclo.

De uma forma geral, esta fase que vivemos foi sem dúvida muito desafiadora e, ao mesmo tempo, compensadora, na medida que testou as nossas capacidades, muitas delas se calhar nem sabíamos que tínhamos e preparou-nos para o futuro, porque nunca sabemos aquilo que nos espera no dia de amanhã.

Sendo que um professor tem de estar em desenvolvimento constante e a par das novidades, esta experiência deixou-nos mais ricos e preparados em relação a isso.

Por vivermos numa era cada vez mais tecnológica e em *upgrading*, esta situação, apesar de triste e complicada, deu-nos a chance de conhecer e analisar plataformas que um dia mais tarde poderemos utilizar nas nossas aulas e tivemos de pôr em ação práticas que resultassem num ensino não-presencial, apelando assim à criatividade de cada um.

Assim, todos os alunos deste mestrado, levam consigo uma experiência diferente, mas que serviu de crescimento para todos nós, tendo em conta que, neste preciso

momento, estamos em tempos de pandemia e não sabemos durante quanto tempo esta experiência será útil.

Parte II – Trabalho de investigação – Uma proposta de intervenção

A presente parte do relatório condensa cinco subcapítulos, sendo o primeiro a introdução, onde se apresenta a contextualização, objetivos e motivação do estudo, o segundo contempla a abordagem da disciplina de História e Geografia de Portugal, como vínculo para a promoção da Educação para a Cidadania Global, no terceiro é exposta a metodologia implementada ao longo do trabalho, o quarto capítulo apresenta a descrição e análise da proposta pedagógica e, por fim, no quinto evidenciam-se as conclusões, limitações e projetos futuros.

Capítulo I – Introdução

No decorrer desta parte do relatório será realizada a caracterização do estudo, cuja finalidade é dar a conhecer, pormenorizadamente, o trabalho que foi realizado ao longo do segundo semestre do ano letivo de 2019/2020.

1.1. Contextualização e pertinência do trabalho de investigação

No âmbito do estágio de habilitação para a docência como professora do 1º CEB e 2º CEB de Português e História e Geografia de Portugal, foi realizado um trabalho de investigação com uma turma do 6º ano de escolaridade, que contou com participantes residentes numa freguesia do concelho de Esposende.

O estudo teve como suporte a disciplina de História e Geografia de Portugal e agregou dois dos quatorze pilares da Educação para a Cidadania Global, uma vez que: “A prática da cidadania constitui um processo participado, individual e coletivo, que apela à reflexão e à ação sobre os problemas sentidos por cada um e pela sociedade.”¹

Deste modo e sendo a escola um fator crucial para o exercício de uma cidadania ciente e instruída, o estudo focou-se na Educação para os Direitos Humanos e na Educação Intercultural, que se relacionam a uma sociedade democrática, que promove o respeito pela multiculturalidade.

Quando falámos em cidadania importa referir que:

O conceito de cidadania tem evoluído ao longo do tempo. Historicamente, a cidadania não se estendia a todos – por exemplo, apenas homens ou quem possuía propriedades, podiam ser cidadãos. Durante o século passado, passou-se gradualmente a uma compreensão mais abrangente da cidadania, sob a influência do desenvolvimento dos direitos civis, políticos e sociais. Atualmente, as noções de cidadania nacional variam de país para país, refletindo, assim, diferenças de contexto político e histórico, entre outros fatores. (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p.14)

¹ Direção-Geral da Educação. (2013). Educação para a Cidadania – linhas orientadoras. Acedido em abril de 2020, de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras_nov2013.pdf

Ao falarmos em Educação para a Cidadania Global, Margarida Serrão e Maria Clarice Baleeiro (1999) referem que: “Educar para a cidadania é construir e/ou fortalecer a autoestima, o autoconhecimento e o conhecimento dos outros, de modo a possibilitar a inserção no coletivo (...)”. Seguindo esta linha de pensamento, evidenciámos que a Educação para a Cidadania Global é um elemento essencial na formação de crianças e jovens, pois “(...) visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo.”²

Assim, sendo a escola uma janela aberta para novas descobertas e conhecimentos, os professores têm um papel significativo no que toca às aprendizagens dos alunos, pois são os formadores dos cidadãos do amanhã e, de acordo com Santos (2005), o professor é o orientador das aprendizagens e o facilitador do desenvolvimento de competências relacionais e pessoais.

O tema da investigação que tem como título “As migrações – proposta pedagógica cruzando a Geografia com a Educação para a Cidadania Global” focou-se nas conceções que os alunos têm face à problemática das migrações.

O estudo tem uma componente de investigação qualitativa, que visa compreender a realidade do ponto de vista dos participantes, aceita múltiplas realidades, procura métodos flexíveis e requer um papel ativo da parte da investigadora para a recolha de informações.

Pacheco (1993), considera que:

O interesse está mais no conteúdo do que no procedimento, razão pela qual a metodologia é determinada pela problemática em estudo, em que a generalização é substituída pela particularização, a relação causal e linear pela relação contextual e complexa, os resultados inquestionáveis pelos resultados questionáveis, a observação sistemática pela observação experiencial ou participante. A questionabilidade dos resultados impõe-se porque, mais do que o estudo de grandes amostras, interessa o

² Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2016). Educação para a cidadania global – tópicos e objetivos de aprendizagem. Acedido em abril de 2020, de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244826>

estudo de casos, de sujeitos que agem em situações, pois os significados que compartilham são significados-em-ação. (Pacheco, 1993, p.28)

De uma forma geral, as migrações humanas são o movimento de pessoas de um local de residência para outro.

Apesar das migrações serem uma das principais características do mundo globalizado atual, elas não são um fenómeno de agora: os seres humanos sempre se deslocaram de lugar em lugar ao longo de toda a História por diversos fatores, como por exemplo: pessoais, sociais, económicos e políticos.

O ato de migrar faz de um cidadão um emigrante ou um imigrante. Emigrante é aquela pessoa que deixa o seu país de origem e tem como destino outro lugar. O imigrante é a pessoa que chega a um determinado lugar para residir.

Segundo os dados da *10 Trends Shaping Migration*, estima-se que duzentas e quarenta e quatro milhões de pessoas nascidas no estrangeiro habitam num país diferente daquele onde nasceram ou no qual têm cidadania original. Se os migrantes incorporassem um só país, este seria o quinto maior do mundo em termos de população, sendo que os migrantes correspondem a 3% da população mundial.

Atendendo ao contexto atual em que vivemos e através da informação que diariamente nos chega pelo nosso telemóvel, computador ou televisão, deparámo-nos com muitas questões face a este problema, ficando na dúvida, muitas vezes, em relação às migrações e aos impactos que estas podem ter nas gerações futuras.

Os nossos alunos nem sempre estão cientes daquilo que se passa no mundo exterior, pelo que é necessário que esta temática seja aprofundada e estudada dada à sua relevância.

Assim, queremos com este tema trabalhar estas questões, no sentido de tornar os nossos alunos mais informados e aptos para fazer do planeta um lugar melhor e mais justo para se viver.

1.2. Objetivos e questões de investigação

Uma investigação envolve sempre um problema e esse mesmo problema é fundamental porque centra a investigação num domínio concreto e organiza e delimita o estudo.

Desta forma e após uma vasta pesquisa e reflexão sobre a problemática em questão e a sua pertinência, o interesse e a experiência da investigadora passam pelas seguintes questões orientadoras:

- Que ideias tácitas apresentam os alunos relativamente à temática das migrações?
- Que tipo de atividades pedagógicas poderão ser desenvolvidas relativamente ao impacto e importância das migrações na sociedade contemporânea?
- Que tipos de aprendizagens construirão os alunos em torno desta temática?

Para responder às questões de investigação formuladas no tópico anterior, foram definidos os seguintes objetivos:

- Identificação do conhecimento prévio dos alunos face a estas questões;
- Conhecimento dos alunos sobre diversos parâmetros como: as diferentes culturas que existem, os motivos que levam as pessoas a migrarem e fatores positivos e negativos das migrações;
- Promoção da empatia para com os emigrantes/imigrantes/refugiados – colocar-se no lugar do outro;
- Desmitificação face à questão das migrações.

1.3. Motivação

O tema das migrações é cada vez mais um tema polémico, uma vez que levanta questões bastante inquietantes e que colocam em causa o mundo de amanhã.

Até serem alcançados na sua plenitude, os problemas relacionados com a equidade e justiça social serão sempre atuais e controversos, daí procurarmos consciencializar e alertar os alunos para as questões das migrações.

Por ser uma temática constantemente abordada nos meios de comunicação, a investigadora sentiu necessidade de a trabalhar de uma forma mais detalhada, não só por ser uma peculiaridade da humanidade, mas também por ser uma realidade de vida não desconhecida para a generalidade das pessoas, incluindo a investigadora.

A investigadora sentiu igualmente motivação para tratar este tema, uma vez que o nosso país tem sido alvo de críticas positivas face à questão das migrações. De acordo com António Vitorino, diretor-geral da Organização Internacional das Migrações, a crise migratória irá manter-se, pelo que é necessário ter uma visão integrada. O diretor-geral da OIM afirma que: “Portugal é, cada vez mais, um bom exemplo ou talvez, lamentavelmente, uma exceção honrosa, onde nunca as migrações foram usadas para desenhar linhas de divisão política e o consenso sempre existiu.”³

Segundo António Guterres, secretário-geral da Organização das Nações Unidas, o trabalho colaborativo entre Portugal e as Nações Unidas tem sido exemplar e Portugal “será o primeiro país a aprovar um plano de ação para o compacto das migrações.”⁴

Portugal é ainda internacionalmente conhecido como um local que promove a migração segura e protegida, assegurando os direitos dos migrantes e apoiando as populações migrantes mais vulneráveis.

Num momento em que cada vez mais vemos países a fecharem as suas portas e assistimos a ataques constantes contra a dignidade humana, importa abordar e repensar esta problemática com as nossas crianças, não só para desconstruir factos falsos sobre as migrações, mas também para aprendermos a valorizar aquilo que o nosso país tem para oferecer, como viver em segurança e tranquilidade.

Em suma, o século XXI pressupõe novos desafios sociais e escolares: uma sociedade cada vez mais intercultural, exige que a escola reconsidere os seus princípios orientadores.

³ 2019, 3 de janeiro. *Diário de Notícias*.

⁴ 2019, 23 de setembro. *Diário de Notícias*.

Para atuar em concordância, é imprescindível definir a formação dos alunos sustentados em valores como a autonomia e empatia, para que se possa despertar o melhor que cada aluno tem para oferecer.

Capítulo II – Fundamentação Teórica

A fundamentação teórica consiste na pesquisa, reconhecimento e análise de documentos que contêm informações que visam contribuir para uma melhor compreensão do estudo.

Desta forma, o objetivo da revisão bibliográfica é de contextualizar a investigação e estabelecer um vínculo entre o conhecimento existente sobre a temática defendida.

Para Coutinho (2011), a revisão da literatura: “(...) não é uma tarefa fácil, mas o tempo inicialmente despendido nesta tarefa, se bem conseguida, significa enorme poupança em fases posteriores (...)”.

Assim, no decorrer deste capítulo, será apresentada a revisão da literatura face ao tema que suscitou interesse à professora estagiária. Deste modo, focar-nos-emos em seis pilares que se assumem como elementares para o estudo:

- A Educação Histórica: o conceito de «empatia histórica»
- A função da Educação Geográfica – Didática da Geografia
- O papel da Geografia no currículo escolar do aluno
- A importância das temáticas relacionadas com o mundo contemporâneo
- Questão das migrações
- As migrações enquanto recurso pedagógico

2.1. A Educação Histórica: o conceito de «empatia histórica»

Da perspetiva histórica, a origem do termo “empatia” encaminha-nos para os finais do século XIX. Esta definição tem origem no termo alemão “*Einfühlung*”, formada pelos vocábulos “*ein*” (em) e “*fühlung*” (sentimento), que significa “sentir como”.

No contexto da História, o conceito de empatia é muito mais do que ver uma pessoa, ideia ou situação pelos olhos de outra, mas sim ter uma compreensão profunda das circunstâncias envolventes.

A empatia, na educação, está relacionada sobretudo à vertente emocional do termo e tem sido vista como um pilar nas relações entre o professor e o aluno, pelos investigadores, ajudando na compreensão das atitudes das pessoas, facilitando as relações interpessoais.

Segundo Ferreira (2004), o conceito de empatia histórica mais adequado para a sua investigação, que teve como foco diversos contributos dos investigadores do conceito, é o seguinte:

Empatizar historicamente é compreender e explicar as ações dos Homens no passado, de modo a torná-las inteligíveis às mentes contemporâneas. Tal implica um amplo conhecimento do respetivo contexto histórico e a interpretação de evidências históricas diversificadas e contempladoras de diferentes perspetivas, estando também vinculado o uso da imaginação histórica. (Ferreira, 2004, p.26).

Ao compreender as crianças, o professor pode regular de forma mais explícita a sua explicação sobre qualquer conteúdo lecionado. Assim, os alunos vão atingir melhor os objetivos pré-definidos, criando aprendizagens mais consideráveis. Gonçalves (2008), citado por Juliano Pereira (2014, p.52) afirma que a atitude empática: “(...) é a busca pela compreensão do que acontece dentro do aluno, ou melhor, que procura sintonizar o significado que ele está a dar àquilo que o professor está a tentar transmitir, pode permitir que o aluno verbalize o que está a assimilar.”

A empatia histórica não implica que os alunos tenham o mesmo sentimento que o agente histórico: é fundamental que eles entendam como ele se sentiu, ou seja, que se coloquem no seu lugar. De acordo com Peter Lee, citado por Ferreira (2004, p.7):

A empatia em História é muito mais que uma conquista: é saber o que alguém (ou algum grupo) acreditou, valorizou, sentiu e procurou atingir. É estar em posição de entender (não necessariamente partilhar) essas crenças e estar em posição de considerar o impacto dessas emoções (não necessariamente senti-las). Neste sentido, a empatia está intimamente relacionada com a compreensão.

Assim sendo, a empatia é um caminho que devemos percorrer, com o objetivo de entender e analisar as ações dos agentes históricos. Para Ferreira (2004), dizer que um aluno conseguiu ter empatia histórica, é: “dizer que ele ou ela está numa posição de tecer um conjunto de crenças e valores que não são necessariamente dele ou dela.”

2.2. A função da Educação Geográfica – Didática da Geografia

A Didática da Geografia

Félix (1998) diz-nos que o ensino de qualquer disciplina está de mãos dadas com a sua natureza, com a compreensão que dela se tem e, por último, com as características do público a que se destina. As suas peças fundamentais são: “o quê?” – a disciplina; “a quem?” – o aluno e “como?” – a didática.

Quando nos confrontámos com o termo didática, importa referir que este tem diferentes interpretações, segundo teóricos neste campo, mas todos eles vão de encontro aos conceitos de ensino e aprendizagem.

Apesar de estas palavras-chave serem diferentes entre si, uma não existe sem a outra.

A didática, que é definida como: “(...) a disciplina científica que tem por objeto a otimização das aprendizagens numa situação de ensino ou de formação.” (Merenne-Schoumaker, 1999, p.9), contribuindo para a construção da identidade profissional de um futuro educador/professor, uma vez que é considerada a ciência que estuda os saberes e experiências necessárias à prática docente e, Jan Amos Comenius, na sua obra *Didactica Magna* (1651), relata as primeiras interpretações da didática como “a arte de ensinar”.

Em suma, sendo a didática um ramo da pedagogia, o seu objetivo primordial é ensinar técnicas que possibilitem a aprendizagem, com sucesso, por parte do aluno, de uma forma criativa e diferente, tendo por base as metodologias mais eficazes para se chegar a uma meta comum.

Por isso, torna-se importante formar indivíduos no sentido de: “(...) permitir a cada um atingir o máximo das suas possibilidades, preparar-se para a mudança, programar o seu próprio processo de autoformação numa escola cada vez mais «plural» (...)” (Merenne-Schoumaker, 1999, p.11).

A palavra Geografia é formada a partir de dois termos: geo – que significa terra – e grafia – que significa o conhecimento, a ciência e descrição. Este vocábulo vem do grego «*geographía*», que se traduz na descrição da Terra.

Para tratarmos este conceito, importa mencionar que ele tem uma função privilegiada no nosso quotidiano: “(...) é feita no dia-a-dia, seja através da construção de uma casa, da plantação de uma lavoura ou através das decisões governamentais ou dos grandes grupos económicos (...). Ou ainda em nossas andanças/ações individuais pela cidade (...)” Kaercher (2002).

Quando falámos em Geografia frisámos que: “A Geografia é uma das ciências que mais contribui para nos dar a imagem do mundo (...) o seu estatuto requer um forte poder de coordenação e desenvolve o espírito de síntese.” (Ribeiro, 2012). Concordámos com a afirmação, na medida em que esta área disciplinar possibilita ao aluno criar, desenvolver e carregar uma bagagem cheia de experiências e conhecimentos ao longo de todo o seu percurso escolar e contribui para uma melhor integração entre o aluno e o ambiente do qual faz parte, uma vez que ela fornece uma visão realista daquilo que nos circunda.

Para Chevallard (1991), a Didática da Geografia configura-se num sistema que tem três personagens principais: o professor, o aluno e o saber ensinado. O saber a ser ensinado caracteriza-se por ser um aglomerado de conhecimentos do pensamento humano.

As questões teórico-metodológicas da Didática da Geografia pouco se alteraram até aos dias de hoje e é imprescindível repensar a prática docente, que deve ser reavaliada. Considerando estas questões, Melo (2001) destaca que o professor deve adotar boas práticas de ensino e não uma postura de mero transmissor de conhecimentos. Para isso, cada professor deve traçar o seu próprio itinerário, apoiando-se nos métodos e nas técnicas que considera mais viáveis.

Freire (2003) confirma esta ideia, quando comenta que: “O educador que, ensinado Geografia “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica.”

Benejam (1997) complementa, afirmando que:

A Didáctica da Geografía no considera suficiente llegar a saber como son las cosas, como se distribuyen en el espácio, como ocurrieron en el tiempo o porque son así; también se propone descubrir posibles alternativas, lo que implica aceptar el conflicto y

propiciar la argumentación entre diversas opciones. El interés por encontrar políticas alternativas permite dar al alumno un papel activo, una visión de futuro y desarrollar una actitud de compromiso social y político. Este compromiso exige participación, de manera que desde una visión crítica, la escuela debe formar para tomar parte de manera activa en la vida académica, en el mundo del trabajo, en las decisiones de la comunidad y, en definitiva, en la vida política. (Benejam, 1997, p.41)

É então necessário que o professor invista constantemente na sua formação e mantenha o contacto com medidas inovadoras e metodologias adequadas a cada situação, preocupando-se com a ligação entre o saber ensinado e o saber científico.

Com o *upgrade* dos seus conhecimentos, o professor pode deparar-se com as múltiplas concepções que existem sobre as ideologias e questões relativas à sua área de ensino, atendendo assim às expectativas dos alunos e ao seu êxito. Independentemente do percurso delineado, o importante é que este conduza a bom porto e a viagem valha a pena.

Resumindo, a Geografia possui um carácter fortemente objetivo da realidade e não difere das restantes disciplinas que estudámos ao longo da nossa vida académica, uma vez que contribui para fortalecer a cultura escolar, sendo o professor o principal mediador da relação entre o aluno e o conhecimento. Deste modo, o professor deve sempre colocar o aluno no centro, assumindo uma posição ativa.

2.3. O papel da Geografia no currículo escolar do aluno

Para Christian Jean-Marie Boudou (2012), possivelmente um dia o Homem desviou o olhar do seu entorno, questionou-se sobre o que existia além do horizonte e a sua inquietação e curiosidade conduziram à questão: “Onde estamos?”. Deste modo, a história da humanidade mostra-nos que desde os primórdios que o Homem modela o espaço onde habita: ele faz a Geografia. O mesmo autor refere que: “(...) a história da Geografia começa ao mesmo tempo da história do homem na Terra.”

Segundo um dos autores da *InfoEscola*, a Geografia é uma das mais antigas ciências e os seus princípios básicos foram delineados na Europa, mais precisamente na Grécia Antiga. Devido à expansão grega, o interesse pelo estudo das novas terras

colonizadas aumentou, o que proporcionou um desenvolvimento das técnicas de navegação, contribuindo assim para uma atividade comercial mais próspera.

Mais tarde, no auge do Império Romano, a Geografia cooperou para a descrição dos portos marítimos, das rotas e escalas comerciais que os navegadores dispunham para realizarem as atividades económicas, garantindo assim a funcionalidade do Império e a eficácia quanto à proteção militar.

Depois, temos as explorações realizadas pelos portugueses nos séculos XV e XVI – os Descobrimentos. Durante estes dois séculos, os portugueses deram um novo impulso à investigação e ao conhecimento dos quatro cantos do mundo, criando uma dimensão face a esta ciência.

É então a partir do século XVIII que a Geografia foi sendo reconhecida gradualmente, sendo que só na terça parte do século XIX é que se tornou independente.

Segundo Christian Jean-Marie Boudou (2012), esta Geografia institucionalizada está ligada às necessidades do próprio século e foi aqui que surgiram as primeiras sociedades de Geografia, salientando o ano de 1871, quando se organizou o primeiro Congresso Internacional de Geografia na Bélgica.

O papel do ensino da Geografia é formar cuidadosamente e instruir os alunos, uma vez que estes serão as vozes das próximas gerações. Assim, as aulas de Geografia devem aproximar-se o mais possível dos factos com que nos deparámos, de forma a facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Plans (1969) diz-nos que:

A Geografia corresponde, principalmente, a uma realidade, sendo natural que o primeiro problema pedagógico derive da necessidade de mostrar aos alunos essa realidade (...) sem a deformar (...) Este gosto pela realidade concreta deve caracterizar a prática pedagógica de todo o bom professor nas suas aulas de Geografia. (Plans, 1969, p. 24)

Atualmente, evidencia-se cada vez mais necessário incentivar os nossos alunos para o gosto e para a aprendizagem da Geografia, não só pelos fatores citados anteriormente, mas também porque esta área curricular “(...) não pretende ser um catálogo, mas antes um livro aberto sobre o Homem, sobre a forma como ele se organiza no espaço e sobre as relações que estabelece com o meio.” (Bailly (cit. por Fernandes, 2013, p. 11).

Apesar disso, podemos verificar que, na matriz curricular desenhada pela Direção-Geral da Educação de Portugal, esta disciplina não tem o devido destaque que merece.

Analisando as matrizes curriculares, podemos constatar que no 1º CEB o Estudo do Meio é o vínculo principal do ensino da Geografia, abordando conteúdos relacionados com: “o meio natural, social e cultural.” (Félix, 1998).

No 2º CEB aparece no currículo a disciplina de História e Geografia de Portugal, que está dividida nos seguintes domínios:

- 5º ano – A Península Ibérica: localização e quadro; A Península Ibérica: dos primeiros povos à formação de Portugal (século XIII) e Portugal do século XIII ao século XVII
- 6º ano – Portugal do século XVIII ao século XIX; Portugal do século XX e Portugal Hoje.

Para Manuel Igreja (2004), o primeiro tema destina-se a sensibilizar os mais novos para a inserção do espaço que habitam em espaços mais vastos. Aqui, procura-se estimular a compreensão da importância da localização da nossa península, como ponto de partida e encontro para o Oceano Atlântico e o resto do mundo.

Ao longo do segundo tema, verificámos uma ligação com os momentos mais significativos da nossa História, que geralmente são descritos de forma sucinta e com um cunho mais narrativo. Neste tema, procura-se trazer para primeiro plano figuras marcantes da História de Portugal, uma vez que isso vai de encontro às motivações dos alunos desta faixa etária.

Segundo o mesmo autor, o último tema pressupõe que os alunos adquiram as ferramentas necessárias para compreenderem o espaço nacional nos dias atuais. As gavetas do tema estão organizadas a partir das realidades económicas, sociais e culturais do meio envolvente.

Sendo que a disciplina de História e Geografia de Portugal:

(...) resulta da integração das duas áreas do saber, História e Geografia, devendo promover-se a intradisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a mobilização de saberes adquiridos no ciclo anterior, possibilitando a realização de aprendizagens globalizantes e

significativas, com o objetivo de adquirir um conhecimento diacrónico da história e do território de Portugal. (Direção-Geral da Educação, 2018, p.2)

as escolas deveriam de entendê-las como desafiadoras, uma vez que proporcionam conhecimentos gerais e preparam os alunos para olhar para o mundo de uma forma mais aberta e ao mesmo tempo crítica e rigorosa.

Nesta linha de pensamento, teremos cidadãos cada vez mais geograficamente competentes, ou seja, cidadãos que possuem o domínio das destrezas espaciais e que demonstram ser capazes de visualizar espacialmente os factos. Além destas destrezas, são também aqueles que interpretam e analisam criticamente a informação geográfica e entendem as relações entre identidade territorial, cultural, património e individualidade regional.

De uma forma geral, é através da Geografia que as pessoas aprendem a ler e a interpretar o mundo, compreendendo e respeitando o espaço de outrem e a construírem a sua posição.

Esta unidade curricular é, não só um meio poderoso para promover a educação dos indivíduos, como também oferece um contributo positivo e fundamental para a Educação para a Cidadania, nomeadamente no âmbito da Educação Ambiental e da Educação para o Desenvolvimento.

2.4. A importância das temáticas relacionadas com o mundo contemporâneo

Um mundo e uma comunidade cada vez mais globalizadas, levantam questões pertinentes para compreendermos e conhecermos o que nos rodeia e aquilo que nos espera no futuro.

Partindo do princípio que educar e alertar para as temáticas relacionadas com o mundo contemporâneo implicam uma relação mútua entre direitos e deveres, Leite e Rodrigues (2001) anota que:

A educação para a cidadania representa mais do que a educação cívica, a educação para a civilidade ou para a participação política. A educação para a cidadania tem o sentido mais amplo de formar indivíduos promovendo a interação em contexto

comum, sendo a escola apenas um dos múltiplos lugares onde essa interação acontece. (Leite e Rodrigues, 2001, p.25)

Seguindo a ideia de que a escola é um núcleo de aprendizagens e de cultivo de boas práticas, a ECG destaca quatorze dimensões que devem ser abordadas transversalmente, tanto em áreas disciplinares, como em atividades: Educação Rodoviária, Educação para o Desenvolvimento, Educação para a Igualdade de Género, Educação para os Direitos Humanos, Educação Financeira, Educação para a Segurança e Defesa Nacional, Promoção do Voluntariado, Educação Ambiental – Desenvolvimento Sustentável, Dimensão Europeia da Educação, Educação para os Media, Educação para a Saúde e a Sexualidade, Educação para o Empreendedorismo, Educação do Consumidor e Educação Intercultural.

Todas estas temáticas são de carácter fundamental, uma vez que exploram conteúdos que contribuem para a formação de pessoas participativas e responsáveis na sociedade e estão relacionadas com múltiplos aspetos da vida dos alunos, pois a ECG concretiza-se através de experiências de vida e são reflexões que os alunos devem construir e debater em contexto formal e/ou não-formal.

Portugal é, sem dúvida, um país que não pode contestar a sua vertente migratória. Assim, consideramos que uma abordagem desta natureza é fulcral, estando esta integrada em dois tópicos da ECG.

2.5. Questão das migrações

“As migrações podem não ter dado novos mundos ao mundo, mas deram certamente novos rostos, culturas e diferenças a várias zonas do mundo.”

João Labescat (1998:83)

As migrações têm sido uma particularidade constante na história da humanidade, sendo caracterizada como dinâmica e em expansão.

A mobilidade humana tem apoiado o processo de crescimento económico mundial, contribuindo assim para o desenvolvimento dos Estados, resultando num enriquecimento e evolução das sociedades e culturas. Desta forma, podemos dizer que as migrações são uma das mais importantes formas de conexão entre os seres humanos.

O interesse pelo estudo deste fenómeno foi crescendo gradualmente e atualmente podemos afirmar que nunca como nos dias de hoje lhe foi dada tanta importância. A conjuntura económico-política da segunda metade do século XX tornou os movimentos migratórios numa das maiores problemáticas, sendo então necessário adotar medidas de alcance internacional.

A questão das migrações assume desde logo uma enorme pertinência porque constitui um acontecimento global que inclui todas as nações: “As migrações afetam atualmente as vidas de um maior número de pessoas e assumem-se como uma das questões mais importantes nas esferas políticas e económicas (...) quase nenhum país do mundo se encontra à margem das migrações internacionais ou é imune aos seus efeitos.” (Papademetriou, 2008).

O tema das migrações tem sido desenvolvido sob diversas perspetivas. Sobre este ponto de vista, Jansen (1969) afirma que:

A migração é um problema demográfico: influencia a dimensão das populações na origem e no destino; é um problema económico: muitas mudanças na população são devidas a desequilíbrios económicos entre diferentes áreas; pode ser um problema político: tal é particularmente verdade nas migrações internacionais, onde restrições e condicionantes são aplicadas àqueles que pretendem atravessar uma fronteira política; envolve a psicologia social, no sentido em que o migrante está envolvido num processo de tomada de decisão antes da partida e porque a sua personalidade pode desempenhar um papel importante no sucesso com que se integra na sociedade de acolhimento; e é também um problema sociológico, uma vez que a estrutura social e o sistema cultural, tanto dos lugares de origem como de destino, são afetados pela migração e, em contrapartida, afetam o migrante. (Clifford Jansen, 1969, p.60).

Apesar de os migrantes terem experiências comuns, a própria migração é um fenómeno desigual e complexo. Os migrantes podem ser catalogados por: género, classe social, etnia, motivo da migração, idade, forma de migração, natureza e influência na economia global.

O conceito de migração

Do latim *migratio*, a migração é o ato ou efeito de deslocar-se para outro lugar, região ou país.

Ao pesquisarmos o conceito de migração no Glossário sobre Migração, este diz-nos que:

A migração é um processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes económicos. (Organização Internacional para as Migrações, Glossário sobre Migração, p. 40).

A maior parte das definições que encontramos sobre esta palavra, leva-nos à ideia de que as migrações são um conjunto de aspetos relacionados com a deslocação de seres humanos num determinado espaço e tempo.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, as migrações correspondem à deslocação de uma pessoa “através de um determinado limite espacial”, sendo que este fenómeno tem sofrido várias alterações ao longo dos tempos (Matias, 2014, p.10). Isto significa que as migrações a que assistimos há uns anos, não são as mesmas que se verificam atualmente, uma vez que as conjeturas foram-se alterando, pois a globalização coopera para a “crescente diversidade étnica e cultural das grandes metrópoles europeias.” (Rocha-Trindade, 2009).

As migrações assumem diferentes tipologias:

- Espaço – as migrações podem ser de dois tipos: internas ou externas;
- Tempo – as migrações podem ser temporárias (sazonais, semanais e diárias) ou permanentes;
- Estatuto/Cariz – as migrações podem ser legais/documentadas ou ilegais/clandestinas;
- Forma – as migrações podem dar-se de forma voluntária ou forçada.

Existem também outros exemplos de migrações para além daquelas que já foram mencionados: as migrações de retorno, as migrações de retornados e, por fim, as migrações de *lifestyle migrations* ou *sun-seekers*, onde os indivíduos procuram uma melhor qualidade de vida, em regiões com temperaturas mais agradáveis.

Segundo Everett Lee (1966), as migrações são os movimentos que implicam uma mudança de residência permanente ou semipermanente e, na sua visão, a distância não

é considerada um critério. Por sua vez, William Petersen (1968) defende que a migração é o movimento relativamente duradouro de pessoas ao longo de uma distância significativa, afirmando que o tempo mínimo deverá ser de um ano.

Por não existir um consenso relativamente à distância, duração e consequências implicadas, as migrações são então um fenómeno dicotómico: espacial e temporal. Relativamente ao espaço, a referência pode ser realizada à alteração de morada no mesmo país ou no estrangeiro e quanto à variável do tempo, a questão sobrepõe-se à duração mínima do movimento migratório. Nas palavras de John Jackson (1991):

Em primeiro lugar teremos de encarar a migração como [...] uma marcada movimentação através de uma fronteira administrativa bem definida [...]. Em segundo lugar, a migração terá de ser um fenómeno contínuo dentro de um dado limite temporal [...]. Terceiro, a migração terá de envolver necessariamente uma transição social bem definida, implicando uma mudança de estatuto ou uma alteração no relacionamento com o meio envolvente, quer físico, quer social. (John A. Jackson, 1991, p.2).

No entanto, mais importante do que compreender o conceito de migração, é entender os motivos deste processo.

Atualmente, a migração, segundo o *European Political Strategy Centre* é mais:

- Globalizada – a migração tem vindo a tornar-se mais diversificada em termos de origens e destinos dos migrantes;
- Móvel – as mudanças tecnológicas reduziram os custos de viagem e comunicação;
- Ligada – A tecnologia reforçou as conexões entre os migrantes, uma vez que facilita o contacto entre famílias e amigos;
- Diversificada – Há uma variedade de razões para as pessoas migrarem – trabalho, estudo, família, asilo, ... - assim como formas – permanente, temporária, cíclica, ...

Migrações Internacionais

As migrações internacionais são um fenómeno em constante crescimento. Como nunca se tinha registado anteriormente, pessoas de diferentes nacionalidades que trazem consigo uma cultura enriquecida de hábitos diferentes, estão a entrar em contacto umas

com as outras, por toda a parte. Segundo os dados recolhidos pela autora do livro *Migrações e Desenvolvimento* (2017), o número global de migrantes internacionais tem vindo a aumentar nas últimas décadas, representando assim 3,3% da população.

As migrações internacionais são um dos principais fatores de transformação e de desenvolvimento dos países e/ou regiões, devido ao crescimento da mobilidade proporcionada pela evolução dos meios de transporte e das novas tecnologias de informação e comunicação.

No Glossários das Migrações, lemos que as migrações internacionais são “movimentos de pessoas que deixam os seus países de origem ou de residência habitual para se fixarem, permanente ou temporariamente, noutro país. Consequentemente, implica a transposição de fronteiras internacionais.” (Organização Internacional para as Migrações, Glossário sobre Migração, p.42).

Atualmente, as migrações internacionais são uma prioridade na agenda política mundial, uma vez que os Estados têm vindo a aperceberem-se das complexidades e das oportunidades que elas representam.

As migrações internacionais afetam países em todos os setores de desenvolvimento e de todas as correntes ideológicas e culturais. Este tipo de migração implica a circulação de pessoas cujas características sociais, culturais e étnicas são diferentes das da maioria das pessoas dos sítios para onde estão a entrar.

Segundo os dados recolhidos do livro anteriormente referido, *Migrações e Desenvolvimento* (2017), a maior parte dos migrantes internacionais são migrantes laborais, uma vez que se deslocam para trabalharem noutro país. Futuramente, estima-se que o número de migrantes internacionais continue a crescer, em resultado da globalização económica, das pressões demográficas e ambientais.

No contexto em que vivemos, é necessário assegurar que as pessoas que se deslocam de um lugar para outro possam beneficiar das regalias que têm ao abrigo do direito internacional.

Apesar de os Estados terem o direito de determinar as suas regras, estas não podem deixar de assegurar que estejam vinculadas com os Direitos Humanos. Assegurar

que os migrantes podem viver em harmonia na sociedade que lhes acolheu, não é apenas uma questão de princípios, mas também de interesses e benefícios mútuos.

Questão dos refugiados

De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, os refugiados são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Para estes indivíduos, é muito perigoso regressar ao seu país, portanto, precisam de um lugar para viver tranquilamente.

As causas do deslocamento forçado ou involuntário são muitas: violência, violação dos Direitos Humanos, perseguições ou catástrofes naturais. Embora a insegurança e os conflitos armados continuem presentes em pleno século XXI, como demonstram os casos da Síria e Afeganistão, as questões da insegurança alimentar, alterações climáticas e desastres naturais, têm um papel cada vez mais dominante, em regiões como o Sahel e a China.

Os principais destinos das pessoas refugiadas são os países vizinhos ou países desenvolvidos, como demonstra o gráfico a seguir:

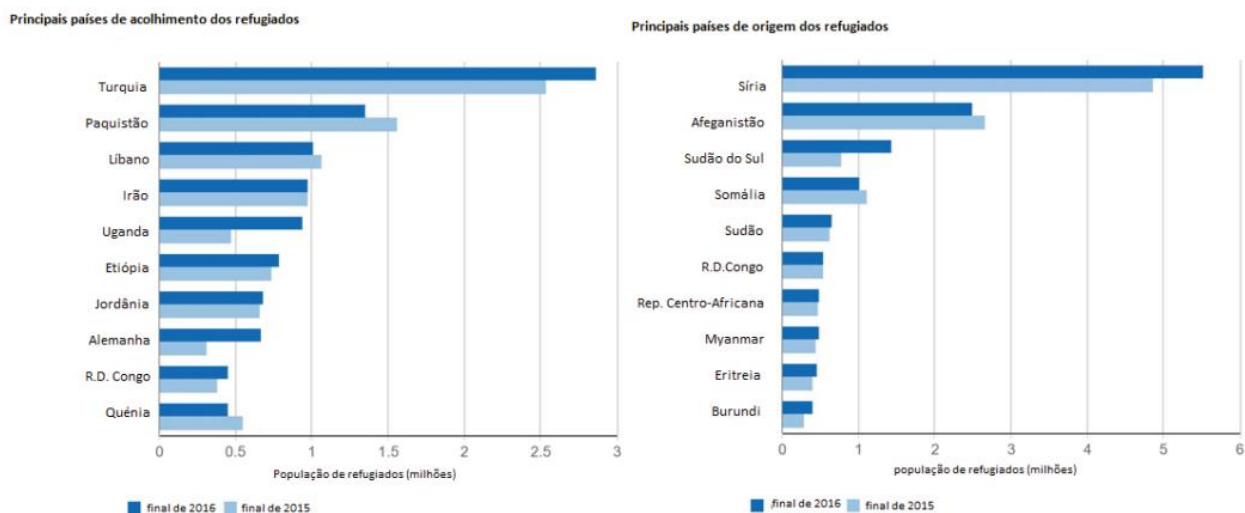


Gráfico 1 - Principais países de acolhimento e origem dos refugiados (Fonte: Migrações e Desenvolvimento – 2017)

Os refugiados são populações especialmente vulneráveis, uma vez que, nas várias rotas migratórias, perdem-se muitas vidas. Em 2015, o número oficial de migrantes que faleceram ou desapareceram durante a deslocação chegou a cinco mil e quatrocentas pessoas. Segundo informações do *10 Trends Shaping Migration*, por cada cinquenta chegadas à Europa por via marítima, uma pessoa acabou por falecer no ano de 2017.

Atendendo aos números das Nações Unidas, em 2016, uma em cada treze pessoas no mundo era deslocada interna, refugiada ou requerente de abrigo.

Relativamente às pessoas que rogaram proteção internacional em Portugal, no ano de 2016, foram requeridos mil quatrocentos e sessenta e nove pedidos de asilo, sendo a maior parte de cidadãos sírios, ucranianos e iraquianos.

Desde o final de 2015 até fevereiro de 2018, Portugal recebeu mil seiscentos e setenta e quatro refugiados, tal como nos demonstra o gráfico: mil cento e noventa e duas pessoas vieram da Grécia, trezentas e quarenta pessoas de Itália e foram acolhidos cento e quarenta e dois refugiados ao abrigo do Programa de Reinstalação da Turquia.

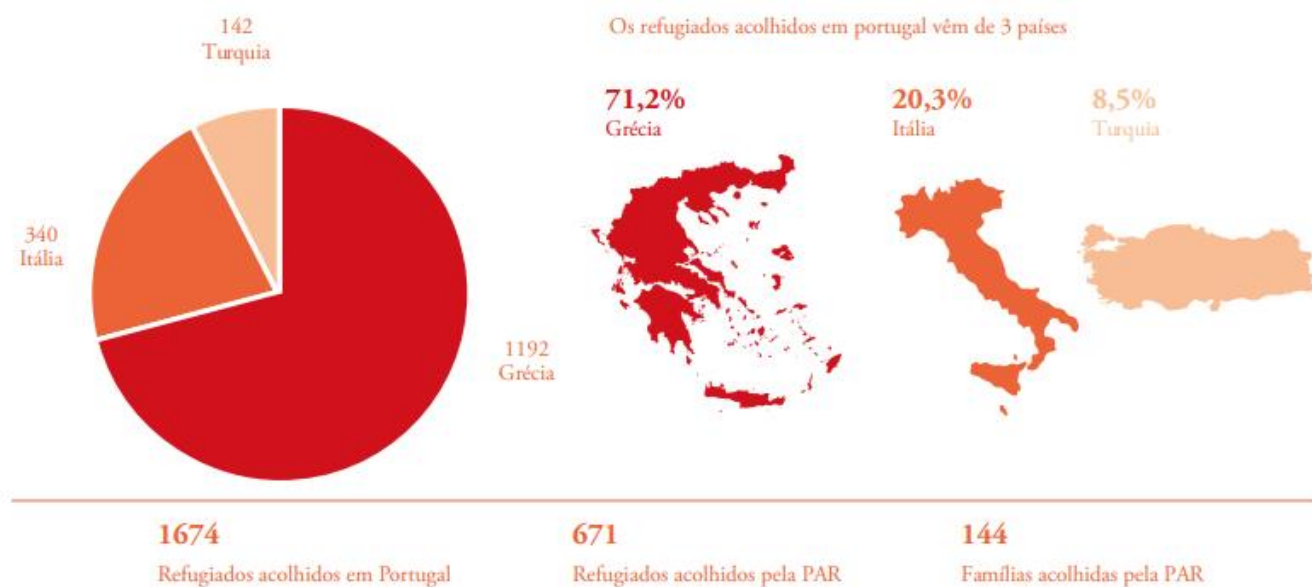


Gráfico 2 - Refugiados acolhidos por Portugal e PAR (Fonte: Casa Comum – Migrações e Desenvolvimento em Portugal)

Espaço Schengen – Europa sem fronteiras

O Espaço Schengen é o nome dado ao território formado por estados europeus, que oferecem uma política de abertura fronteiriça.

A criação deste espaço começou em 1985, quando cinco Estados-Membros da União Europeia decidiram anular o controlo das suas fronteiras. Num continente onde antigamente as nações lutavam pela defesa dos seus territórios, hoje eles estão apenas delineadas nos mapas.

O desenvolvimento do Espaço Schengen é um dos maiores feitos da EU e é irreversível, visto que alimentou um clima de confiança e segurança com a livre circulação de pessoas e bens.

Mesmo que não exista um controlo nos limites dos países, os cidadãos devem andar sempre com o seu documento de identificação ou passaporte. Assim, neste espaço, a não ser que exista uma ameaça à segurança nacional, os cidadãos não são sujeitos a qualquer tipo de fiscalização.⁵

⁵ Adaptado de
https://ec.europa.eu/homeaffairs/sites/homeaffairs/files/elibrary/docs/schengen_brochure/schengen_brochure_dr3111126_pt.pdf

O Espaço Schengen

- Estados-Membros da União Europeia que fazem parte do Espaço Schengen
- Estados-Membros da União Europeia que não fazem parte do Espaço Schengen
- Países terceiros que fazem parte do Espaço Schengen

AT	Áustria
BE	Bélgica
BG	Bulgária
CH	Suíça
CY	Chipre
CZ	República Checa
DE	Alemanha
DK	Dinamarca
EE	Estónia
EL	Grécia
ES	Espanha
FI	Finlândia
FR	França
HR	Croácia
HU	Hungria
IE	Irlanda
IS	Islândia
IT	Itália
LI	Listenstaine
LT	Lituânia
LU	Luxemburgo
LV	Letónia
MT	Malta
NL	Países Baixos
NO	Noruega
PL	Polónia
PT	Portugal
RO	Roménia
SE	Suécia
SI	Eslovénia
SK	Eslováquia
UK	Reino Unido

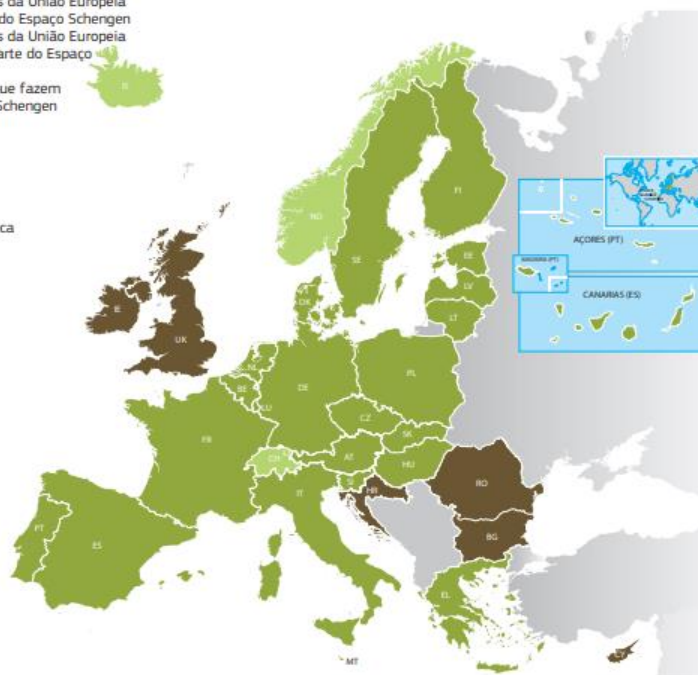


Gráfico 3 – O Espaço Schengen (Fonte: Espaço Schengen – Migração e Assuntos Internos)

Nos dias de hoje, o Espaço Schengen abrange 26 países europeus e, fazer parte deste acordo, significa não efetuar controlo nas fronteiras internas e efetuar controlos pacíficos nas fronteiras externas. Consequentemente, tanto os cidadãos da EU, como os de países terceiros, podem viajar livremente dentro desta zona.

Para garantir a segurança dentro do Espaço Schengen, os países trocam informações a fim de travar a criminalidade e o terrorismo. Assim, os controlos efetuados pela polícia são reforçados, existindo até equipas conjuntas.

Muitas pessoas, motivadas pela instabilidade política dos seus países de origem, têm escolhido a Europa para começar do zero. O recente fluxo de refugiados fez com que se levantassem e colocassem imensas questões e, consequentemente, alguns países

suspenderem o acordo, como foi o caso da França ou da Itália. A cessação temporária dos acordos é lícita e está prevista na legislação.⁶

Certos territórios temem o regresso de possíveis terroristas. Sobre este assunto, António Guterres, garante que: “Os movimentos terroristas e os movimentos de combatentes não se fazem metendo-se em barcos que podem afundar. Essa gente que se mete num barco que pode afundar, com família, não é para vir pôr bombas, é para salvar as duas vidas. Se for para vir pôr bombas, há outras maneiras mais eficazes.”

Segundo a *Economist*, este acordo contribuiu para o desenvolvimento da economia europeia, fomentando parcerias económicas e o turismo.

É neste contexto inédito de pandemia, devido à Covid-19, que o Espaço Schengen celebra ¼ de século, tendo sido comemorado por videoconferência a 17 de março de 2020.

Entidades reguladoras das migrações

“Não existe uma autoridade mundial competente para regular as migrações, nem códigos ou tratados internacionais aplicáveis aos movimentos migratórios.” (Matias, 2004, p.15)

Concordámos com a afirmação exposta em cima, uma vez que não existe qualquer entidade oficial responsável para pôr em prática uma lei geral para os movimentos migratórios. Isto significa que cada Estado tem a possibilidade de decidir se aceita ou não imigrantes e/ou refugiados. Desta forma, “caberá aos Estados definirem que imigração pretende receber e em que dimensão.” (Matias, 2004, p.15-32).

Todavia, existem organismos e plataformas, alguns mencionados ao longo deste documento, que desenvolvem projetos e ações à escala mundial e ajudam os migrantes a encontrarem as melhores soluções e condições:

⁶ Adaptado de https://ec.europa.eu/homeaffairs/sites/homeaffairs/files/elibrary/docs/schengen_brochure/schengen_brochure_dr311126_pt.pdf

- Organização Internacional para as Migrações (OIM)
- Alto Comissários das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)
- Alto Comissário para as Migrações (ACM)
- Centros Locais de Apoio à Integração de Imigrantes (CLAI) – centro de ação social português
- Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR) – plataforma portuguesa de apoio aos refugiados

Migrações em Portugal – o contexto do nosso país

O nosso país é um dos Estados-Membros da União Europeia com uma das taxas mais elevadas de emigração e mais baixas de imigração. Tendo sido ao longo dos tempos um país de emigração, Portugal tem vindo a tornar-se igualmente num país de imigração, nas últimas três décadas.

Segundo Patrícia Magalhães Ferreira (2017), ao longo do século XIX e XX, a população portuguesa teve altas taxas de emigração, tendo 1969 sido considerado o ano de maior emigração. Esta condição foi rapidamente compensada com as altas taxas de natalidade e o aumento da população residente em 1974 e 1975, fruto da revolução do 25 de abril. Baganha (1990), elucida-nos que durante este período, mais de dois milhões de pessoas saíram de Portugal em direção a países como a França e Alemanha.

Nos dados recolhidos pela primeira autora citada em cima, o saldo migratório voltou a ser positivo a partir dos meados dos anos 1990 e o ano de 2010 marcou uma tendência inversa gerada a partir de dois porquês: a diminuição do número de imigrantes e a crise económica.

Dados do Observatório da Emigração e do Instituto Nacional de Estatística, mostram-nos que nos anos de 2013, 2014 e 2015, a saída média de portugueses para o estrangeiro ultrapassou as cento e dez mil pessoas por ano, intensificando-se no final deste período. Ao contrário dos ciclos de emigração anteriores, a emigração portuguesa dos anos 2000 é mais diversificada em termos de destinos.

Desta forma, Portugal é considerado o 27º país do mundo e o 2º país da Europa com mais emigrantes. Estima-se que mais de 22% dos cidadãos portugueses residam fora do país, tendo como principal destino países europeus, nomeadamente a França e o Reino Unido.

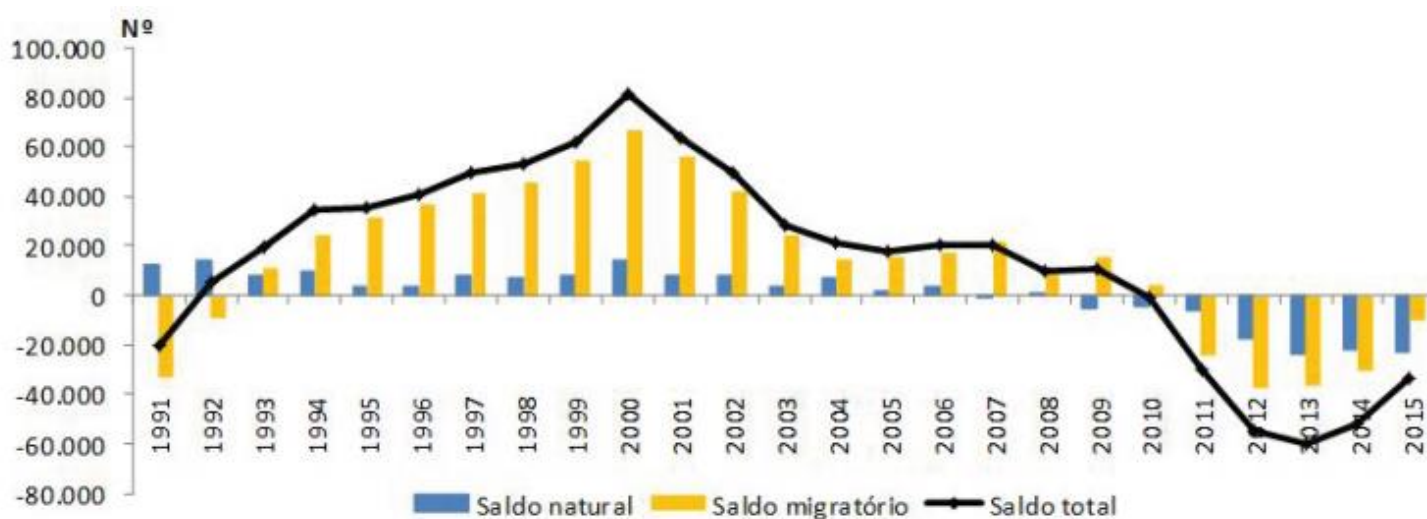


Gráfico 4 – Saldo natural, migratório e total (Fonte: Migrações e Desenvolvimento – Saldo natural e saldo migratório em Portugal, 1991-2015)

Relativamente à imigração, Patrícia Magalhães Ferreira (2017) apresenta-nos que Portugal tem uma percentagem de imigrantes abaixo da média da União Europeia. Entre o regresso e a repartição de muitos portugueses e a receção de estrangeiros vindos de todos os cantos do mundo, a população nacional ganhou uma enorme diversidade. Sem os imigrantes, Portugal teria uma população muito mais reduzida em números, mais pobre e envelhecida, já que o nosso quadro quase sempre apresentou um número de idosos relativamente maior ao número de jovens.

Na maior parte dos casos, a imigração do nosso país é uma realidade complexa e multidimensional: é caracterizada pela imigração sazonal (agricultura ou turismo), imigração temporária e a imigração a longo termo.

Até meados da década de 60, o número de estrangeiros residentes em Portugal era reduzido e formado por pequenos grupos de nacionalidade europeia.

O aumento dos imigrantes ocorreu no período imediatamente a seguir à Revolução dos Cravos, com fluxos predominantemente vindos dos PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - e um contingente estável de brasileiros, que ganhou impulso nos anos 80.

Na década de 90, as pessoas oriundas da Europa de Leste começaram a chegar ao nosso país, que constitui uma das novas realidades da atual corrente migratória.

O rápido crescimento da imigração em Portugal teve três fatores: o mercado de trabalho, a ausência durante a década de 80 de mecanismos de controlo da imigração e a formação de redes que não só apoiam, como estimulam novos fluxos migratórios. (Machado, 1997).

Na atualidade, como nos apresenta o gráfico seguinte, a comunidade brasileira continua a ser a predominante em Portugal.

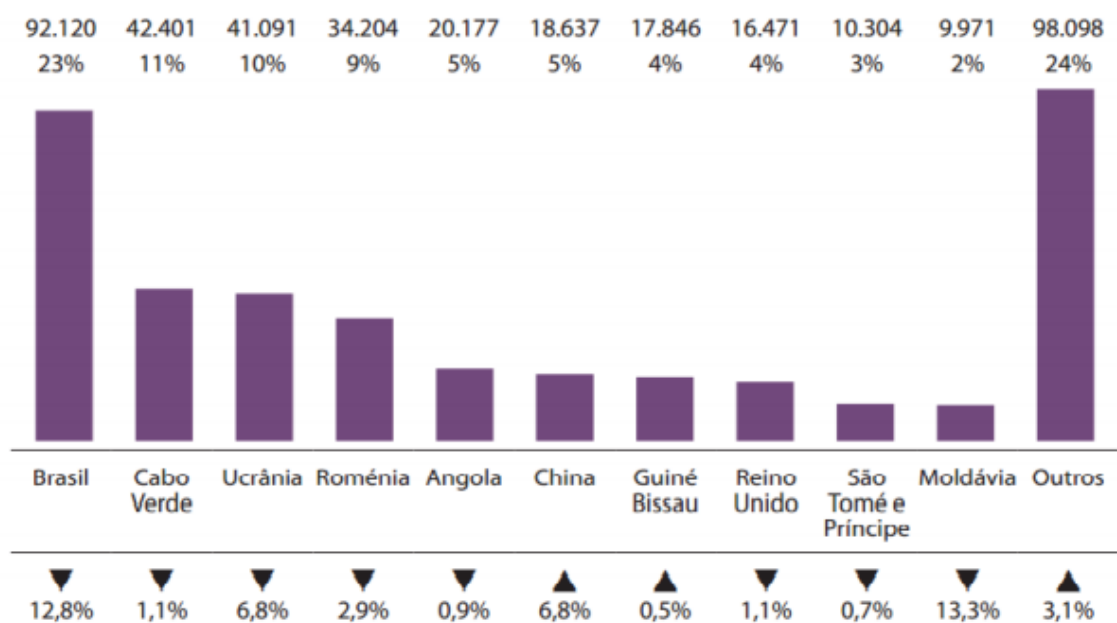


Gráfico 5 – Comunidades estrangeiras em Portugal (Fonte: RIFA, 2013 – População estrangeira residente em Portugal)

Migrações e desenvolvimento

Discutir e desvendar os impactos das migrações é essencial para aumentar o conhecimento e desenvolver táticas que possam maximizar os efeitos positivos e mitigar os efeitos negativos.

O contributo dos migrantes para o desenvolvimento económico e social é salientado em vários documentos e estratégias no plano internacional, mas, em contrapartida, é raramente consubstanciado em estudos ou provas concretas, como refere a autora do documento Migrações e Desenvolvimento (2017).

Segundo Castles (2000), o processo de desenvolvimento de um país gera migrações, já que a melhoria das condições de vida, nomeadamente económicas e educacionais, proporcionam uma procura de oportunidades mais ricas.

Quanto aos países de origem dos migrantes, o contributo mais visível são as remessas que são enviadas todos os anos para as famílias. Segundo os dados do Banco Mundial, em 2016 estas tinham ultrapassado os 575 mil milhões de USD (*United States Dollar*). Para Puri e Ritzema (1999), estas remessas dependem do desempenho económico e político e da estabilidade das taxas de juro e cambial do país de origem e ainda das características económico-sociais.

Como o número de migrantes que vivem e trabalham fora do seu país de origem cresceu, as remessas aumentaram constantemente ao longo dos tempos, sendo agora três vezes maior que o ODA - *oficial development aid*.

Já nos países de acolhimento, a imigração supre carências de mão-de-obra.

Todos estes impactos não significam que não existam riscos: os países de origem podem sofrer a perda de pessoas qualificadas e nos países de acolhimento pode haver um subaproveitamento das competências dos migrantes.

2.6. As migrações enquanto recurso pedagógico

A Geografia pode e deve permitir que os alunos participem de forma ativa na comunidade em que se inserem, uma vez que os jovens estão a crescer num mundo em que enfrentam questões sobre as quais há opiniões cada vez mais polarizadas. Formular

e fundamentar juízos sobre temas como as migrações, possibilita aos alunos de hoje reunirem *skills* para serem cidadãos geograficamente competentes.

Assim, a migração é uma questão fundamental no currículo da Geografia do século XXI, porque é um tópico com uma relevância óbvia e crescente. É igualmente um tópico desafiador de se abordar em contexto de sala de aula, uma vez que os alunos podem ter concessões completamente distintas umas das outras.⁷ Desta forma, as crianças devem ser incentivadas a pensar nas suas próprias experiências de vida e a entenderem as perspetivas de outras pessoas, fomentando aqui a empatia pelo outro.

As escolas são um ambiente-chave no que toca às questões das migrações e os professores precisam de ter a habilidade e a confiança necessárias para apoiar os seus alunos, pois estes temas de cariz mais frágil tendem a ser vistos como controversos, particularmente quando são altamente debatidos politicamente.⁸

Segundo a *Our Migration Story*, as escolas são lugares essenciais para os alunos considerarem e aprenderem sobre o mundo em que vivem. Se evitarmos ou escondermos as situação desumanas que se passam à nossa volta, podemos deixar os jovens despreparados para o mundo que os espera. Assim, os autores estabelecem sete parâmetros que os professores devem ter em conta ao abordar o tema foco deste relatório de estágio:

1. No início da sessão, os alunos devem ser preparados para o conteúdo que vão descobrir e explorar;
2. Deve estabelecer-se regras básicas com os alunos de forma colaborativa;
3. Deve fazer-se comentários ou perguntas “provocativas” como oportunidade para trazer opiniões mais amplas e diferentes;
4. Não se deve evitar expressões mais contenciosas, pois devem ser clarificadas e discutidas;
5. Incentivar os alunos a refletirem sobre as suas próprias experiências;
6. Se surgir alguma frustração, esta deve ser explorada em forma de atividade(s);

⁷ Adaptado e traduzido de <https://www.ourmigrationstory.org.uk/>

⁸ Adaptado e traduzido de <https://www.migrationmuseum.org/>

7. O uso de testemunhos pessoais é imprescindível e deve ser mostrado de forma a validar os conteúdos.

Capítulo III – Metodologia

No desenrolar do terceiro capítulo, iremos descrever a metodologia de investigação e as diversas opções adotadas que orientam esta investigação.

Seguidamente, iremos proceder à descrição do desenho da proposta pedagógica, bem como ao procedimento de explicação e análise da mesma.

3.1. Opções metodológicas

A investigação, como processo rigoroso de interpretação da realidade, exige-nos um conhecimento aprofundado de métodos e técnicas que a permitam desenvolver. Desta forma, só assim é possível oferecer contributos positivos para o conhecimento dos processos envolvidos no ensino, aprendizagem e educação.

O conceito de paradigma de investigação, segundo Coutinho (2005), pode definir-se como um conjunto de valores conhecidos, teorias comuns e de regras que são aceites por todos os elementos de uma comunidade científica, num certo momento histórico.

Este conceito deve-se ao historiador Thomas Kuhn, que o defende como sendo: “(...) o conjunto de crenças, valores, técnicas partilhadas pelos membros de uma dada comunidade científica e, sem segundo, como um modelo para o «que» e para o «como» investigar num dado e definido contexto histórico/social.” (The Structure of Scientific Revolution, 1962).

Neste sentido e de acordo com esta linha de interpretação, é fundamental definir o problema e as questões de investigação, para que compreendamos em que tipo de paradigma nos situámos.

Sabendo que “os paradigmas são o referencial filosófico que informa a metodologia do investigador” (Coutinho, 2014, p.22), privilegiou-se a metodologia qualitativa, visto que o principal objetivo é “compreender os fenómenos na sua totalidade e no contexto em que ocorrem” (p. 329), ou seja, o foco da investigação qualitativa é a compreensão mais

aprofundada dos problemas e os motivos pelos quais existem certas atitudes e convicções.

Na investigação qualitativa, não existem, no geral, preocupações com a dimensão das amostras, nem com a generalização dos resultados obtidos, sendo o investigador o principal meio de recolha de informação.

Não é tarefa fácil encontrar uma definição correta e unívoca para a investigação qualitativa: “alguns documentos limitam-se a considerar qualitativa a investigação que «não é quantitativa». (Wiersma, 1995, p.12). Desta forma, a nível concetual, a perspetiva qualitativa investiga ideias e descobre significados a partir da perspetiva dos intervenientes e, a nível metodológico, baseia-se no método intuitivo, “porque o investigador pretende desvendar a intenção, o propósito da ação, estudando-a na sua própria posição significativa, isto é, o significado tem um valor enquanto inserido nesse contexto.” (Pacheco, 1993, p.28).

De uma forma muito sucinta, esta investigação aceita múltiplas realidades sociais e individuais, visa compreender a realidade do ponto de vista dos participantes, procura a subjetividade e requer a imersão do investigador para recolher os dados, uma vez que “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto.” (Bogdan & Biklen, 2013, p.48).

3.2. Desenho da proposta pedagógica

Esta investigação pretende implementar uma proposta didática que tem como objetivo os alunos aprofundarem e conhecerem a realidade vivida pelos migrantes e pelos refugiados, construindo assim conhecimentos sólidos, baseados em factos e dados reais e desmitificar *fake news*, que apelam ao medo e à rejeição.

3.3. Procedimento de descrição e análise da proposta

A sugestão pedagógica aqui apresentada contém nove atividades e está dividida em três sessões: uma sessão deve ter a duração de aproximadamente quarenta e cinco minutos e as outras duas aproximadamente noventa minutos.

3.3.1. Caracterização dos participantes inquiridos

Esta pequena parte da investigação contou com a colaboração de treze alunos do 6º ano de escolaridade, matriculados numa escola pública pertencente ao concelho de Esposende.

Para reunir e tratar os dados, a professora estagiária recorreu à ajuda do professor cooperante da disciplina de HGP, uma vez que a situação determinada pela Covid-19 não permitiu à investigadora compilar os dados presencialmente.

Como indica a tabela em baixo, seis alunos são do sexo masculino e sete são do sexo feminino, ou seja, 46,2% dos elementos são meninos e 53,8% são meninas.

Sexo	f	%
Masculino	6	46,2
Feminino	7	53,8

Tabela 1 – Sexo dos elementos inquiridos

3.3.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Para recolher todos os conhecimentos apresentados e necessários ao estudo, a professora estagiária recorreu ao inquérito por questionário. Assim, foram selecionadas um conjunto de perguntas com o propósito de perceber os pontos de vista dos alunos face à temática explorada e a investigadora utilizou este instrumento, uma vez que o questionário é “(...) um meio eficiente e rápido de obtenção de dados para uma investigação.” (Teddlie & Tashakkori, 2009).

3.3.3. Procedimentos de análise de dados

Os dados foram agrupados com base nos objetivos pré-definidos e nos três núcleos que estruturam o saber histórico e geográfico, de acordo com o documento curricular das competências essenciais da disciplina de História e Geografia no Ensino Básico: o *Tratamento de Informação/Utilização de Fontes*, a *Compreensão Histórica* e a *Comunicação em Histórica* (ME-DEB, (2001). Currículo Nacional do Ensino Básico:

Competências Essenciais. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica), que se estruturam como as principais categorias de análise definidas pela professora-investigadora.

No quadro seguinte, são definidas as experiências de aprendizagem expectáveis e consentâneas a cada competência específica, tendo como base as experiências de aprendizagem definidas para o 2º CEB (área de HGP) no documento das Competências Essenciais.

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

AFERIÇÃO DE COMPETÊNCIAS DE LITERACIA HISTÓRICA E GEOGRÁFICA NO 2ºCEB

(fonte: elaboração própria com base em ME-DEB, 2001, adaptado)

Competências Específicas	Descritores e experiências de aprendizagem
<p>Tratamento de Informação/Utilização de fontes</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Utilização de técnicas de investigação: observar e descrever aspetos da realidade social; recolher, registar e tratar diferentes tipos de informação; identificar problemas; formular hipóteses simples e elaborar conclusões simples. • Interpretação de informação diversa e com diferentes perspetivas.
<p>Compreensão Histórica</p> <p><i>Temporalidade</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação dos conceitos de mudança/permanência na caracterização das sociedades; • Identificação e caracterização de alterações significativas da sociedade portuguesa;

3.3.4. Análise do questionário inicial

Foi através do questionário inicial que a investigadora conseguiu entender as convicções prévias dos inquiridos.

A primeira pergunta: “Quando olhas para Portugal hoje, que país vês?”, visava apurar aquilo que os alunos pensam sobre o nosso país e constatámos que eles olham para Portugal como um lugar que atrai as pessoas, nomeadamente por causa da segurança, ofertas de emprego, educação, população acolhedora, cultura enriquecida e gastronomia.

Os alunos também evidenciaram que o nosso país é evoluído e organizado no que toca aos vários setores de atividades, envelhecido, de emigrantes e imigrantes e que a população se concentra mais nas grandes cidades e junto ao litoral.

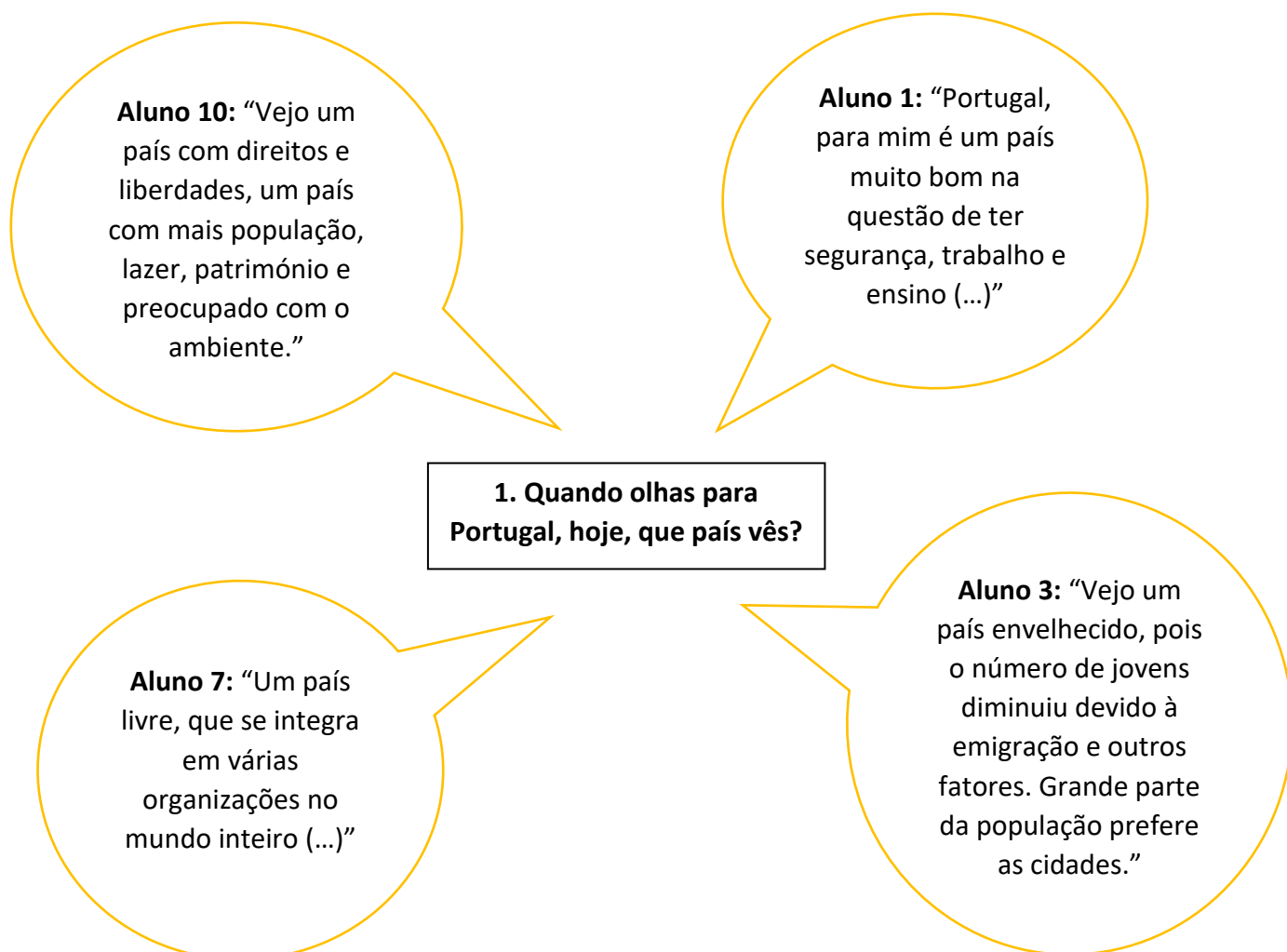


Figura 9 – Algumas respostas dos alunos à questão nr. 1
(elaboração própria)

A seguinte questão: “Ao reparar e estudar a população portuguesa, consideras que somos um país de emigrantes ou de imigrantes? Justifica a tua resposta.” permitiu à investigadora perceber se os inquiridos caracterizam Portugal como um país de emigrantes ou imigrantes, sendo que a maior parte das respostas ditou que o nosso país é de emigrantes. Um dos alunos respondeu apenas que somos um país com muita população.

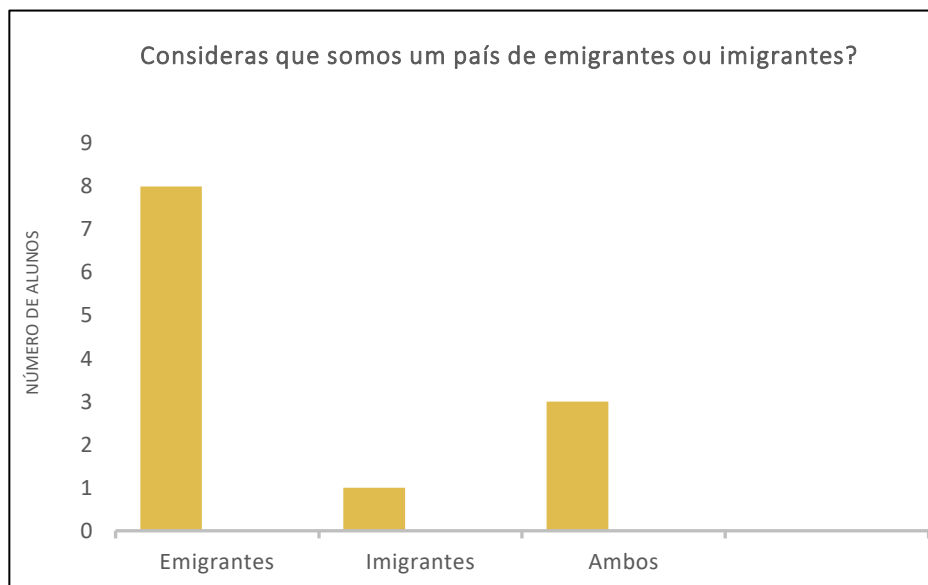


Gráfico 6 – Respostas dos alunos à questão nr.2

Quanto à justificação, os inquiridos responderam que Portugal é um país de emigrantes por razões maioritariamente financeiras, uma vez que há muito desemprego e os salários são baixos em comparação a outros países. Fundamentaram a partir de percentagens, muito provavelmente consultadas no manual escolar ou na internet.

Ao olhar detalhadamente para os dados fornecidos pelos alunos do 6º ano de escolaridade no que diz respeito à terceira questão, verificámos que as opções mais escolhidas, por ordem decrescente de percentagem, foram:

- Países Europeus – 30%
- Brasil – 23%
- Estados Unidos da América – 19%
- Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) – 9%
- Canadá – 7%

- China – 7%
- África do Sul – 3%
- Oceânia – 2%

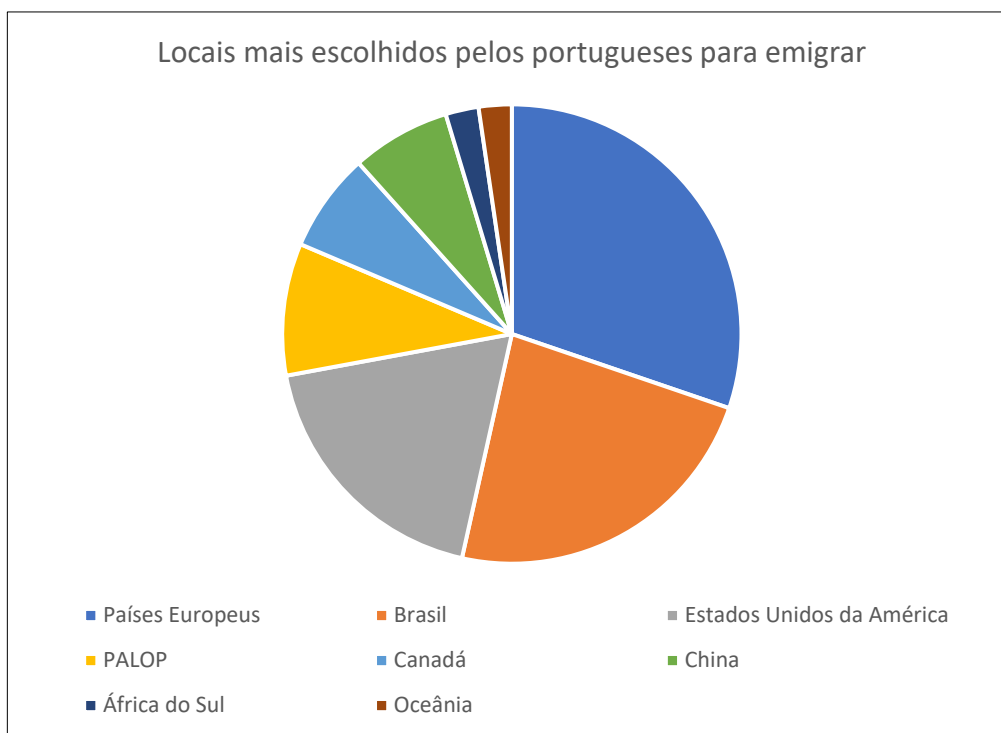


Gráfico 7 – Respostas dos alunos à questão nr.3

No quarto item, os alunos escreveram que os países que trazem mais imigrantes para Portugal são, por ordem decrescente de percentagem:

- Brasil – 30%
- China – 22%
- PALOP – 20%
- Europa de Leste – 17%
- Europa Ocidental – 5%
- Marrocos – 3%
- Venezuela – 3%

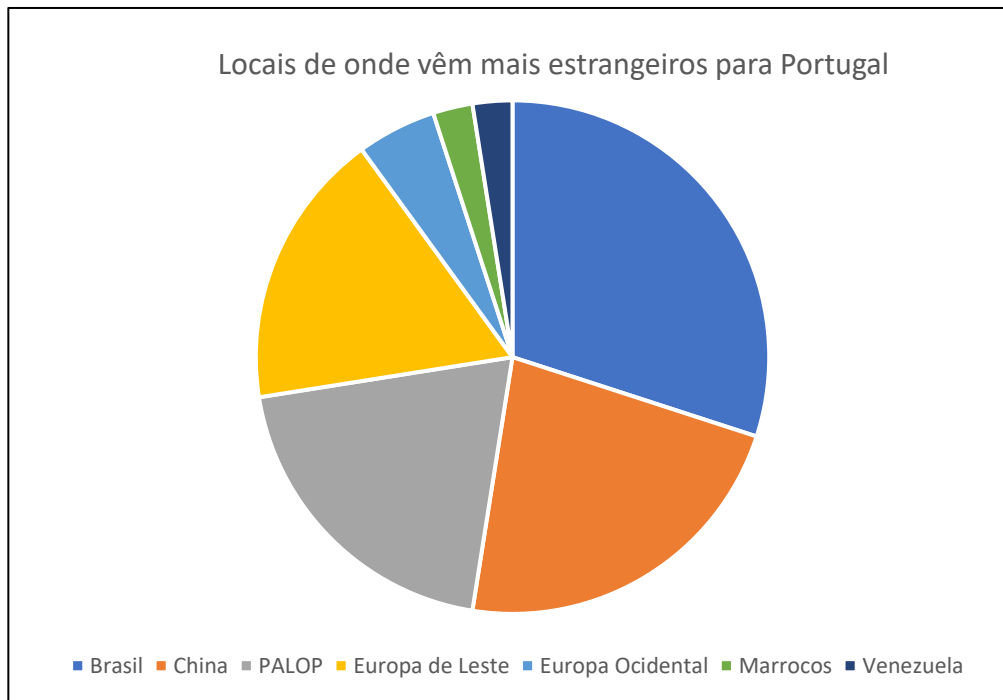


Gráfico 8 – Respostas dos alunos à questão nr.4

Os motivos destacados que fazem de Portugal um bom recetor são diversos, como por exemplo, a segurança e a liberdade, as oportunidades de emprego, respetivamente na construção civil, comércio e agricultura, o baixo custo de vida aliado ao apoio económico, as leis favoráveis para os imigrantes, educação, língua e clima ameno.

A quinta questão é uma breve reflexão face aos benefícios positivos e/ou negativos das emigrações e imigrações. Os alunos responderam que ambos têm prós e contras, ora vejamos na tabela seguinte:

	PRÓS	CONTRAS
EMIGRAÇÃO	I) dá a conhecer Portugal e a nossa cultura; II) melhores salários; III) melhores condições de vida; IV) reconhecimento internacional; V) envio de remessas para Portugal;	I) perda de jovens qualificados; II) despovoamento do interior; III) regiões mais envelhecidas;
IMIGRAÇÃO	I) ajuda a desenvolver o país recetor; II) melhores salários; III) melhores condições de vida; IV) mais dinheiro para Portugal; V) mais população ativa; VI) mais riqueza a nível cultural, religiosa e política; VII) investimentos no turismo (comércio);	I) mais poluição; II) mais criminalidade;

Tabela 2 – Respostas dos alunos à questão nr.5 (elaboração própria)

Aluno 1: “Sim, porque as pessoas que chegam ajudam a desenvolver o país e as que saem levam a cultura de Portugal e os seus hábitos para fora.”

Aluno 5: “A emigração é um problema para Portugal, pois o país perde muitos jovens qualificados e trabalhadores; já a imigração é importante porque aumenta a população ativa.”

5. Consideras que tanto a emigração como a imigração trazem vantagens positivas para os países? Justifica a tua resposta.

Aluno 13: “Sim, porque a emigração permite aos portugueses irem para outros países ganhar mais dinheiro e quando regressam trazem esse dinheiro para cá.”

Aluno 10: “Sim, porque se emigrarmos podemos encontrar melhores condições de vida e, se tivermos imigrantes, temos mais trabalhadores.”

Figura 10 – Algumas respostas dos alunos à questão nr. 5 (elaboração própria)

Na última questão, a professora estagiária quis averiguar que aprendizagens, enquanto cidadãos, é que os alunos acham importantes face à temática das migrações.

Apesar de as respostas terem sido similares, foram altamente interessantes. Os inquiridos evidenciaram que devemos ser educados e gentis para com o outro, ou seja, devemos sempre ter respeito e empatia pelo próximo. Acharam igualmente relevante

conhecer as causas e as consequências das migrações, para cada estado poder interpretar a sua população em termos de números e necessidades.

Aluno 5: “É importante respeitar os portugueses e todos os imigrantes de qualquer nacionalidade, pois todos têm direitos e deveres e são

Aluno 7: “Enquanto cidadão, temos de aceitar as pessoas de outras culturas, religiões, raça e etnia, sem discriminar ou excluir.”

6. Face a esta temática, que aprendizagens, enquanto cidadão, achas importante? Porquê?

Aluno 13: “Esta temática permite ver que as pessoas estão em constante movimento, porque querem sempre ter uma vida cada vez melhor.”

Aluno 11: “Acho importante estudar a população emigrante e imigrante, pois assim temos dados e sabemos como está o desenvolvimento do nosso país e do mundo.”

Figura 11 – Algumas respostas dos alunos à questão nr. 6 (elaboração própria)

Capítulo IV – Descrição e análise da proposta pedagógica

4.1. Descrição da proposta pedagógica

De forma sucinta, apresentaremos a estrutura, objetivos e desenvolvimento da nossa proposta pedagógica, na qual procuraremos orientar-nos pelos princípios do rigor e clareza científica, da intencionalidade educativa e da atualidade e pertinência relativamente a esta polémica do nosso tempo.

Uma vez que as sociedades enfrentam atualmente novos e grandes desafios, é importante, mais do que nunca, formar cidadãos com altos níveis de competência, capazes de olhar para o mundo de uma forma crítica e construtiva e identificar as problemáticas que devem ser alvo de uma profunda reflexão.

Assim, é indubitável que se imponha às escolas a tarefa complexa de preparar as crianças para os desafios da sociedade, num contexto de um futuro que parece ser cada vez mais incerto, desenvolvendo nelas as competências necessárias que lhes permitam questionar o mundo que lhes rodeia.

As atividades aqui apresentadas abrem caminhos de exploração para dois temas ligados à Educação para a Cidadania Global, em turmas do 2º CEB, podendo ser trabalhados também noutros níveis escolares ou áreas científicas, promovendo assim a interdisciplinaridade.

Como metodologia, adotámos uma pedagogia ativa e flexível, na medida em que conectámos as aprendizagens que os alunos devem ter, a experiências pessoais e realidades de outras pessoas, construindo assim conhecimentos sólidos, onde a partilha, o trabalho de grupo, as reflexões e as questões orientadoras estão presentes.

Desta forma, foram definidos os seguintes objetivos gerais:

- Reconhecer que as migrações caracterizam a existência humana desde sempre;
- Identificar as causas que levam as pessoas a migrarem e as suas consequências;
- Compreender que existem outras realidades muito diferentes da nossa;

- Percecionar que a falsa representação das migrações leva à criação de mitos/notícias falsas.

4.1.1. Primeira sessão

Atividade 1 – Inquérito inicial

Numa primeira parte foi entregue aos alunos um questionário inicial (que contou com o apoio e contribuições do professor cooperante e que muito enriqueceu a proposta inicial) de seis perguntas.

NOTA: O questionário encontra-se descrito na p. 69

Atividade 2 – “#IamMigration” (<https://www.youtube.com/watch?v=FjrOVxKH4J4>)

Na segunda atividade, deverá ser apresentado à turma um vídeo do *Youtube* intitulado de “#IamMigration”, que nos mostra Paola Baldion, uma jovem colombiana que decidiu fazer um teste de ADN e cujo resultado é apresentado no vídeo.

De seguida, deverão ser discutidas algumas das ideias principais com a turma, seguindo seis questões orientadoras:

1. O vídeo fala-nos sobre o quê? E sobre quem?
2. Que outro título poderíamos dar ao vídeo?
3. O que é que Paola Baldion decidiu fazer? Porquê?
4. O resultado mostra-nos que a jovem tem diferentes origens. Será que nós também temos?
5. A jovem aparenta estar triste por perceber que tem diversas origens?
6. Conhecer o nosso ADN muda a pessoa que somos?



Para finalizar, deverão ser feitos grupos de, no máximo, cinco elementos cada e cada grupo deve ter uma cartolina. Na cartolina, os alunos devem escrever fatores positivos em relação à questão em torno do vídeo e o trabalho deve ser decorado ao gosto de cada um dos elementos, podendo conter outras informações que os membros achem relevantes.

No fim, todos os grupos devem apresentar à turma o seu trabalho e justificar as suas opções.

4.1.2. Segunda sessão

Atividade 3 – O porquê das migrações?

Nesta atividade, será mostrado à turma um conjunto de imagens (sem os motivos apresentados) que representam diferentes géneros de migração e, assim, conduzir a turma através da discussão de ideias, seguindo algumas questões orientadoras:

1. O que vês na imagem?
2. Que razões poderão ter surgido para que estas pessoas migrem?
3. Qual será a história destas pessoas?
4. O que farias no lugar destas pessoas? Como te sentirias? Porquê?
5. O que farias se pudesses ajudar estas pessoas?



Motivo: guerras/conflictos armados



Motivo: guerras/conflictos armados



Motivo: catástrofes naturais –
inundações/cheias



Motivo: catástrofes
naturais - seca



Motivo: pobreza e fome



Motivo: pobreza e fome



Motivo: procura de uma
melhor condição de vida
(ex: trabalho)



Motivo: procura de uma
melhor condição de vida
(ex: estudos)

Atividade 4 – Entrevistas a emigrantes portugueses

Na quarta atividade, deverá ser apresentado alguns testemunhos, através de entrevistas, de pessoas que decidiram emigrar por diversos motivos, seguindo o princípio e modelo do programa “Portugueses no Mundo”, da RTP1.

A leitura das entrevistas estará a cargo dos alunos, sendo um aluno o entrevistador e outro aluno o entrevistado.

No final da cada leitura, haverá uma troca de ideias sobre o que foi lido.

- Exemplo 1 (motivos laborais e lazer)

Entrevistador: Olá, bom dia. Gostava que se apresentasse, dizendo o seu nome, idade, habilitações literárias/curso, naturalidade e residência atual.

Entrevistada: Bom dia. O meu nome é Sandra Ferreira e tenho 28 anos. Frequentei a licenciatura em Economia na Universidade do Porto e sou portuguesa. Neste preciso momento estou a residir em Lyon, na França.

Entrevistador: Com que idade é que decidiu emigrar? E para que país?

Entrevistada: Eu emigrei para a França aos 25 anos.

Entrevistador: Viajou sozinha ou acompanhada? Que razões a levaram a mudar de país?

Entrevistada: Emigrei sozinha e por motivos de trabalho. Acabei a licenciatura e tive a necessidade de me mudar, não só por motivos laborais, mas também pela descoberta de novas aventuras. Gosto de conhecer o desconhecido!

Entrevistador: O que sentiu no momento da despedida? Como foi a adaptação num país completamente novo e desconhecido?

Entrevistada: Quando chegou a hora da despedida, senti um grande entusiasmo por sair do país e partir para um novo começo, mas também senti receio por algo correr mal. Foi um misto de emoções muito grande, mas tinha a certeza que ia ser muito feliz.

Entrevistador: Gosta da cultura francesa e de lá estar? Há quanto tempo está em Lyon?

Entrevistada: Já faço “parte da mobília” há três anos. Nos primeiros meses a adaptação foi um pouco complicada, mas tudo se resolveu da melhor forma. Era uma miúda e estava completamente sozinha, num país novo, com uma língua diferente da minha. Confesso que não foi nada fácil, mas aqui estou eu!

Entrevistador: Sente que foi bem acolhida? Que ocupação é que está a exercer?

Entrevistada: No início sentia-me completamente de parte porque as pessoas locais são um pouco reservadas. Com o passar do tempo, fui-me sentindo cada vez mais integrada e parecia que estava em Portugal de novo! Trabalho numa empresa de prestígio e lido com a parte da economia.

Entrevistador: Para a Sandra, quais foram as vantagens e desvantagens de emigrar? Está satisfeita por trabalhar num país que não é o seu?

Entrevistada: Em relação às coisas positivas, aponto desde já o facto de trazer os costumes portugueses, havendo uma troca de ideias e de culturas, uma vez que são ambientes completamente diferentes. Quanto aos aspetos negativos, há pessoas aqui que são muito fechadas e não aceitam outras formas de estar e trabalhar. Apesar de tudo, adoro muito estar aqui, talvez pela empresa ser internacional e trabalhar com pessoas de vários pontos do globo. Não me sinto sozinha e já fiz amizades especiais.

Entrevistador: Sente saudades do seu país? O que mais lhe faz falta? Pensa em regressar?

Entrevistada: Sim, sinto muita falta do meu país, mais propriamente da minha família e dos meus amigos. Quanto a regressar, não é uma opção.

Entrevistador: Muito obrigado pelo seu testemunho e tenha um bom dia!

Entrevistada: Obrigada eu, igualmente!

- Exemplo 2 (motivos laborais e económicos)

Entrevistador: Muito prazer! Gostava que se apresentasse, referindo o seu nome, idade, habilitações literárias/curso, naturalidade, local onde reside e experiência profissional.

Entrevistada: Olá! O meu nome é Sofia Madureira, tenho 34 anos e sou formada em Enfermagem. Sou portuguesa e neste momento estou em Londres. Quanto à experiência profissional, sou enfermeira num hospital público local.

Entrevistador: Quais os motivos que a levaram a emigrar? Foi difícil encontrar trabalho na sua área?

Entrevistada: O principal motivo que me levou a abandonar o meu país foi a minha situação económica, pois nunca consegui encontrar emprego na minha área em Portugal. Vim para Londres para oferecer uma condição de vida melhor ao meu filho. Não foi complicado arranjar emprego, pois já tinha alguns conhecimentos.

Entrevistador: Está feliz com o seu emprego? Como foi recebida?

Entrevistada: Sim, sinto-me feliz e realizada. Fui recebida de braços abertos por todos e foi uma adaptação fácil, uma vez que já tinha colegas portugueses e não vim sozinha.

Entrevistador: De que sente mais saudades? Quais foram as vantagens e desvantagens?

Entrevistada: Sinto saudades da família e dos amigos que estão em Portugal. Em relação às vantagens, melhorei muito a minha situação de vida e do meu filho, pois tenho um salário muito melhor e aqui as condições são mais benéficas. Em relação aos pontos

negativos, posso dizer que aqui o custo de vida é um pouco mais caro, principalmente na alimentação, mas nada que não se resolva.

Entrevistador: Para acabar a conversa, pensa voltar para Portugal?

Entrevistada: Para já não, mas quem sabe mais tarde... Só o tempo o dirá! Gosto bastante de estar aqui e a minha intenção é continuar por muitos anos.

Entrevistador: Muito obrigado pelo seu testemunho e felicidades.

- Exemplo 3 (motivos laborais e económicos)

Entrevistador: Muito bom dia. Pedia, por favor, que se apresentasse para o conhecermos melhor.

Entrevistado: Olá! O meu nome é Diogo, tenho 48 anos e sou natural da Covilhã, em Portugal. Não tenho nenhum curso superior, sou casado e tenho três filhos.

Entrevistador: Para que país decidiu emigrar e porquê?

Entrevistado: Decidi emigrar para a Noruega quando tinha 35 anos, uma vez que a minha situação em Portugal não estava nada bem. Não conseguia arranjar emprego e tinha filhos para sustentar. A minha mulher trabalhava numa fábrica e o dinheiro não chegava para todas as despesas ao final do mês.

Entrevistador: Sente que foi uma decisão difícil de tomar? Porquê a Noruega?

Entrevistado: Sim, ao início custou bastante a ideia de estar longe da minha mulher e dos meus filhos, mas uma pessoa tem de arregaçar as mangas e fazer-se à vida! Isto é mesmo assim... Às vezes a vida prega-nos partidas e temos de arranjar maneira de dar a volta. Fui para a Noruega através de um colega meu, que me deu a oportunidade de ir trabalhar no mesmo ramo do que ele. Mal surgiu, ponderei muito, mas era algo que não podia recusar...

Entrevistador: Sente que foi bem acolhido? O que custou mais?

Entrevistado: Fui muito bem acolhido, as pessoas sempre me trataram com respeito, não tenho nada a dizer sobre isso. No início, as saudades apertavam a cada dia que passava, mas saber que estava ali para poder dar uma vida melhor à minha família, era o que me mantinha focado. Chorei muito, muito mesmo... Mas tive de ser forte e habituar-me à nova realidade.

Entrevistador: Pretende voltar para Portugal?

Entrevistado: Neste momento, não. Aqui, sei que tenho um bom emprego e ganho um bom salário e enquanto isso for possível, que assim seja. Só voltava para Portugal por algum motivo de força maior, mas espero bem que isso não aconteça. De vez em quando a minha família vem visitar-me ou eu vou à Covilhã, portanto já dá para matar algumas saudades...

Entrevistador: Quais foram as vantagens e desvantagens de emigrar?

Entrevistado: A maior vantagem foi o facto de conseguir enviar dinheiro à minha mulher para ela sustentar os nossos filhos de uma forma digna. Antes, tínhamos de contar todos os trocos, porque eram poucos... Agora estamos mais à vontade... Não somos milionários, mas posso dizer que estamos numa situação estável e melhor que antigamente. A maior desvantagem foi deixar a família... Custa tanto!

Entrevistador: Costuma ir muitas vezes a Portugal? E a sua família, visita-o de quanto em quanto tempo? Escolheria outro país, ou sente-se bem na Noruega?

Entrevistado: Vou a Portugal duas vezes por ano: uma durante o mês de março ou abril e outra no natal. Costumo ficar mais ou menos quatorze a dezasseis dias. Quando a minha família vem cá, é por pouco tempo... Mais ou menos quatro a cinco dias e quando os miúdos estão de férias da escola. Sinto-me bem aqui, não mudava. Tenho colegas de trabalho sempre prontos a ajudar-me caso eu precise.

Entrevistador: Obrigado pelo seu tempo. Resto de um bom dia e boa sorte.

Entrevistado: Obrigado e igualmente.

Atividade 5 – Escrita criativa de uma carta

Como quinta atividade, os alunos deverão redigir uma carta, com parâmetros previamente definidos, seguindo os princípios da escrita criativa.

No fim, todos terão a oportunidade de ler o que escreveram.

Imagina que és um **emigrante** e estás noutra país do mundo. Como achas que te sentirias?

Escreve um texto que respeite os seguintes tópicos:

- *Identificação*: nome, idade e naturalidade;
- *Emigração*: país de destino e motivos que levaram à saída do país de origem (sociais, políticos, económicos, ...);
- Como era a tua vida antes de emigrares? Como é a tua vida agora? Que aspetos mudaram? Foi uma mudança difícil?;
- Como te sentes noutra país? Foste bem recebido?

Notas:

Na produção do texto, além destes tópicos, podes mencionar outros aspetos que aches relevantes. Podes inventar uma personagem, falar sobre experiências por ti vividas ou colocar-te no lugar de alguém muito próximo teu, por exemplo, familiares (mãe, pai, tios, ...).

4.1.3. Terceira sessão

Atividade 6 – Os refugiados: quem são e de onde vêm?

Para iniciar a atividade número seis, deverá ser apresentado à turma um vídeo através do *Youtube* (<https://www.youtube.com/watch?v=Gh5oJBBRJAM>), para sensibilizar os alunos face à questão dos refugiados.



Atividade 7 – Verdadeiro ou falso?

Para esta atividade, deverá ser chamado um aluno aleatório à frente da sala e este deve retirar um cartão de uma caixa.

Em seguida, o aluno deve ler o conteúdo do cartão em voz alta e, quem souber responder, deve colocar o dedo no ar. O aluno que leu, deve escolher um colega da turma para responder e justificar a sua resposta e assim sucessivamente.

#1 – Os imigrantes estão a invadir o nosso país e a maioria está cá ilegalmente

#5 – A migração prejudica o desenvolvimento dos países de origem dos migrantes

#2 – Os refugiados são todos terroristas: trazem crime e violência para as nossas cidades

#6 – Os países de destino beneficiam das migrações

#3 – Os imigrantes afetam negativamente o nosso país em termos financeiros, ao disfrutar de serviços e empregos, sem pagar impostos

#7 – Os imigrantes “tiram” os empregos que seriam ocupados por pessoas nacionais

#4 – Os refugiados estão a trazer doenças raras para Portugal e para outros países da Europa

#8 – Portugal recebe anualmente famílias à procura de asilo

Atividade 8 – Jogo

Na penúltima atividade, deverá ser feito um jogo com os alunos fora da sala de aula, se possível (exemplo: campo de futebol).

Os alunos devem estar todos alinhados, encontrando-se na mesma posição (essa posição pode ser marcada por uma linha do campo).

Depois, a cada aluno deve ser entregue uma tira de papel com personagens que eles terão de interpretar e não dizer a ninguém.

Sempre que se disser uma frase em voz alta, as personagens que se identificarem com a mesma avançam um passo à frente e, que não se identificar, fica na mesma posição.

No fim de todas as afirmações, os alunos devem dizer, em voz alta, que personagem lhes foi atribuída e para olharem, criticamente e atentamente, para as posições que ocupam, refletindo assim sobre quem são os mais e menos privilegiados.

Já na sala de aula, deverá ser feita uma pequena síntese do jogo, criando assim um pequeno debate, dando aos alunos a oportunidade de se expressarem face ao que aconteceu: os alunos devem falar da sua personagem e como se sentiram no jogo, que é tantas vezes a realidade de muitas pessoas.

Exemplos de personagens:

- a) Presidente dos Estados Unidos da América
- b) Professora da Universidade de Lisboa
- c) Criança do sexo feminino árabe
- d) Enfermeiro a trabalhar na Inglaterra
- e) Adolescente sírio (refugiado)
- f) Militar das Forças Armadas no Afeganistão
- g) Embaixador alemão
- h) Mulher de etnia cigana
- i) Advogado português
- j) Filho de um juiz português
- k) Refugiado num campo de abrigo
- l) Atriz famosa de Hollywood
- m) Criança na Somália
- n) Trabalhador da Coreia do Norte
- o) Estudante na Nova Zelândia
- p) Desempregado venezuelano
- q) Adolescente no Brasil
- r) Mulher libanesa
- s) Empresário francês

Exemplos de afirmações:

- a) Tenho direito a todos os cuidados de saúde
- b) Facilmente tenho acesso a produtos de higiene
- c) Posso deslocar-me facilmente a um supermercado
- d) Posso andar na rua e sentir-me seguro/a e protegido/a
- e) Tenho direito a uma boa educação
- f) Não passo por dificuldades financeiras
- g) Durmo confortavelmente na minha cama
- h) Brinco e converso com os meus amigos
- i) Tenho direito a férias e a descansos semanais
- j) Passo fome e frio
- k) Tenho medo de morrer devido à guerra
- l) Já não vejo a minha família há meses
- m) Não tenho uma casa nem um carro
- n) Tenho medo de andar na rua sozinho/a
- o) Sou julgado/a constantemente
- p) Tenho de seguir padrões culturais para ser socialmente aceite
- q) Não vou à escola porque não tenho condições
- r) Trabalho todos os dias, às vezes mais de 8 horas
- s) Não tenho acesso a nenhum hospital

Atividade 9 – Inquérito final

1. Face a esta temática, que aprendizagens consideras mais interessantes e importantes para se abordar na sala de aula?
2. Comenta a seguinte afirmação de Sebastião Salgado: “A migração é uma recomposição da família humana.”
3. Portugal é cada vez mais um país multicultural. Pensas que podemos perder a nossa identidade nacional face ao grande fluxo de estrangeiros que recebemos?
4. De que forma é que podemos contribuir para a integração de novas pessoas?

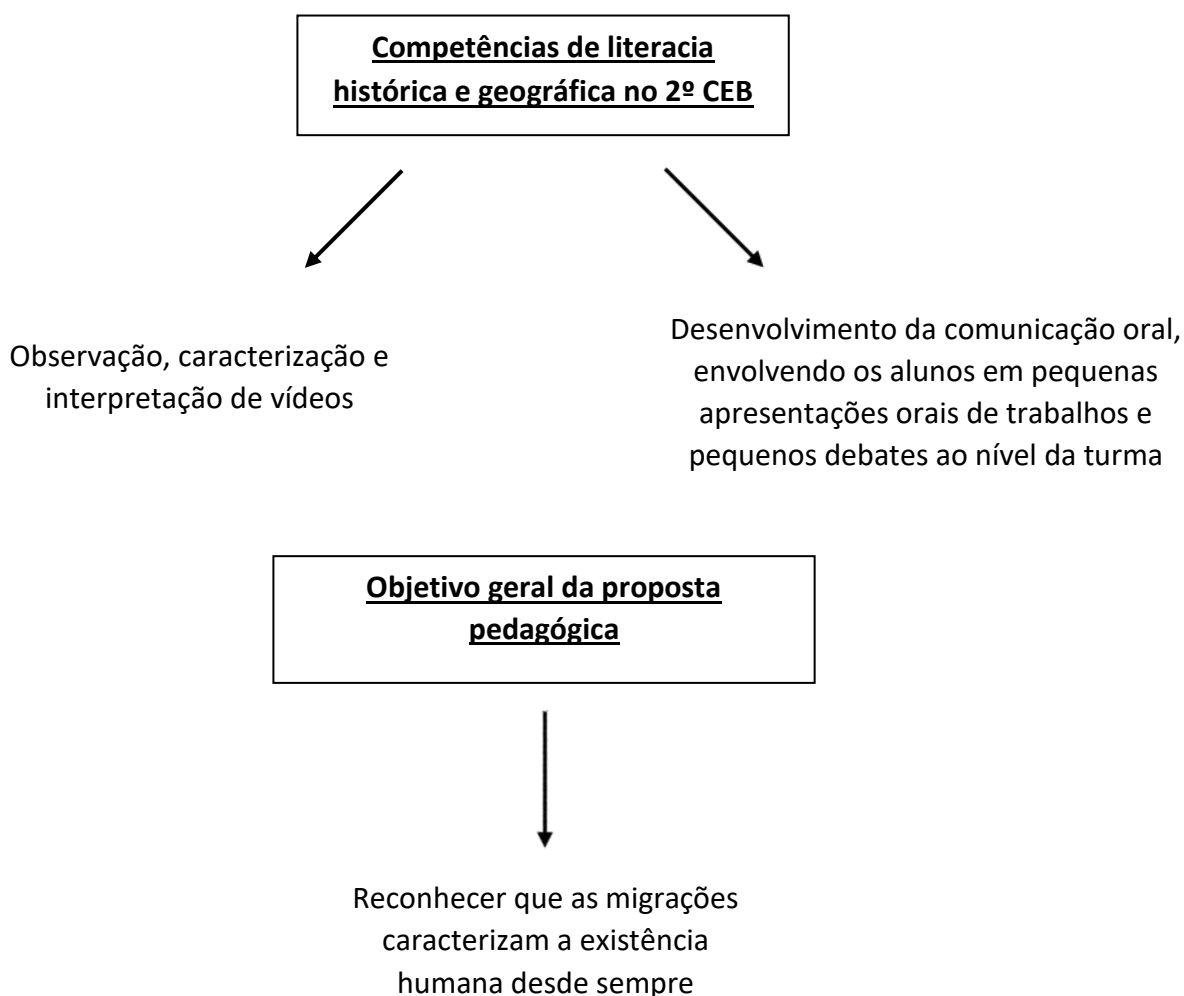
4.2. Análise e interpretação da proposta

4.2.1. Atividade 1 – Questionário inicial

O questionário inicial tem como objetivo entender as ideias prévias dos alunos. Aqui, poderão ser desvendadas algumas pistas sobre as idealizações dos alunos, para que, posteriormente, a professora estagiária analise e reflita sobre as atividades a planejar e os conceitos a serem trabalhados em sala de aula.

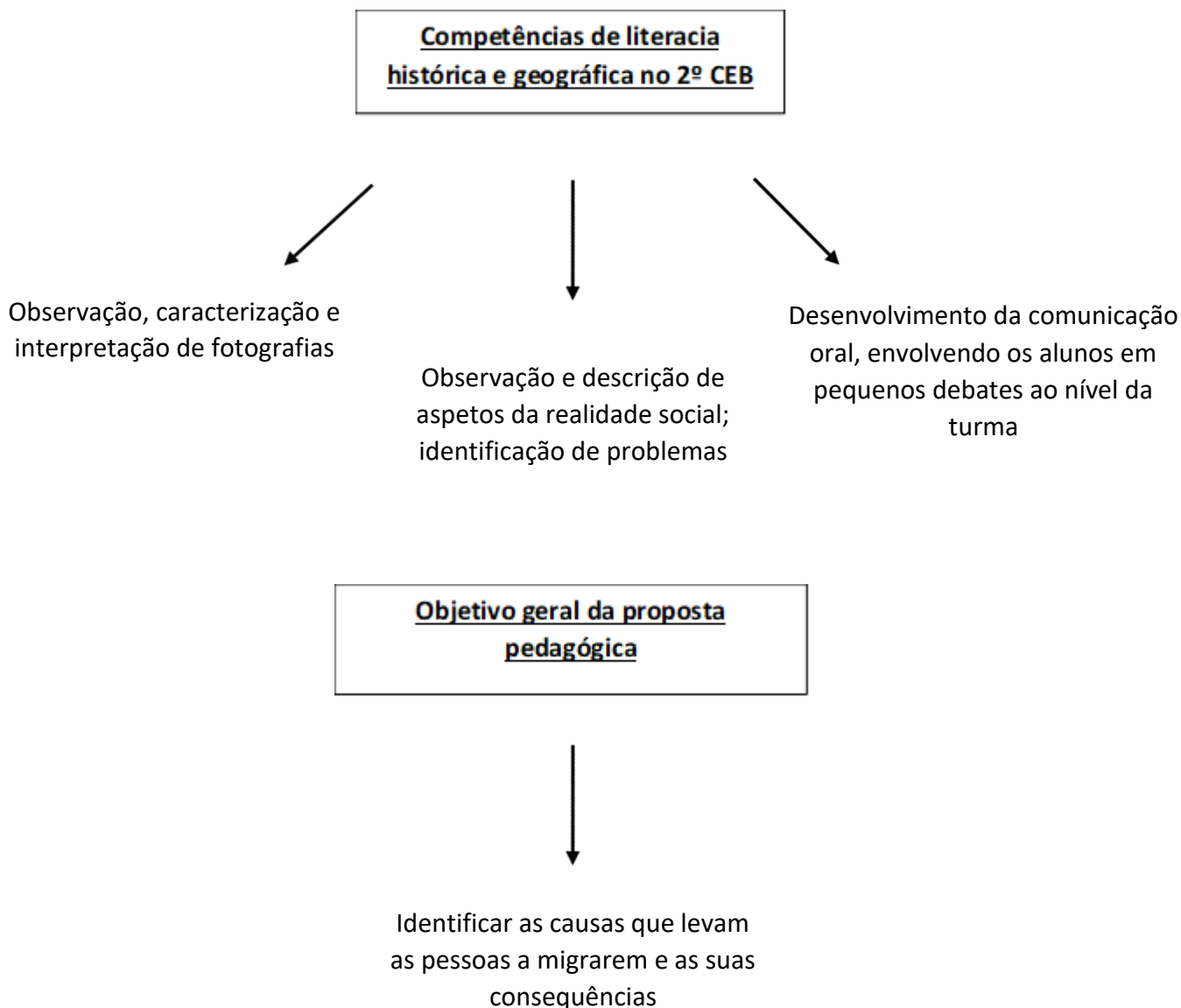
4.2.2. Atividade 2 - #IamMigration

O objetivo desta atividade é transmitir a ideia de que todas as pessoas descendem de antepassados comuns e que, desde muito cedo, as migrações fazem parte da história da humanidade, seja por questões naturais e climáticas, seja por situações ou conflitos políticos e sociais.



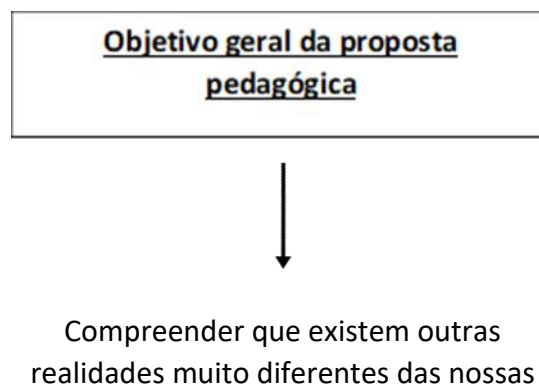
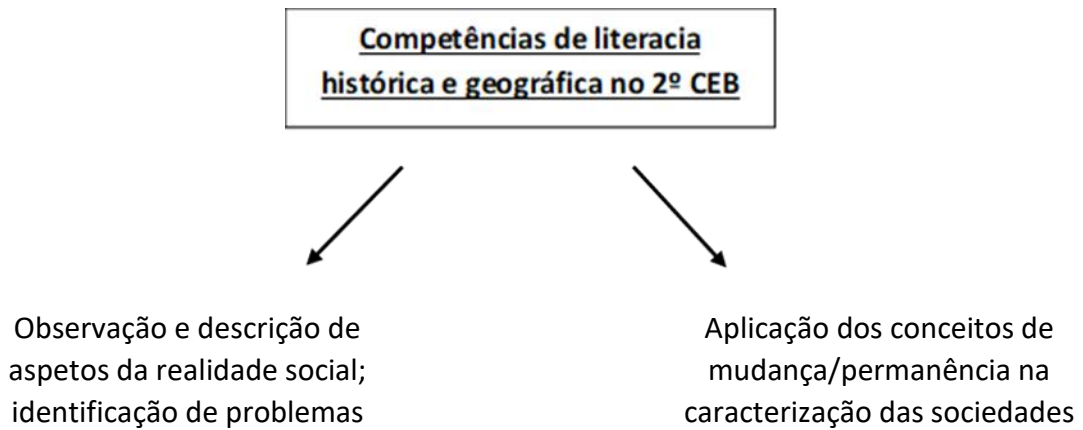
4.2.3. Atividade 3 – O porquê das migrações?

A terceira atividade tem como foco mostrar às crianças que existem vários fatores que levam à deslocação das pessoas para outros locais do mundo e reconhecer as causas que estão por detrás dos fluxos migratórios.



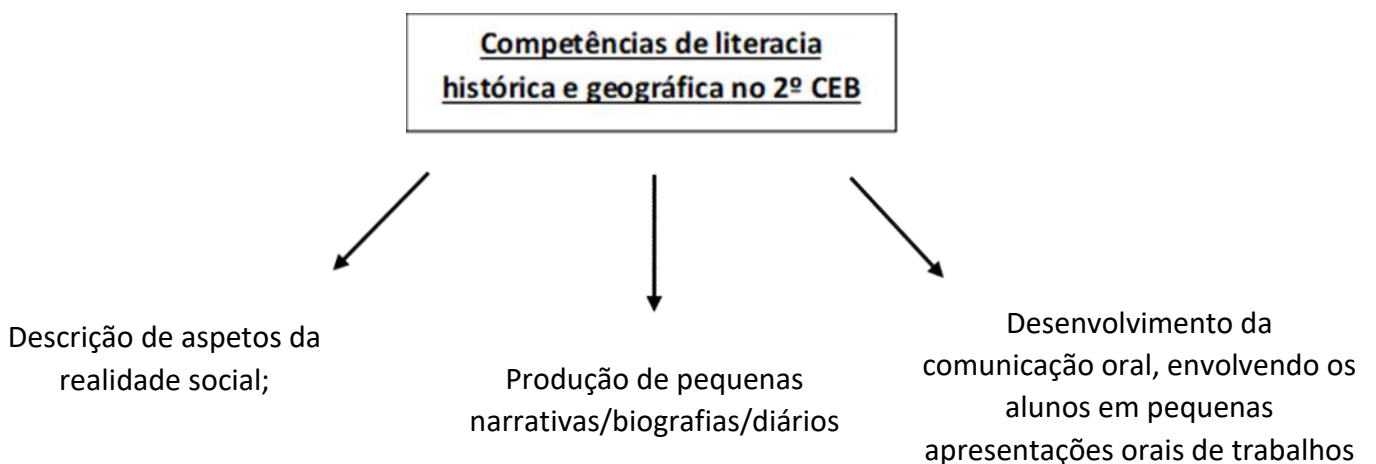
4.2.4. Atividade 4 – Entrevistas a emigrantes portugueses

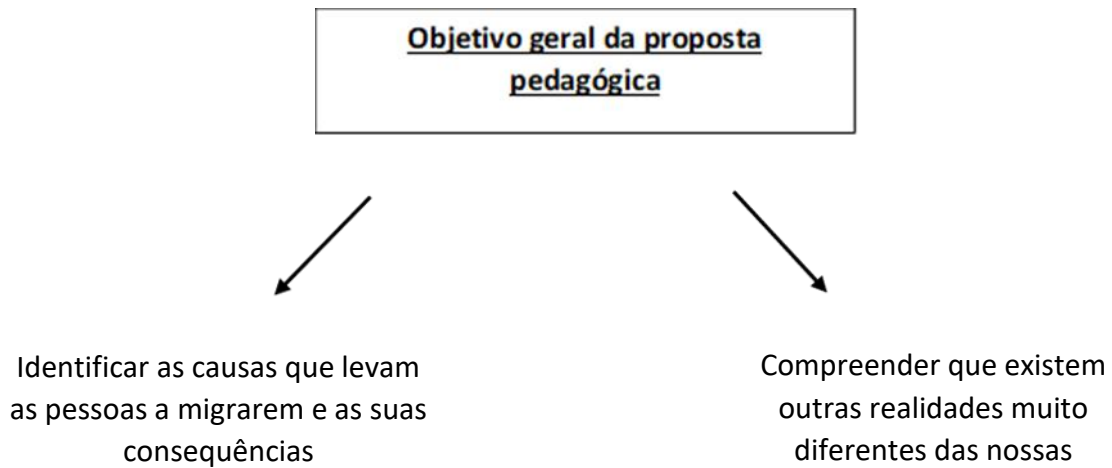
Nesta proposta de atividade, os objetivos a cumprir são: i) mostrar à turma que existem diferentes e variadas realidades de vida, através de depoimentos reais, evidenciando motivos, como por exemplo, financeiros e laborais e ii) relacionar o local com o global, através da análise de histórias de emigração portuguesa.



4.2.5. Atividade 5 – Escrita criativa de uma carta

A finalidade da atividade cinco é despertar a criatividade das crianças, através da escrita de uma carta, onde estas poderão colocar-se no lugar de um emigrante.

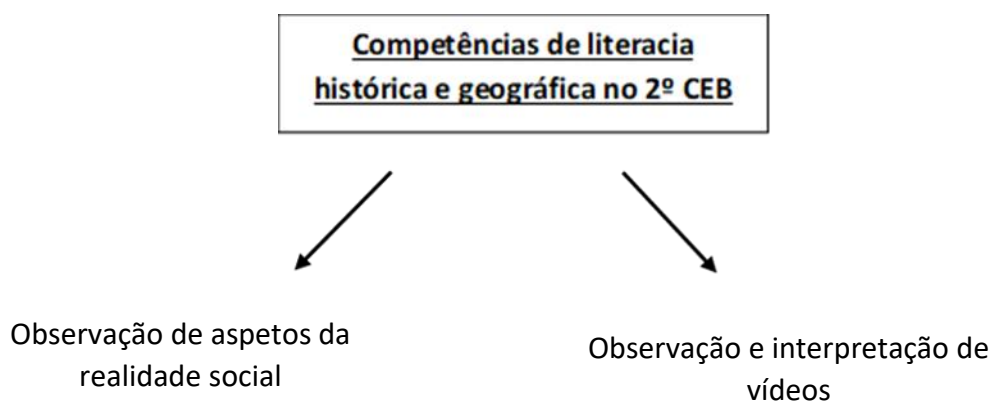


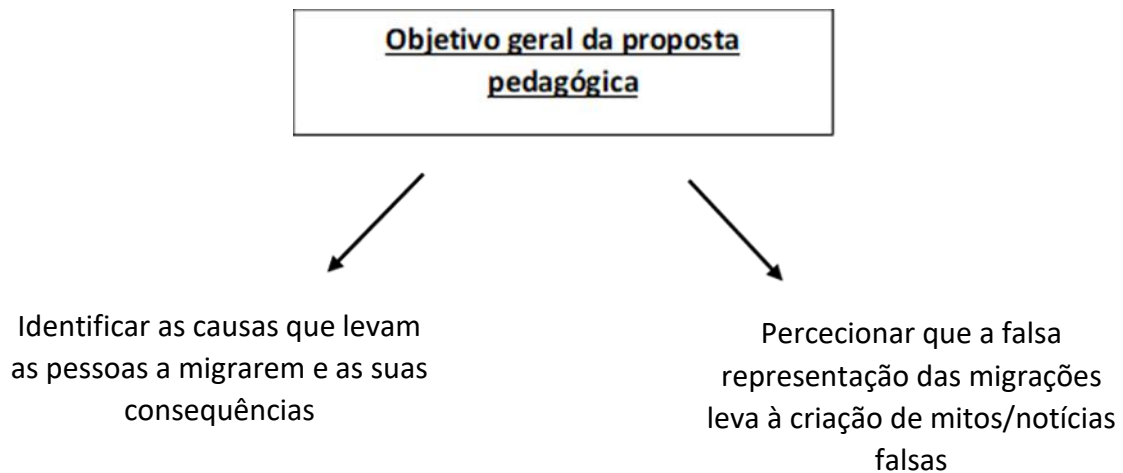


4.2.6. Atividade 6 – Os refugiados: quem são e de onde vêm?

Esta atividade tem como objetivo mostrar às crianças que os refugiados, antes da guerra e dos conflitos, tinham também uma vida normal como a nossa: tinham família e amigos, uma casa e um emprego, iam à escola e ao shopping, mas tudo isso foi-lhes negado.

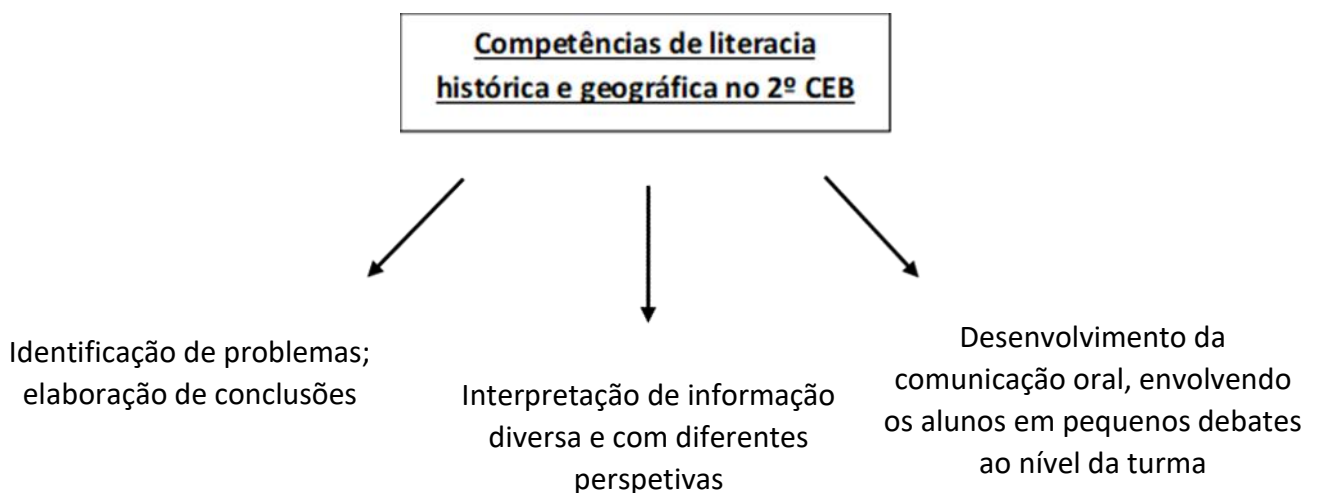
Aqui, deve-se realçar que muitas vezes tratamos as migrações através de gráficos ou de números, mas é fundamental não nos esquecermos que cada migrante, sendo refugiado ou não, tem uma história individual e traz consigo sonhos e medos, tal como nós.

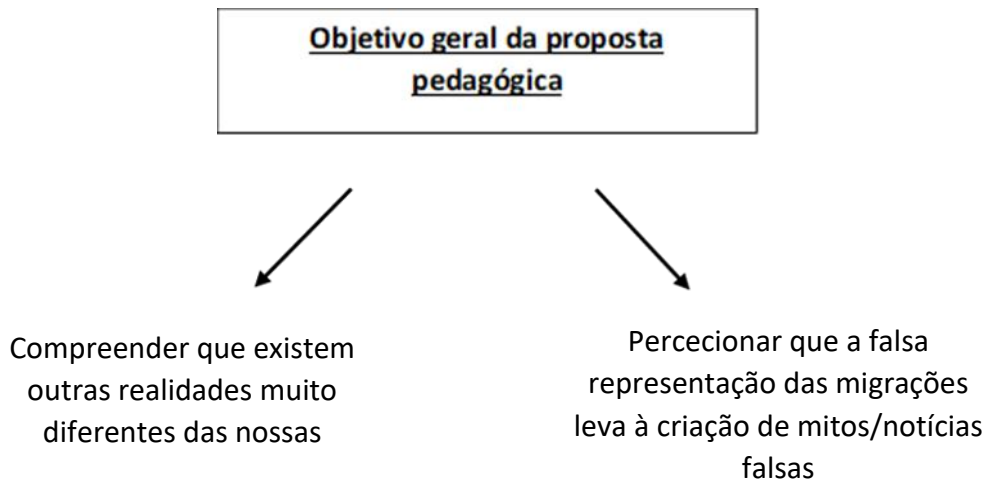




4.2.7. Atividade 7 – Verdadeiro ou falso?

A sétima proposta tem como objetivos: i) identificar factos verdadeiros e falsos sobre a questão das migrações e, principalmente, sobre os refugiados; ii) refletir sobre os benefícios e sobre os desafios que os fluxos migratórios nos proporcionam, através da diversidade cultural, quer para os países de acolhimento, quer para os países de origem e iii) reconhecer estereótipos sobre as migrações, que muitas vezes são veiculados pelos órgãos de comunicação social, estimulando o medo e a xenofobia.

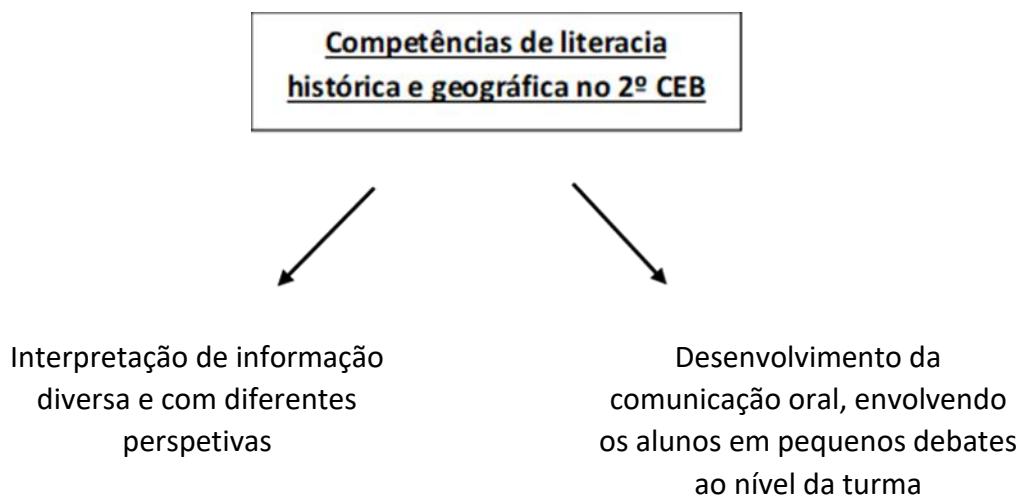


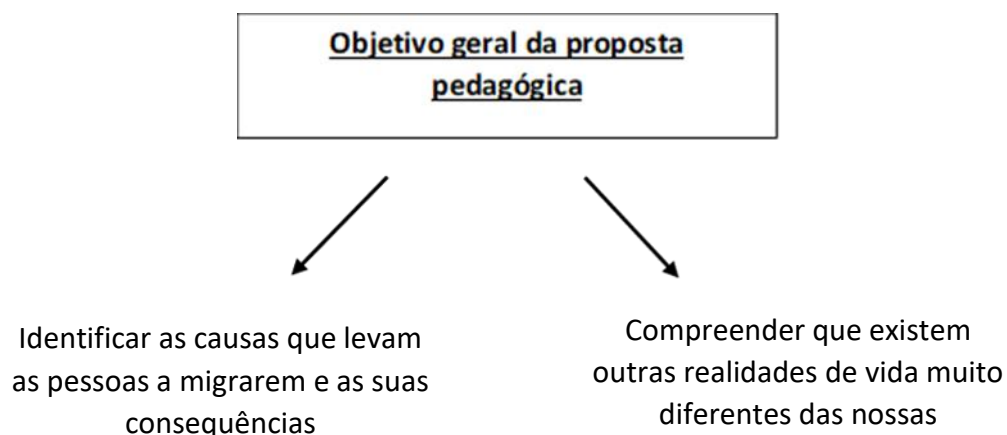


4.2.8. Atividade 8 – Jogo

O foco principal deste jogo é criar nos alunos um sentimento empático, colocando-os no lugar de pessoas mais e menos privilegiadas.

Com esta atividade, os alunos poderão “calçar os sapatos de outra pessoa” e perceber que existem grandes diferenças na sociedade.





4.2.9. Atividade 9 – Questionário final

Com o questionário final, a professora estagiária deve: i) ser capaz de averiguar se houve alguma evolução das ideias prévias relativamente à temática explorada, comparando as respostas obtidas e ii) refletir se as atividades causaram impacto nas crianças.

Capítulo V – Conclusões, limitações e projetos futuros

No quinto capítulo deste relatório apresentaremos as conclusões do estudo, a partir das quais daremos respostas às questões de investigação inicialmente enunciadas. Iremos partilhar ainda as limitações do estudo, considerações finais e sugestões para futuros projetos.

Depois de concluída a análise dos dados obtidos e das respostas dos alunos ao questionário inicial, cabe à investigadora sintetizar todo o estudo: podemos aferir que é possível ligar a disciplina de História e Geografia de Portugal às temáticas propostas pela Direção-Geral da Educação, aquando da Educação para a Cidadania Global.

O percurso investigativo e pedagógico, suportado por propostas de atividades diversificadas e coesas, permitiu-nos chegar aos objetivos sobre os quais assentou a investigação e que, imediatamente, enunciaremos:

- **Que conceções apresentam os alunos relativamente à temática das migrações?**

Aqui, os alunos mostraram, através do questionário inicial, que conhecem as características do país onde habitam, evidenciando, atributos interessantes, como o facto de sermos um país envelhecido e de emigrantes.

Apesar destes fatores positivos, é notório que algumas respostas não foram bem desenvolvidas ou explicitadas, evidenciando alguma falta de interesse e conhecimento pelo tema.

- **Que tipo de atividades pedagógicas poderão ser desenvolvidas relativamente ao impacto e importância das migrações na sociedade contemporânea?**

O ensino da História e Geografia de Portugal tem um papel fundamental para fazer face aos desafios colocados pela diversificação das sociedades, pela integração de migrantes e refugiados e pelos ataques aos valores democráticos. Ele ser deve inclusivo, já que: “Todas as culturas estão ligadas umas às outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente distintas e permeáveis.” (Said, E. (1995), The politics of dispossession).

O plano curricular deve ser holístico, de forma a abranger os alunos que fazem parte das minorias, para que eles possam também falar das suas experiências e é importante que as atividades pedagógicas a serem desenvolvidas sigam estes princípios e linhas orientadoras, definidas pelo Conselho da Europa (setembro 2018):

1. Desenvolver planos curriculares flexíveis e pedagogias interativas que reconheçam diferenças culturais;
2. Reconhecer que as pessoas de diferentes origens culturais, religiosas e étnicas estão há muito tempo enraizadas nas sociedades;
3. Valorizar as múltiplas identidades do “outro” e as nossas;
4. Disponibilizar ferramentas para analisar dados históricos e lutar contra a propaganda manipuladora;
5. Abordar questões que podem ser sensíveis ou controversas.

Como refere o documento anteriormente citado, estruturar um plano curricular flexível e uma pedagogia interativa, pode ajudar a desenvolver as seguintes competências nos alunos: i) valorização da dignidade humana, dos direitos humanos e da diversidade cultural; ii) abertura à alteridade cultural e às convicções/práticas diferentes; iii) empatia; iv) flexibilidade e adaptabilidade e v) conhecimento e compreensão crítica de si mesmo e do mundo.

- **Que tipos de aprendizagens construirão os alunos em torno desta temática?**



Figura 12 – Aprendizagens em torno da temática das migrações (elaboração própria com base no documento: “Ensino de qualidade na disciplina de História no séc. XXI”)

Nesta conclusão, não deve ser esquecida a importância geral de se abordar esta temática com as nossas crianças: o processo da migração resulta no desenvolvimento e crescimento de comunidades culturalmente diversas e devemos ter a capacidade de viver numa sociedade multicultural, respeitando sempre o outro e a sua diferença, já que este tema levanta questões sobre como nos vemos a nós e aos outros.

À medida que as sociedades europeias se tornam cada vez mais multiculturais, é fulcral tomar consciência das principais causas que obrigam as pessoas a deixarem os seus países e, a compreensão dessas causas, pode ajudar a promover a coesão social.

É necessário então que os jovens acedam a todo o tipo de informações fidedignas e que a escola facilite esse processo, já que eles serão os decisores políticos do amanhã e as questões relacionadas com a migração e o asilo têm crescido constantemente nos últimos vinte anos.

Os Estados-Membros da União Europeia, ao longo dos anos, têm revelado uma forte posição face às políticas de acolhimento. O principal objetivo seria que todos os refugiados pudessem aceder à proteção que os Estados-Membros oferecem, mas, com a despoletada crise migratória, as fronteiras passaram a ser mais controladas, através de barreiras e policiamento.

Desta forma, é importante transmitir a mensagem de que, apesar de a Europa correr o risco de se tornar numa “Europa Fortaleza”⁹, criando a ausência de uma dimensão empática, é a “luz ao fundo do túnel” de muitas famílias e não devemos virar as costas a quem realmente luta por uma vida melhor, já que a Europa é um continente que apresenta um grande destino de imigração e nós fazemos parte dele.

No que diz respeito às limitações do estudo, podemos desde logo apontar toda a situação vivida devido à pandemia que combatemos, uma vez que ela foi um entrave às regências presenciais no segundo ciclo de escolaridade. Com isto, o estudo apenas contou

⁹ 4 Organização Internacional para as Migrações e Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (2009). Não são apenas números. Manual do professor. Jogo de ferramentas educacional sobre migração e asilo na Europa. Disponível em <https://www.acm.gov.pt/documents/10181/167771/Manual+do+professor.pdf/d3339287-68d4-4f89-b0d3-df81b890a88f>

com treze dos vinte alunos da turma do 6º ano, que poderia ter gerado outras opiniões e respostas.

Aliado a isto, lamentámos que não tenha sido possível aprofundar esta temática e as atividades com os alunos presencialmente, que é tão significativa e deve ser objeto de estudo em sala de aula, não só na disciplina de História e Geografia de Portugal, mas também nas outras, promovendo assim o cruzamento entre disciplinas.

Acreditámos que seria de bastante interesse alargar esta proposta pedagógica a outros anos de escolaridade, não só pela sua pertinência e atualidade, mas também para tentar perceber quais as conceções de alunos mais novos ou mais velhos, gerando assim outros estudos e opiniões e percebendo a perceção intergeracional do problema.

Apesar de tudo, é de salientar que, o facto de trabalharmos estas temáticas de Educação para a Cidadania e Desenvolvimento Global, traçadas pela Direção-Geral da Educação são benéficas para todas as partes, pois os alunos tornam-se cidadãos mais conscientes e instruídos e os professores cada vez mais informados e de horizontes abertos, possibilitando a experiência de aprender de que modo é possível fazer a transversalidade de trabalhar um problema urgente da nossa sociedade.

Parte III – Reflexão Global da PES

A terceira e última parte deste relatório de estágio engloba um momento mais reflexivo sobre toda a experiência que a Prática de Ensino Supervisionada nos proporcionou.

Aqui, encontram-se reunidos os aspetos mais e menos positivos e o contributo que toda esta viagem deixou para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional.

Reflexão Global

Chegou finalmente o momento para refletir e ponderar sobre um ano cheio de dúvidas e incertezas, medos e dificuldades, mas sobretudo de boas emoções, aprendizagens e desafios concretizados e ultrapassados com sucesso. Sem dúvida que esta etapa foi das mais marcantes e extremamente importantes da minha vida, tanto a nível pessoal, como a nível profissional.

Ser professora e ingressar neste curso não foi o meu sonho desde pequena. Durante muito tempo desejei traçar e percorrer um caminho completamente diferente daquele que percorri e foi apenas na fase final do Ensino Secundário que tomei a decisão de me candidatar ao curso de Educação Básica.

Ao olhar para trás e ver tudo aquilo que conquistei e aprendi, faz-me pensar que realmente nada acontece por mera casualidade e se estou aqui, é porque tenho uma missão a cumprir e certamente que muitas coisas boas virão em prol deste destino que me foi esboçado.

No decorrer destes cinco anos nesta instituição, aprendi que quando queremos muito atingir um determinado objetivo, temos de ir à luta e não importa os obstáculos e as injustiças que vamos enfrentar, temos de o fazer de cabeça erguida e com a certeza de que vamos triunfar no fim.

Em qualquer área de trabalho, temos de ter os conhecimentos teóricos e práticos para sermos bem-sucedidos e para que o nosso desempenho seja o mais eficaz possível. Durante os três anos da licenciatura, tive a feliz oportunidade de contactar com docentes e áreas curriculares que me permitiram chegar à Prática de Ensino Supervisionada com um leque de conhecimentos amplo e fortificado, fruto de muita dedicação de ambas as partes.

Foi também durante estes últimos tempos que experienciei aquilo que realmente é ser professora, graças a todos os contextos educativos por onde passei e de que levo momentos e pessoas que nunca vou esquecer, desde o pré-escolar, até ao segundo ciclo do ensino básico.

Focando-me mais no mestrado e na Prática de Ensino Supervisionada, apesar de ter sido mais intensiva, foi sem dúvida mais satisfatória a todos os parâmetros. Aqui, foi-me dada a oportunidade de intervir diretamente em contextos de primeiro e segundo ciclos, sendo avaliada de modo constante, quer pelos professores supervisores, quer pelos professores cooperantes, o que despertou em mim uma vontade de fazer e mostrar cada vez mais e melhor.

Posso dizer que a passagem pelo primeiro ciclo não é nada fácil, sobretudo numa turma do primeiro ano, onde os alunos ainda são muito pequenos e dependentes da professora e auxiliares. O par de estágio teve de pensar e criar atividades mais lúdicas e dinâmicas, para que as crianças tivessem uma experiência de aprendizagens rica e, ao mesmo tempo, divertida, uma vez que o tempo de concentração deles é menor.

Foi neste contexto que percebi que ser professora não é nada fácil, pois a nossa paciência é muitas vezes testada e colocada à prova, mas foi aqui também que recebi o carinho e o mimo de todos os alunos da turma do primeiro ano, sem exceção. Sem dúvida que a parte mais gratificante de tudo isto é ouvir os elogios e as palavras bonitas e doces dos nossos alunos e, se tudo isto deixa saudades, foi porque valeu a pena... E se valeu!

Ainda que esta não tenha sido a minha primeira experiência nesta faixa etária, foi sem dúvida a mais real e inesquecível, certamente por marcar o final deste processo de cinco anos e por fazer crescer o amor que sinto por esta profissão, que tantas vezes é subvalorizada.

Este contexto de escolaridade ensinou-me a ser mais responsável, controlar as minhas emoções, estar atenta a várias coisas em simultâneo, gerir e organizar bem o tempo de cada aula e a manter uma postura correta e um espírito alegre, ainda que parecesse que tudo ia desabar à minha volta. Todas estas peripécias serviram para me ajudarem a crescer enquanto profissional de educação, uma vez que no futuro terei à minha responsabilidade vários alunos e, agora, sinto-me mais preparada e segura das minhas habilidades.

Já a passagem pelo segundo ciclo foi bastante diferente e bem mais curta, porque apenas tivemos a oportunidade de observar as aulas dos professores cooperantes. Foi uma pena não ter tido a experiência de lecionar neste contexto, pois era aquele que tinha

mais vontade, por se tratar de duas áreas isoladas de que gosto muito e onde certamente iria desenvolver profissionalmente outros aspetos.

Para compensar a ausência da passagem pelo segundo ciclo, os professores responsáveis pela unidade curricular tiveram de pensar numa estratégia que não nos deixasse em desvantagem e assim surgiram as vídeo-regências. Cada mestrando teve de preparar duas aulas – uma na valência de Português e outra na de História e Geografia de Portugal, – para apresentar aos colegas da turma e respetivos professores, através de planificações concisas e criativas e via *Zoom*. Aqui, foram desenvolvidas aptidões que talvez desconhecíamos, pois vivemos algo que nunca tínhamos imaginado e, apesar de toda esta lamentável situação, sinto que as vídeo-regências trouxeram vantagens para o nosso currículo, pois tivemos de deixar de lado as inseguranças e vergonhas, ao expormo-nos perante toda a turma e professores, através de uma câmara.

No que diz respeito às duas experiências em contexto de estágio, tenho de salientar o facto das semanas de observação serem de carácter importantíssimo, assim como as planificações entregues por cada grupo de trabalho, isto porque dá aos mestrandos pistas de como é o comportamento dos alunos, de como os professores cooperantes orientam as aulas, a que tipo de atividades a turma reage bem ou mal, entre muitas outras e assim saberemos o rumo que queremos dar às nossas sessões e que aprendizagens queremos transmitir.

As reflexões que fazemos semanalmente tanto individuais, como com os professores da ESE, são bastante úteis, na medida em que possibilitam aos mestrandos perceber de que forma as intervenções futuras poderão ser melhores, os aspetos bons e os menos bons.

No fundo, quero agradecer a todos aqueles que, de uma forma direta ou indireta estiveram envolvidos nesta Prática de Ensino Supervisionada, pois fomos sempre bem recebidas e tratadas ao longo de todo este percurso e, se não fosse assim, esta experiência não teria tido o mesmo impacto.

Em jeito de conclusão, esta longa e árdua experiência encaminhou-me no sentido de reconhecer a necessidade de uma intervenção ativa e reflexiva, em virtude da realidade atual.

Uma vez que a carreira de um professor está em constante formação e progressão, temos sempre de nos manter atualizados, essencialmente em temas de cariz mais sensível, para que os ensinamentos a transmitir sejam os mais reais e corretos possível.

A nós, futuros professores, cabe a tarefa de, constantemente, ponderar e aprender, tomando como ponto de partida a constante reflexão sobre a nossa ação, para podermos proporcionar aos nossos alunos momentos lúdicos e de aprendizagem efetiva e significativa.

Referências Bibliográficas

ADL. (2019). *Mitos y hechos sobre los imigrantes y la inmigración*. Acedido em 2020, no web site da: ADL – Fighting Hate for Good: <https://www.adl.org/media/13023/download>

Araújo, S. (2004). *Contributos para uma educação para a cidadania: professores e alunos em contexto intercultural*. (Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais). Universidade Aberta, Portugal.

Arroteia, J. (2007). *Migrações internacionais: Portugal como destino*. Universidade de Aveiro, Portugal.

Associação Portuguesa de Geógrafos. (2000). *A Educação Geográfica*. Acedido em 2020, no web site da: Associação Portuguesa de Geógrafos: https://www.apgeo.pt/sites/default/files/inforgeo_15.pdf

Azevedo, J., & Carvalho, I., & Costa, F., & Moro, P., & Zucco, E. (2013). *Os Doutoramentos em Geografia: tendências da investigação em Portugal*. Universidade de Évora, Portugal.

Baganha, M. (1994). *As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional*.

Baganha, M. & Góis, P. (1998-1999). Migrações Internacionais. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, pp. 229-280.

Barbosa, A. (2020). *É preciso haver feministas? O estudo do movimento feminista nas aulas de HGP como estratégia de promoção para a Cidadania Global*. (Dissertação de Mestrado em Ensino do 1º CEB e de Português e HGP no 2º CEB). Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal.

Barbosa, J. (2010). *Reassentamentos urbanos de imigrantes palestinos no Brasil: um estudo de «campo» de Brasília*. Acedido em 2020: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16648/16648_3.PDF

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Boudou, C. *A História da Geografia – Aula 3*. Acedido em 2020: https://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/13531711052012Topicos_Especiais_em_Geografia_Aula_03.pdf

Cachinho, H. (2000). *Geografia Escolar: orientação teórica e praxis didática*. Acedido em 2020: https://www.researchgate.net/publication/260593351_GEOGRAFIA_ESCOLAR_ORIENTACAO_TEORICA_E_PRAXIS_DIDACTICA

Cáritas Portuguesa. (2019). *Casa comum: migrações e desenvolvimento em Portugal – avançar nas práticas: rumo à inclusão e coesão social*. Acedido em 2020, no web site da: Cáritas Portuguesa: https://caritas.pt/wp-content/uploads/2019/05/Casa-Comum_pt_digital.pdf

Comissão Europeia. *Europa sem fronteiras: O Espaço Schengen*. Acedido em 2020, no web site da: Comissão Europeia: https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/e-library/docs/schengen_brochure/schengen_brochure_dr3111126_pt.pdf

Conselho da Europa. (2018). *Ensino de qualidade na disciplina de História no século XXI – princípios e linhas orientadoras*. Acedido em 2020: <https://edoc.coe.int/en/teaching-history/7755-ensino-de-qualidade-na-disciplina-de-historia-no-seculo-xxi-linhas-orientadoras.html>

Conselho da União Europeia. (2018). *O Espaço Schengen*. Acedido em 2020: https://www.consilium.europa.eu/media/33753/20176365_qc0517045ptn_pdf.pdf

Conselho Superior de Estatística. (2006). *Estatísticas dos Movimentos Migratórios*.

Coutinho, C. (2011). *Metodologia da investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática*.

Direção-Geral da Educação. (2013). *Educação para a Cidadania – linhas orientadoras*. Acedido em 2020: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras_nov2013.pdf

European Political Strategy Centre. (2017). *10 Trends Shaping Migration*. Acedido em 2020: https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/10_trends_shaping_migration.pdf

Faria, J. (2016). *A relevância curricular no ensino de História e Geografia – a importância das TIC*. (Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História e Geografia no 3º CEB). Universidade dos Açores, Portugal.

Ferreira, A. (2009) *A emigração portuguesa e as políticas migratórias europeias*. (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Ciência Política). Universidade de Aveiro, Portugal.

Ferreira, P. (2017). *Migrações e Desenvolvimento*. Acedido em 2020: https://www.academia.edu/35956598/MIGRA%C3%87%C3%95ES_E_DESENVOLVIMENTO

Figueiredo, L. (2015). *Migrações e Demografia*. Acedido em 2020: https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/aed_ficha_migrdemogrf.pdf

Fundação Calouste Gulbenkian. (2005). *As migrações num mundo interligado: Novas linhas de ação. Relatório da Comissão Mundial sobre as migrações internacionais*. Acedido em 2020: https://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/policy_and_research/gcim/GCIM_Report_Complete_PT.pdf

Gonçalves, M. (2009). *Migrações e Desenvolvimento*. Porto, Fronteira do Caos Editores Lda.

Igreja, M. (2004). *A educação para a cidadania nos programas e manuais escolares de História e Geografia de Portugal e História – 2º e 3º ciclos do Ensino Básico – da*

Reforma Curricular (1989) à Reorganização Curricular (2001). (Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Educação, especialização em História da Educação e da Pedagogia). Universidade do Minho, Portugal.

Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento. (2010). *Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (2010-2015)*. Acedido em 2020: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/estrategia_nacional_educacao_desenvolvimento.pdf

Kaercher, N. (2004). *A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da geografia crítica*. (Dissertação para o Doutoramento em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, Brasil.

Khadria, B. & McAuliffe, M. (2019). *World Migration Report: 2020*. Acedido em 2020: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf

Lopes, T. (2014). *Migrações: novas realidades. Viver num mundo em movimento*. (Dissertação para o Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º CEB e Ensino Secundário). Universidade de Lisboa, Portugal.

Meleiro, M. (2004). *Imigrantes: uma nova face da sociedade portuguesa. Um estudo de caso no concelho de Barcelos*. (Obtenção do grau de Mestre em Estudos Europeus). Universidade do Minho, Portugal.

Ministério da Educação. *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais*. Acedido em 2020: <https://alvarovelho.net/attachments/article/39/LivroCompetenciasEssenciais.pdf>

Moreira, R. (2009). *O que é a Geografia*. Acedido em 2020: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnx0ZW1wbGFydGVzMTB8Z3g6M2NiYmM2M2Y1MGIyMmY5YQ>

Nolasco, C. (2016). *Migrações internacionais: conceitos, tipologia e teorias*. (Dissertação publicada para a Oficina do CES). Universidade de Coimbra, Portugal.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2016). *Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Acedido em 2020: <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2016/06/educa%C3%A7%C3%A3o-para-cidadania-global.pdf>

Organização Internacional para as Migrações. (2009). *Glossário sobre Migração*. Acedido em 2020: <https://www.acm.gov.pt/documents/10181/65144/Gloss%C3%A1rio.pdf/b66532b2-8eb6-497d-b24d-6a92dadfee7b>

Organização Internacional para as Migrações e Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (2009). *Não são apenas números. Manual do professor. Jogo de ferramentas educacional sobre migração e asilo na Europa*. Acedido em 2020: <https://www.unhcr.org/numbers-toolkit/Manuals/NJN-FINAL-PT.pdf>

Peixoto, J. (2004). *As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas*. Universidade Técnica de Lisboa, Portugal.

Pereira, J. S. (2013). *Algumas reflexões sobre o conceito de empatia e o jogo de RGP no Ensino da História*. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Acedido em 2020: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364641045_ARQUIVO_ALGUMAS_REFLEXOESSOBREOCONCEITODEEMPATIAEOJOGODERPGNOENSINODEHISTORIA.pdf

Puri, S. & Ritzema, T. (1999). *Migrant worker remittances, micro-finance and the informal economy: prospects and issues*.

Ribeiro, O. (2008). Deslocamentos da população em Portugal: programa de um estudo. *Finisterra*, pp. 95-100.

Rodrigues, D., Correia, T., Pinto, I., Pinto, R., & Cruz, C. (2013). *Um Portugal de imigrantes: exercício de reflexão sobre a diversidade cultural e as políticas de integração*. *Da investigação às práticas*, 4(I), 82-105.

Silva, M. (2018). *A empatia como estratégia para o ensino-aprendizagem em História*. (Mestrado em Ensino de História no 3º CEB e no Ensino Secundário). Universidade do Porto, Portugal.

Serrão, M. & Baleeiro, M. (1999). *Aprendendo a ser e a conviver*.

Stoddart, D. (1981). *The contextual Approach in Geography, Ideology and Social Concern*. Acedido em 2020: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7763/5611>

Teddie, C. & Tashakkori, A. (2009). *Foundations of Mixed Methods Research: Integrating quantitative and qualitative approaches in the social and behavior sciences*.

Trindade, M. (2014). *Das migrações às Interculturalidades*.

Ulhôa, L., & Marçal, M., & Moreira, S. (2006). *A Didática da Geografia Escolar: uma reflexão sobre o saber a ser ensinado, o saber ensinado e o saber científico*. Acedido em 2020: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9217/5675>

Vieira, D. (2016). *As migrações e a diversidade cultural no ensino da Geografia: proposta de trabalho de campo*. (Mestrado em Ensino de Geografia no 3º CEB e no Ensino Secundário). Universidade de Coimbra, Portugal.

ANEXOS

Anexo 1 – Planificação da vídeo-regência de Português

1ª Aula de Vídeo Regência				
Mestranda: Bruna Dourado	Ano/Turma: 6º ano	Período: 3º	Dia da semana: quinta-feira	Data: 30/04/2020
Área disciplinar: Português		Tempo: 45 minutos		Aula nº 1
<p>Sumário: - Introdução ao texto dramático – <i>Os Piratas</i>, de Manuel António Pina</p> <p>- Leitura e análise da cena 1 da obra – preenchimento de um guião de leitura</p>				
Temas/Domínios	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos/Espaços Físicos	Avaliação
Oralidade (O6) Leitura e Escrita (LE6)	Programa e Metas Curriculares:	Para iniciar a vídeo regência na área curricular de Português, a professora estagiária começa por saudar todos os presentes. De seguida, a professora estagiária apresenta uma mensagem codificada, para que os alunos descubram o tema da sessão – Texto Dramático (Anexo 1). (5min)	Computador Internet	Respeita os professores, os colegas de turma e as regras; É pontual;

<p>Educação Literária (EL6)</p>	<p>4. Compreender e apresentar argumentos.</p> <p>1. Identificar argumentos que fundamentam uma opinião.</p> <p>2. Justificar pontos de vista.</p> <p>11. Planificar a escrita.</p> <p>3. Registrar ideias, organizá-las e desenvolvê-las.</p> <p>12. Redigir corretamente.</p>	<p>Após a descoberta do tema, a professora estagiária reforça que o texto dramático tem como objetivo ser apresentado a um público e pode ser escrito em prosa ou em verso, sendo predominantemente dialogal.</p> <p>Para complementar esta “definição”, a professora estagiária mostra à turma um pequeno vídeo expositivo da Escola Virtual sobre a estrutura externa do texto dramático (Anexo 2), realizando no final uma pequena síntese. (5min)</p> <p>Para dar continuidade à vídeo regência, a professora estagiária introduz a obra que irá ser explorada – Os Piratas – e, para isso, cada aluno terá um pequeno guião de leitura sobre a cena 1 elaborado pela professora estagiária (Anexo 3).</p> <p>Desta forma, os alunos devem preencher as atividades propostas do guião, que passam pelas três fases principais e orientadoras: 1) Antes da Leitura; 2) Durante a Leitura e 3) Após a Leitura.</p>	<p>Mensagem codificada</p> <p>Site da Escola Virtual (vídeo)</p> <p>Guião de Leitura</p> <p>Caderno</p> <p>Material de escrita</p>	<p>Está atento;</p> <p>É autónomo;</p> <p>É empenhado;</p> <p>Participa ativamente;</p> <p>Escuta atentamente e em silêncio;</p> <p>Lê, com entoação e ritmo, a primeira cena do texto dramático;</p>
--	--	---	--	---

	<p>1. Respeitar as regras de ortografia, de acentuação, de pontuação e os sinais auxiliares de escrita.</p> <p>2. Controlar e mobilizar estruturas gramaticais adequadas.</p> <p>18. Ler e interpretar textos literários.</p> <p>1. Ler textos da literatura para crianças e jovens, da tradição popular, e adaptações de clássicos.</p>	<p>(NOTA: O guião de leitura será direcionado e lido pela professora estagiária e os alunos devem realizar os exercícios no seu caderno.</p> <p>As respostas serão sempre dadas por vários alunos, para que haja uma maior interação com a turma e para que todos possam expor as suas ideias).</p> <p>(30min)</p> <p>Nos últimos cinco minutos da sessão, a professora estagiária pede a um aluno para realizar oralmente um pequeno sumário do que aconteceu ao longo dos trinta e cinco minutos que passaram, encerrando assim a sua vídeo regência.</p> <p>(5min)</p>		<p>Responde, de forma completa e correta, às perguntas do guião de leitura;</p> <p>Tem sentido crítico;</p> <p>É criativo;</p>
--	---	--	--	--

	<p>4. Reconhecer, na organização estrutural do texto dramático, ato, cena e fala.</p> <p>5. Expor o sentido global de um texto dramático.</p> <p>6. Fazer inferências.</p> <p>11. Responder, de forma completa, a questões sobre os textos</p> <p>Aprendizagens Essenciais:</p>			
--	--	--	--	--

	<p>Leitura</p> <ul style="list-style-type: none">- Realizar leitura em voz alta, silenciosa e autónoma.- Explicitar o sentido global de um texto.- Fazer inferências, justificando-as.- Utilizar procedimentos de registo e tratamento de informação. <p>Educação Literária</p> <ul style="list-style-type: none">- Ler integralmente obras literárias			
--	---	--	--	--

	<p>narrativas, poéticas e dramáticas</p> <p>- Reconhecer, na organização do texto dramático, ato, cena, fala e indicações cénicas.</p> <p>Escrita</p> <p>- Utilizar sistematicamente processos de planificação, textualização e revisão de textos.</p>			
--	---	--	--	--

Referências

- Buesco, H., Morais, J., Rocha, M., & Magalhães, V. (2015). *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*. Ministério da Educação e da Ciência.
- Aprendizagens Essenciais:
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/6_portugues.pdf


(Consultado em abril de 2020)

Anexos da planificação

1. Mensagem codificada

1. Q	
2. W	
3. E	
4. R	
5. T	
6. Y	
7. U	
8. I	
9. O	
10. P	
11. A	
12. S	
13. D	
14. F	
15. G	
16. H	
17. J	
18. K	
19. L	
20. Z	
21. X	
22. C	
23. V	
24. B	
25. N	
26. M	

5 3 21 5 9 13 4 11 26 11 5 8 22 9



2. Vídeo da Escola Virtual



3. Guião de Leitura

Guião de leitura – *Os Piratas*

Antes da leitura

1. Completa o bilhete de identidade da obra.

Título: _____

Autor: _____

Ilustrador/a: _____

Editora: _____

O livro faz parte: _____

A capa transmite-me a sensação de:



2. Constrói o campo lexical dos conceitos apresentados.



1



Durante a leitura

3. Vais ler agora a **cena 1** da obra *Os Piratas* de Manuel António Pina.

O lenço vermelho

Cena 1

Sótão.

Meio da tarde.

Dia de tempestade. A chuva bate furiosamente na janela, o vento agita as cortinas.

- 5 *O ruído do mar embravecido ao fundo.
O gemido da ronca.*

Quando abre o pano, Manuel e Ana estão, de pé, em silêncio, olhando pela janela. Água caindo pelas vidraças.

O "espaço do quarto" está invisível (negro).

- 10 **Ana** *(De costas, diante da janela):* Que tempestade!
Se algum barco sai hoje ao mar, afunda-se!

Manuel *(Também de costas):* Os barcos hoje não saem. O mar está muito bravo...

Ana: O mar e a terra...

- 15 **Manuel:** E o céu, e o céu também... Vem aí uma trovoada...

Ana: Uma trovoada? Deus nos livre! Não dês azar!

Manuel *(Volta-se para Ana, erguendo os braços ameaçadoramente):*
Brrrrrrrummm!...



Ana *(Receia, assustada):* Não sejas palema! Assustaste-me...

« **Manuel** *(Rindo):* Não me digas que tens medo de trovoadas...

Ana: E tu não tens?... Palema...

Manuel *(Dá-lhe a mão):* Pronto, Ana, desculpa!
(Ainda a rir): Eu não trovejo mais...

Um trovão lá fora.

« **Ana e Manuel** *estacam, assustados.*

Manuel: Eu não te dizia?...

Ana puxa Manuel para o centro da cena.

Ana: Sê da janela! Pode cair algum raio!

Manuel: Ora, um raio?... Os raios caem no mar!

« *Ana senta-se num banco.*

Manuel vai sentar-se numa cadeira. A cadeira tem uma perna partida e Manuel quase se desequilibra.

Ana *(Rindo alto):* Ah, ah! Os raios a cair no mar e tu a cair no chão...

Manuel muda de cadeira e vem sentar-se ao lado de Ana.

« **Manuel** *(Voltando-se para a janela):* Lembra-te do naufrágio?... Foi num dia de tempestade assim...

Ana: Não fales nisso... É triste... *(Olha em volta, procurando mudar de assunto)*
As coisas que a tua mãe aqui guardas! (Pega numa boneca semidormida.) Não me digas que tu também brincavas com bonecas!

« **Outro trovão.**

Ana encolhe-se de medo.

Manuel *(Sem tirar os olhos da janela):* Foi no dia em que fomos despedir-nos do meu pai... Chovia e trovejava... Como agora...

Ana levanta-se e anda de um lado para o outro, olhando as coisas espalhadas no chão, até que se detém diante da arca. Lá fora, um cão ladra furiosamente.

Manuel: Achas que a América é muito longe?

Ana *(Sem o olhar):* Eu sei lá! É do outro lado do mar, deve ser longe.

Manuel: O meu pai não escreve há três semanas! A minha mãe não fala, mas eu sei que está aflitíssima. A última vez que escreveu disse que ia trabalhar para outra fábrica. A minha mãe tem medo que lhe tenha acontecido alguma coisa. [...]

De repente, Manuel cala-se e fica quieto e muito sério. Ana [...] para diante dele e olhá-lo, sem compreender.

Ana: O que foi, Manuel?

« **Manuel** *(De cabeça baixa e braços caídos ao longo do corpo):* Nada, lembrei-me do naufrágio...

Ana: Do naufrágio? Outra vez? Oh, Manuel... [...]





Manuel: Eu fui lá, à Ponta de Santo António... Fiquei no cimo da falésia a ver. O navio estava deitado de lado e as ondas passavam-lhe por cima, varrendo tudo. Estava tão perto! Quase se lhe podia tocar... Vieram-se os marinheiros no meio do nevoeiro, correndo de um lado para o outro, com os braços no ar, a pedir ajuda... Mas os bombeiros não conseguiram atinar os cabos, e morreram todos. O navio afundou-se, só ficou a proa de fora...

Ana: Eu sei...

10 **Manuel:** Ainda lá está, meio desfeito... Quando o vejo ainda hoje me arrepió todo... [-]

Ana: Não fales mais nisso...

Ana aproxima-se de novo da arca. Pega na mão de Manuel e passa por ele.

Ana: Andá! Vamos procurar coisas na arca...

11 *Ana recomeça a mexer no fundo da arca. [-]*

Ana: E isto? O que é isto?

Manuel estufria-se subitamente.

Manuel (*Pegando no lenço*): O lenço vermelho!

Ana (*do lado de Manuel, cheia de curiosidade*): O

12 que é, o que é? Parece um lenço de pirata...

Manuel (*Num sussurro, fitando paradamente o lenço*): É é...

Ana (*incrédula*): É um lenço de pirata? Oh, Manuel, não mentas... Diz-me, diz-me...

Manuel: É um lenço de pirata, já disse!

13 *Manuel fita o lenço. Ana tira-lhe da mão e observa-o, curiosa.*

Ana: Não acreditas. Não existem piratas!

Manuel: Existem, existem! Se eu te contasse...

Manuel tenta apegar no lenço.

Ana: Não acreditas...

14 **Manuel:** Não sei se existem ou não existem... É uma história tão estranha... Às vezes acho que foi um sonho, outras vezes... Não sei... Foi no dia do naufrágio... Nunca contei isto a ninguém... Até a mim me custa a acreditar... [-]

Ana: Conta, conta!

15 **Manuel:** Não sei se foi um sonho ou não... Foi no dia do naufrágio do "Dover"... Nessa noite eu não conseguia dormir... Não me salam da cabeça os gritos dos marinheiros a pedir ajuda... Chovia muito e havia trovoadas...

As luzes apagam-se lentamente.

O vento, a chuva, a ruína.

16 *Um relâmpago atravessa a cena.*

Manuel António Pires, Os Piratas - Zélio, Porto Editora, 2014 (págs. 7-26, com sugestões)

4



Após a leitura

4. Ordena os acontecimentos da cena 1.

- Ana tem uma nova ideia: explorar a arca ____
- Manuel e Ana estão a observar a tempestade lá fora ____
- Manuel diz a Ana que o lenço vermelho é de piratas ____
- O menino desabafa com Ana, dizendo que o pai não escreve há três semanas ____
- Manuel assusta a amiga ao imitar os barulhos da trovoadas ____

5. Justifica o título da obra com base na primeira cena.

6. Imagina que Manuel conviveu com piratas verdadeiros. **Pensa e cria** uma pequena situação que pode ter acontecido.

5

Resolução do Guião de Leitura

1.

Título: *Os Piratas*

Autor: Manuel António Pina

Ilustrador/a: Carla Manso

Editora: Porto Editora

O livro faz parte: Ler + (Plano Nacional de Leitura – Leitura obrigatória 6º ano)

A capa transmite-me a sensação de: (...)

2.

Campo lexical de pirata: oceanos, tesouros, mapas e navios

Campo lexical de drama: atores/atrizes, palco, ação e público

4.

Anexo 2 – Planificação da vídeo-regência de História e Geografia de Portugal

1ª Aula de Vídeo Regência				
Mestranda: Bruna Dourado	Ano/Turma: 6º ano	Período: 3º	Dia da semana: quinta-feira	Data: 04/06/2020
Área disciplinar: História e Geografia de Portugal		Tempo: 45 minutos	Aula nº 1	
<p>Sumário: - Chuva de ideias a partir da aplicação <i>Mentimeter</i></p> <p>- A população portuguesa</p> <p>- Questionário final através da aplicação Kahoot</p>				
Temas/Domínios	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos/Espaços Físicos	Avaliação
Portugal Hoje	Programa e Metas Curriculares:	Para iniciar a vídeo regência na área curricular de História e Geografia de Portugal, a professora estagiária começa por saudar todos os presentes.	Computador	Respeita os professores, os

	<p><i>2. Conhecer a evolução da população em Portugal e compreender a sua relação com o crescimento natural</i></p> <p>1. Definir população total ou absoluta.</p> <p>2. Caracterizar a evolução da população portuguesa desde o primeiro recenseamento geral da população (1864).</p> <p>3. Identificar o crescimento natural como o principal fator</p>	<p>De seguida, a professora estagiária pede aos alunos que entrem na aplicação <i>MENTIMETER</i>, a partir dos seus dispositivos móveis, e cada aluno deve caracterizar a população de Portugal em quatro palavras. No fim de todos terem feito a caracterização, a professora estagiária debaterá os resultados com a turma.</p> <p style="text-align: right;">(10min)</p> <p>Após o debate inicial, a professora estagiária apresenta um power-point (Anexo 1) com informações e questões sobre a temática abordada – a população de Portugal.</p> <p>(NOTA: A leitura dos slides será da responsabilidade dos alunos e as respostas serão sempre dadas por eles, para que haja uma maior interação com a turma e para que todos possam expor as suas ideias).</p> <p style="text-align: right;">(25min)</p>	<p>Internet</p> <p>Power-point</p> <p>Material de escrita</p> <p>Caderno</p> <p>Mentimeter e Kahoot</p>	<p>colegas de turma e as regras;</p> <p>É pontual;</p> <p>Está atento;</p> <p>É autónomo;</p> <p>É empenhado;</p> <p>Participa ativamente;</p> <p>Escuta atentamente e em silêncio;</p>
--	---	---	---	---

	<p>responsável pela evolução da população.</p> <p>4. Distinguir natalidade de taxa de natalidade e mortalidade de taxa de mortalidade.</p> <p>6. Caraterizar a evolução da natalidade em Portugal.</p> <p>7. Identificar fatores responsáveis pela diminuição da natalidade em Portugal nas últimas décadas.</p> <p>8. Caracterizar a evolução da mortalidade em Portugal.</p>	<p>Para finalizar a vídeo regência, os alunos devem entrar na aplicação <i>KAHOOT</i> e responder a 8 questões relacionadas com a sessão.</p> <p>(NOTA: Sempre que alguma pergunta for respondida de forma incorreta, esta será corrigida e discutida oralmente).</p> <p>(5min)</p> <p>Nos últimos cinco minutos da sessão, a professora estagiária pede a um aluno para realizar oralmente um pequeno sumário do que aconteceu ao longo do tempo que passou, encerrando assim a sua vídeo regência.</p> <p>(5min)</p>	<p>Caracteriza a população portuguesa com base em dados reais;</p> <p>Conhece o conceito de população total e crescimento natural;</p> <p>Identifica causas e consequências;</p> <p>Distingue taxa de natalidade de taxa de mortalidade;</p> <p>Distingue emigração de imigração;</p>
--	--	---	---

	<p>9. Identificar fatores responsáveis pela diminuição da mortalidade em Portugal nas últimas décadas.</p> <p><i>3. Compreender o contributo do saldo migratório na evolução da população em Portugal</i></p> <p>1. Distinguir emigração de imigração.</p> <p>3. Caracterizar a evolução da emigração em Portugal.</p>			<p>Distingue área atrativa de área repulsiva;</p> <p>Lê, com entoação e ritmo;</p> <p>Responde, de forma completa e correta, às perguntas;</p> <p>Analisa criticamente os documentos (ex: gráficos e notícias) apresentados;</p>
--	--	--	--	--

	<p>4. Localizar as principais áreas de destino da emigração portuguesa.</p> <p>5. Identificar as principais causas e consequências da emigração em Portugal.</p> <p>6. Descrever a evolução da imigração em Portugal.</p> <p>7. Localizar os principais países de origem da imigração em Portugal</p> <p><i>4. Compreender a distribuição da população em Portugal</i></p>			
--	--	--	--	--

	<p>2. Interpretar mapas com a distribuição regional da população total/densidade populacional em meados do século XX e na atualidade.</p> <p>3. Identificar os principais fatores responsáveis pelo acentuar de contrastes na distribuição da população na atualidade.</p> <p>5. <i>Conhecer a evolução da população portuguesa por grupos etários</i></p>			
--	--	--	--	--

	<p>1. Identificar os 3 grupos etários.</p> <p>6. <i>Conhecer e compreender as consequências do duplo envelhecimento da população em Portugal</i></p> <p>2. Caraterizar a evolução da esperança média de vida à nascença, identificando os principais fatores responsáveis pelo seu incremento.</p>			
--	--	--	--	--

	<p>3. Referir os principais fatores que contribuem para o duplo envelhecimento da população.</p> <p>4. Localizar as área mais afetadas pelo duplo envelhecimento da população e as respectivas consequências.</p> <p>5. Apresentar medidas com o objetivo de subverter o duplo envelhecimento.</p> <p>Aprendizagens Essenciais:</p>			
--	--	--	--	--

	<p><i>A população portuguesa</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Analisar a distribuição de diferentes fenómenos relacionados com a população e utilizando diferentes formas de representação cartográfica (em suporte físico ou digital); - Comparar a distribuição de diferentes fenómenos demográficos/indicadores demográficos à escala nacional, estabelecendo relações de causalidade e ou de interdependência; 			
--	--	--	--	--

	<ul style="list-style-type: none">- Explicar a ação de fatores naturais e humanos na distribuição da população e do povoamento no território nacional (áreas atrativas e áreas repulsivas); - Identificar/ aplicar os conceitos: população absoluta, crescimento natural, envelhecimento da população, densidade populacional, área atrativa, área repulsiva.			
--	--	--	--	--

Referências

- Ribeiro, A., Nunes, A., Nunes, J., Almeida, A., Cunha, P., Nolasco, C. *Programa e Metas Curriculares de História e Geografia de Portugal do 2º Ciclo do Ensino Básico*. Ministério da Educação e da Ciência.
- Aprendizagens Essenciais:
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/6_historia_e_geografia_de_portugal.pdf

(Consultado em junho de 2020)

Anexos da planificação

1. Power-point



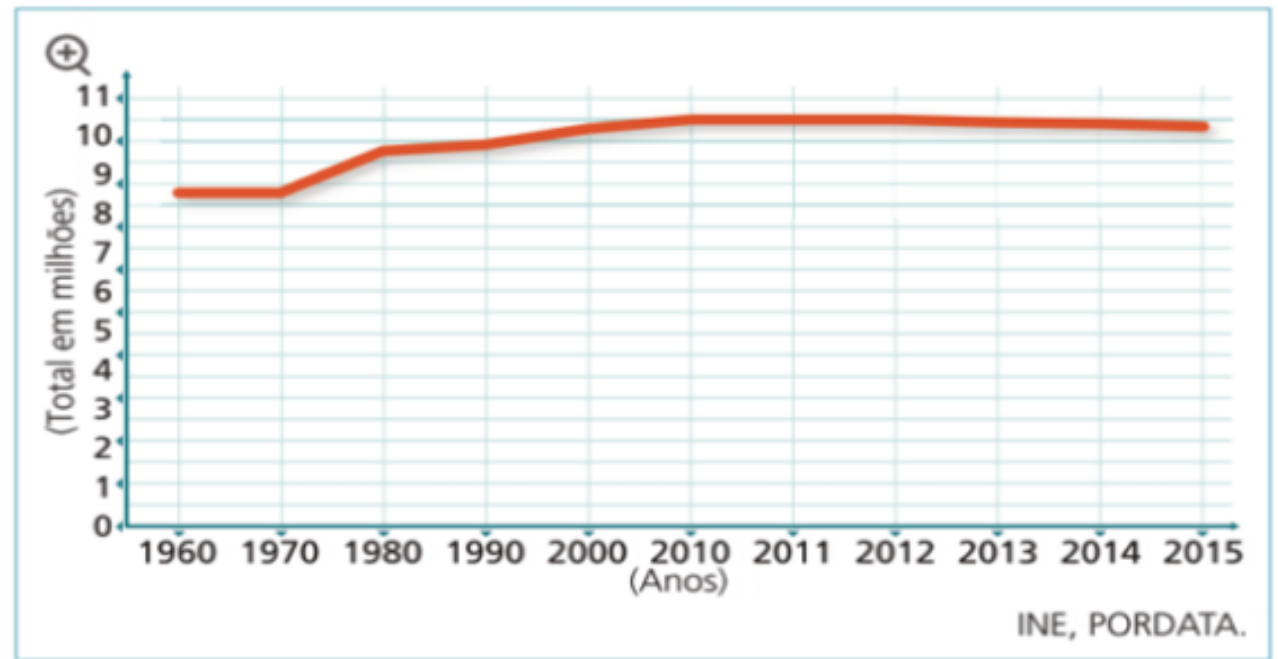
História e Geografia de Portugal

A população em Portugal - 6º ano de escolaridade

População irregular

Em 2015, Portugal tinha uma **população total** de 10 358 100 habitantes.

A população portuguesa, desde o primeiro recenseamento em 1864, tem evoluído de **forma irregular**.



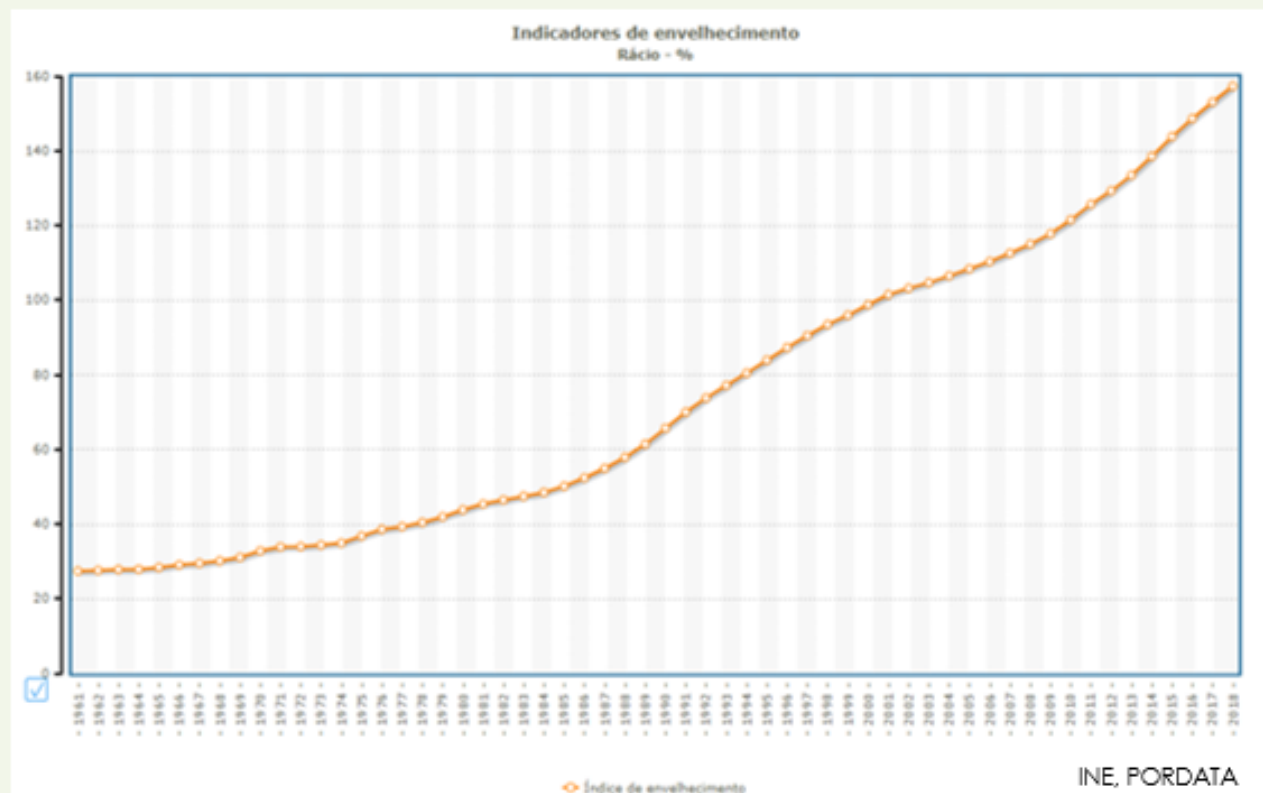
NOTA: A população absoluta/total corresponde ao número integral de habitantes que vivem num determinado período, num determinado local (região, país ou continente).

População duplamente envelhecida

Em 2008, havia 115 idosos por cada cem jovens até aos 15 anos de idade.

Em 2018, este rácio **subiu** para 157 idosos por cada cem jovens.

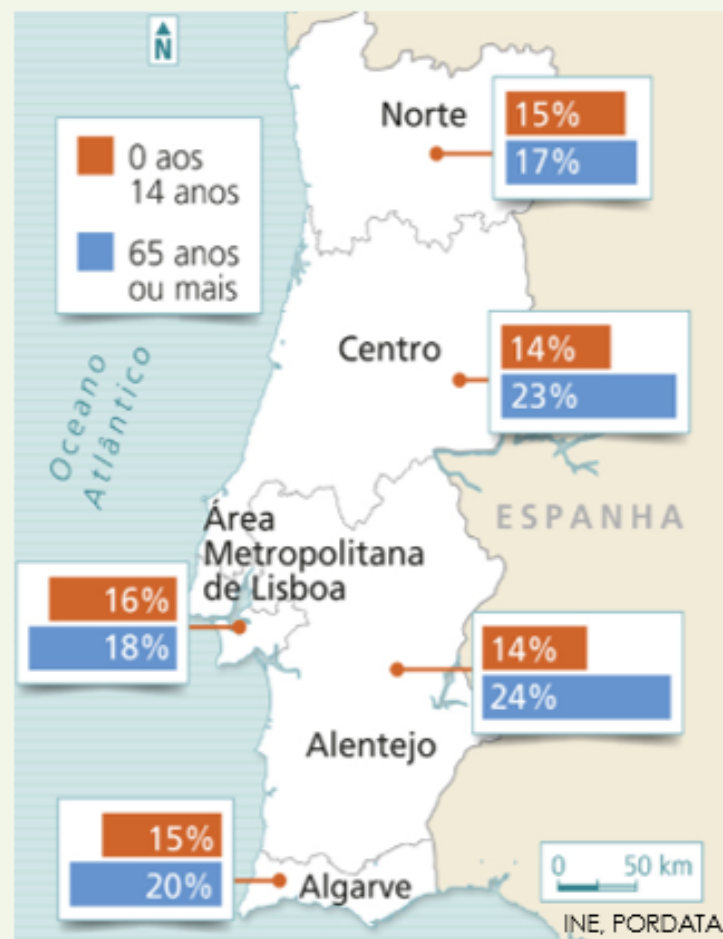
Ao mesmo tempo, **aumentou** também o **índice de dependência de idosos**: em 2008, havia 27 idosos dependentes por cada cem pessoas em idade ativa e o número passou para 34.



NOTA: O rácio é uma relação, geralmente expressa em percentagem (%) entre duas grandezas ("rácio", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa)

A tendência do duplo envelhecimento da população deverá aumentar, devido à redução da **natalidade** e ao aumento da **esperança média de vida**.

As regiões dos Açores e da Madeira são **exceções**, uma vez que verificam um número superior de jovens em relação ao de idosos.



As zonas mais afetadas pelo fenómeno do duplo envelhecimento da população são as **zonas rurais**. Porquê?

Uma vez que tendem ao despovoamento, elas deixam de ser atrativas e passam a oferecer menos condições para quem lá habita.

Questões

1. Procura definições para os conceitos de: a) natalidade e b) esperança média de vida.
2. Refere dois fatores que contribuem para o aumento da esperança média de vida.
3. Comenta as notícias apresentadas e justifica os teus pontos de vista.

Daqui a pouco mais de 20 anos, Portugal vai estar no top 5 dos países com maior esperança média de vida. Um estudo do Institute for Health Metrics and Evaluation (Instituto para as Métricas e Avaliação em Saúde, ligado à Universidade de Washington), financiado pela Fundação Bill e Melinda Gates e publicado esta semana na *Lancet*, mostra que Portugal vai dar um verdadeiro pulo nesta área, da 23ª para a 5ª posição, numa tabela com 195 países que em 2040 será liderada pelo outro país ibérico, a Espanha. Portugal merece mesmo destaque por ser o que mais aumenta a esperança média de vida entre os países desenvolvidos, passando dos 81 para os 84,5 anos, apenas 1,3 anos atrás do espanhol.

Fonte: Diário de Notícias (20 de outubro de 2018)

Portugal apresenta uma das mais baixas taxas de natalidade do mundo, integrando um grupo de 91 países onde as mulheres têm menos de dois filhos. Segundo um estudo da Universidade de Washington, as mulheres portuguesas têm em média 1,3 filhos. Na Europa, só Chipre tem um menor taxa de natalidade.

De acordo com o estudo da revista [The Lancet](#), divulgado pela agência espanhola Efe, Portugal, Espanha e Chipre tem uma taxa de natalidade abaixo da média europeia, que se situa nos 1,6 filhos. Espanha regista uma média de 1,4 e o Chipre de apenas um. Em contraponto, o Níger é o país onde as mulheres têm mais filhos, registando uma média de sete.

"As baixas taxas de natalidade refletem a facilidade de acesso aos serviços de saúde e aos métodos contraceptivos, mas também o facto de muitas mulheres decidirem adiar ou renunciar à maternidade para terem mais oportunidades de educação e emprego", explicou o principal autor do estudo Christopher Murray. O Níger lidera a lista de natalidade (7,1), seguido do Chade (6,7), Somália (6,1) e Mali (6).

O Níger lidera a lista de natalidade (7,1), seguido do Chade (6,7), Somália (6,1) e Mali (6).

Fonte: Diário de Notícias (9 de novembro de 2018)

4. Indica duas medidas que o Governo e as Autarquias podem tomar para lutar contra o despovoamento e envelhecimento em algumas zonas do país.

5. Identifica os objetivos da Autarquia da Golegã ao lançar este cartaz com medidas de incentivo à natalidade.



MEDIDA DE INCENTIVO À NATALIDADE
CÂMARA MUNICIPAL DA GOLEGÃ
INFORMAÇÃO

PARA CRIANÇAS NASCIDAS DEPOIS DE 13 DE OUTUBRO 2014
O Incentivo à Natalidade efetua-se através de:

- Entrega de um subsídio, de prestação única no valor de 600,00€;
- Atribuição de um subsídio mensal no valor de 65,00€, durante os dois primeiros anos de vida da criança;

PARA CRIANÇAS NASCIDAS ANTES DE 13 DE OUTUBRO 2014
O Incentivo à Natalidade efetua-se através de:

- Atribuição de um subsídio mensal no valor de 65,00€, até a criança perfazer os dois anos de idade.

ONDE COMPRAR
São elegíveis as despesas realizadas em estabelecimentos comerciais do concelho.

DOCUMENTOS OBRIGATORIOS
A candidatura para a atribuição do Incentivo à Natalidade deverá ser requerida junto do Serviço de Ação Social da Câmara Municipal da Golegã:

- Fotocópia do Bêhete de Identidade ou Cartão de Cidadão do requerente ou requerentes;
- Fotocópia do Cartão de Contribuinte do requerente ou requerentes;
- Fotocópia da Certidão de Nascimento ou documento comprovativo do registo da criança;
- Atestado da composição do agregado familiar e da sua residência permanente do Concelho, passado pela Junta de Freguesia da sua área de residência;
- Declaração de não dívida ao Município, a solicitar na Divisão de Administração e Finanças.

Qualquer dúvida ou esclarecimento através do 249 979 000 ou consulta do regulamento em www.cm-golega.pt/epolo-ao-municipio/regulamentos



Câmara Municipal da Golegã
Rua 28 de Maio, 100 - Golegã
Tel. 249 979 000 - www.cm-golega.pt

População de imigrantes e emigrantes

A **emigração** e a **imigração** também influenciam a evolução da população de um país.

O aumento da **emigração** em Portugal tem como consequências: i) envelhecimento da população, ii) despovoamento, iii) decréscimo da natalidade e iv) perda de pessoas qualificadas.

Quanto à **imigração**, esta tem diminuído, uma vez que o nosso país já não é tão procurado por aqueles que desejam melhorar as suas condições de vida.

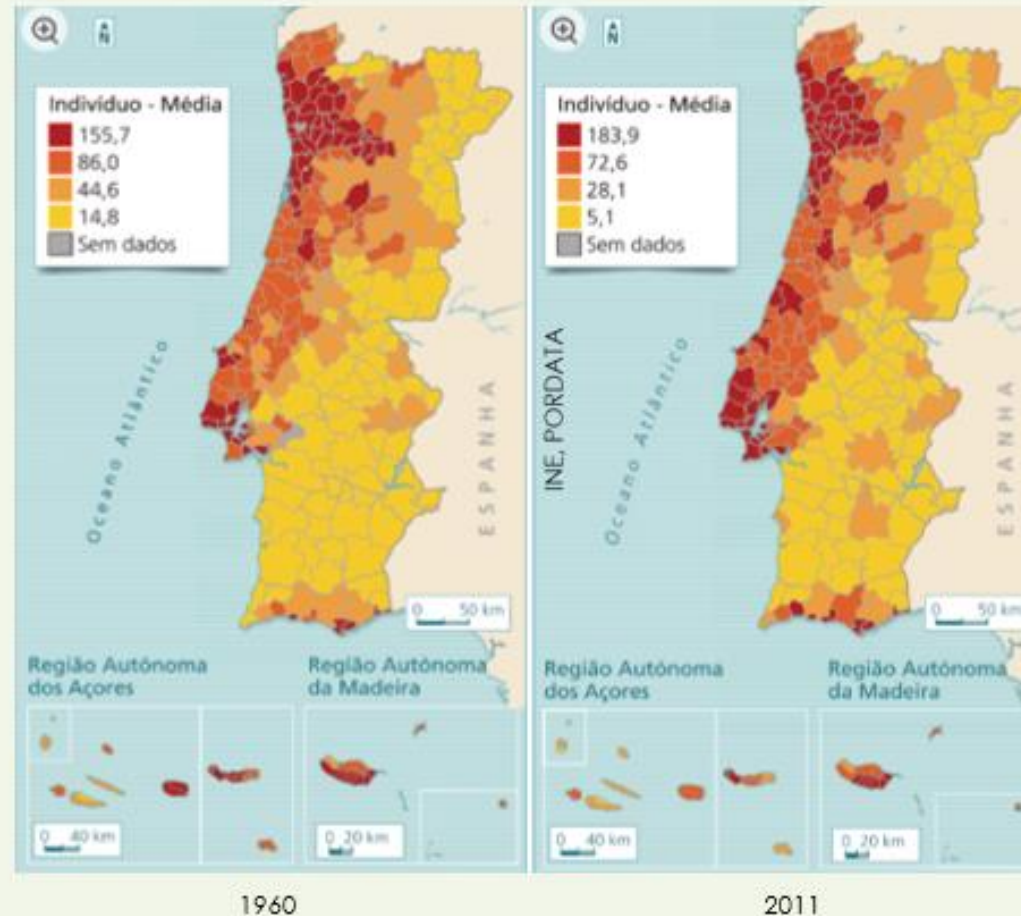


NOTA: Segundo o INE, dos que saem de Portugal, só ¼ são mulheres, enquanto relativamente aos que chegam ao país, mais de metade das pessoas são do sexo feminino.

A distribuição da população

Em Portugal continental, as zonas com maior **densidade populacional** são o litoral, como apresentam as imagens.

Nos arquipélagos, a ilha de São Miguel (Açores) e ilha da Madeira (Madeira), são as mais povoadas.



Questões

1. Refere porque razão as pessoas fixam-se, maioritariamente, em regiões junto ao litoral.

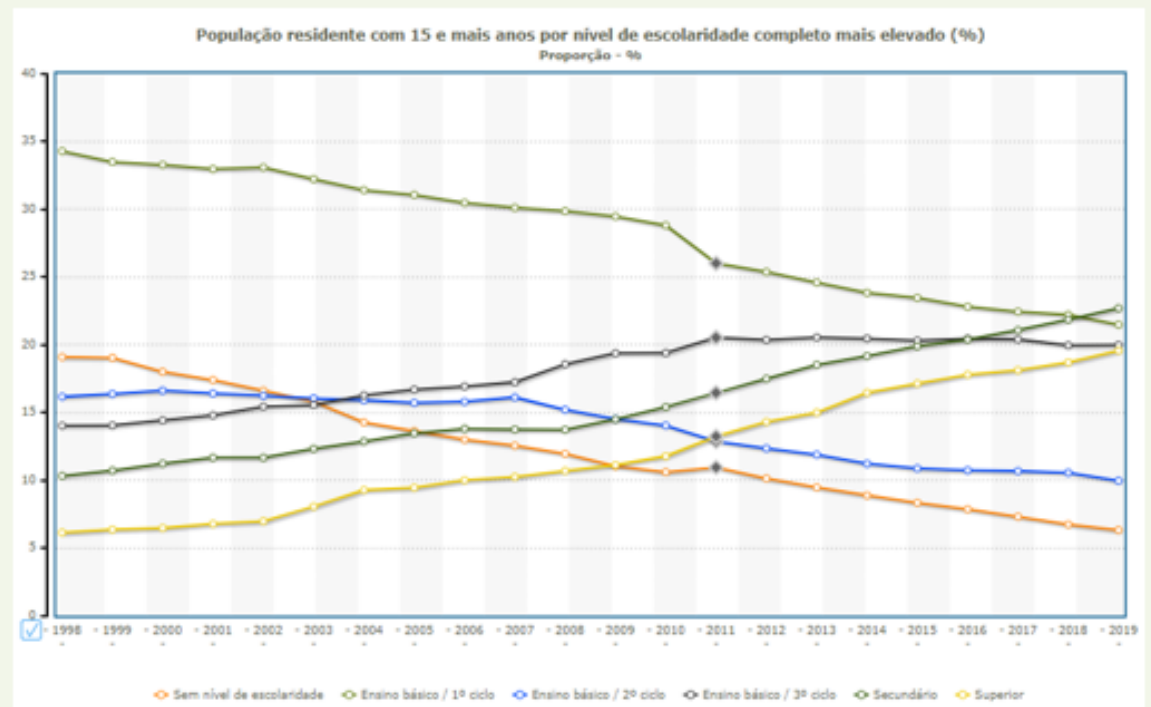
2. Sabias que a maior cidade portuguesa (Lisboa) tem cerca de 540 mil habitantes? E que a cidade de Xangai, na República Popular da China, conta com 20 milhões de habitantes? E na tua cidade, quantas pessoas vivem?



Escolaridade

Segundo a PORDATA, o nível de escolaridade está a diminuir: em 2018, mais de metade (53%) da população com mais de 15 anos tinha apenas o ensino básico como nível de escolaridade mais elevado, 22% o ensino secundário, 19% o ensino superior e 7% não tinham qualquer nível de instrução.

Quanto ao abandono escolar, observou-se que em dez anos houve uma descida de 23 pontos percentuais.



INE, PORDATA

Vamos jogar?

Kahoot!